

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Ana Luiza Vieira Moraes

Narrativas masculinistas e misoginia digital: o papel de Thiago Schutz na propagação do
discurso *Red Pill* no Brasil

Juiz de Fora
Junho de 2025

Narrativas masculinistas e misoginia digital: o papel de Thiago Schutz na propagação do
discurso *Red Pill* no Brasil

Orientador: Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira

Juiz de Fora

Junho de 2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Vieira Morais, Ana Luiza.

Narrativas masculinistas e misoginia digital: o papel de Thiago Schutz na propagação do discurso Red Pill no Brasil / Ana Luiza Vieira Morais. -- 2025.
146 f.

Orientador: Luiz Ademir de Oliveira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2025.

1. Masculinismo. 2. Red Pill. 3. Feminismo. 4. Instagram. 5. Machosfera. I. de Oliveira, Luiz Ademir, orient. II. Título.

Ana Luiza Vieira Moraes

Narrativas masculinistas e misoginia digital: o papel de Thiago Schutz na propagação do discurso Red Pill no Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 11 de junho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Dr.^a Carla Montuori Fernandes

Universidade Paulista

Juiz de Fora, 20/05/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Roberto Figueira Leal, Professor(a)**, em 11/06/2025, às 14:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Montuori Fernandes, Usuário Externo**, em 11/06/2025, às 17:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Ademir de Oliveira, Usuário Externo**, em 12/06/2025, às 18:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2409973** e o código CRC **2AECA946**.

AGRADECIMENTOS

Expresso minha profunda gratidão a todos que contribuíram para que eu me tornasse mestra. Conheci o movimento *Red Pill* através de uma reportagem do programa *Fantástico* sobre o caso de ameaça do *coach* Thiago Schutz à Lívia La Gatto, o que me fez questionar como o machismo e a misoginia estão presentes em muitas esferas da sociedade, disfarçados de "padrões naturais". Desde a adolescência acredito que por meio do feminismo, é possível transformar o mundo em um lugar melhor, mais seguro e com oportunidades tanto para as mulheres quanto para os homens, sem a opressão de estereótipos de gênero.

Agradeço a todos os professores do PPGCOM-UFJF e aos membros da banca de avaliação pelas aulas valiosas e disponibilidade em enriquecer a pesquisa. Em especial, minha sincera gratidão ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Ademir, a quem admiro profundamente. Desde as aulas de jornalismo na UFSJ, tenho tido o privilégio de contar com sua orientação dedicada e profissional, que incentivou minha trajetória acadêmica e publicação de artigos, enxergando em mim um potencial que, até então, eu mesma desconhecia. Ser mestre é, sem dúvida, o reflexo de tudo o que aprendi com esses profissionais extraordinários.

Não poderia deixar de agradecer aos anjinhos que iluminaram o meu caminho e à minha família. À minha avó Jovernisa, a mulher forte que me criou, cuja trajetória de luta para se tornar professora foi, para mim, uma inspiração para seguir meus estudos. Aos meus pais Gildo e Priscila e à minha tia Patrícia, sou grata por todo apoio prestado. Aos meus irmãos, Paulo Ricardo e Luís Felipe, espero que minha história sirva de exemplo para que nunca desistam do conhecimento. A paciência e incentivo do meu namorado Lucas, que, por já ser mestre, compreende os desafios e as renúncias que a carreira acadêmica impõe, sempre estando ao meu lado.

O presente trabalho foi desenvolvido através da concessão de bolsa de estudo de Mestrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001. Aproveito este espaço para agradecer à bolsa e a UFJF, uma universidade pública e de qualidade. E, por fim, agradeço profundamente a todos os professores que passaram pela minha vida, sobretudo, aos da Escola Estadual “Afonso Pena Júnior”, que, principalmente no ensino médio, construíram em mim uma base crítica e instigaram meu amor pelo conhecimento. Ainda, às experiências vividas na cidade de Juiz de Fora e às amizades construídas neste programa de pós-graduação. A todos que fizeram parte deste caminho, meu mais sincero agradecimento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Thiago Schutz oferece motivos para conversar com ele ao invés de buscar a ajuda profissional de um psicólogo.....	84
Figura 2 – Thiago Schutz fala sobre acusação de agressão feita pela ex-namorada Isabela Magoga.....	87
Figura 3 – Thiago Schutz publica vídeo associando a retomada de relacionamento à "quilometragem" da mulher.....	102
Figura 4 – Thiago Schutz reage a vídeo de mulher falando sobre características do “homem ideal”.....	105
Figura 5 – Resposta de Thiago Schutz sobre relação sexual anal – dúvida da caixa de perguntas do <i>Instagram</i>	108
Figura 6 – Thiago Schutz contrapõe vídeo de mulher sobre “sentar bem”.....	111
Figura 7 – Thiago Schutz contrapõe argumento de homem sobre o passado sexual das mulheres	115
Figura 8 – Resposta de Thiago Schutz a relato de traição enviado pela caixa de perguntas do <i>Instagram</i>	120

RESUMO: Esta dissertação examina a ascensão do masculinismo e da comunidade *Red Pill* no Brasil, com ênfase em 54 vídeos e 2 imagens publicados entre 1º e 15 de fevereiro de 2025 no *Instagram* do *coach* Thiago Schutz, além de apontamentos de seu livro *Pílulas de Realidade – Autoconhecimento, propósito, dinheiro e mulheres* (2022) e em sua participação no programa *Morning Show* da Jovem Pan. A pesquisa investiga como a midiatização das relações sociais (Rodrigues, 1990; Braga, 2012) e as plataformas digitais, especialmente o *Instagram* (Karhawi, 2017), configuram-se como espaços de construção e performance de identidades masculinas dentro desse movimento misógino. A partir de uma revisão teórica sobre gênero e sexualidade (Butler, 2024; Foucault, 1999) e mídia, a pesquisa discute o debate em torno da manutenção da masculinidade hegemônica (Connell e Messerschmidt, 2013) em contraposição aos avanços promovidos pelo feminismo (Hooks, 2024), analisando o papel das redes sociais na difusão de discursos de gênero e na perpetuação da violência simbólica. Além disso, examina a chamada “crise da masculinidade” e a ascensão do masculinismo *Red Pill* (Zuckerberg, 2018) como uma reação a transformações socioculturais contemporâneas, caracterizando-se, muitas vezes, pela negação de direitos e pela rejeição à diversidade de identidades de gênero. Com base na análise de conteúdo (Bardin, 2011), identificou-se o uso de metáforas misóginas, narrativas de desvalorização feminina e técnicas de manipulação emocional, além da consolidação das redes como espaços de legitimação de uma masculinidade pautada no controle e na dominação.

Palavras-Chave: *Red Pill*; Violência de gênero; Masculinismo; Machosfera; Instagram; Feminismo

ABSTRACT: This dissertation examines the rise of masculinism and the Red Pill community in Brazil, focusing on 54 videos and two images published between February 1 and 15, 2025, on coach Thiago Schutz's Instagram, as well as notes from his book "Pílulas de Realidade – Autoconhecimento, propósito, dinheiro e mulheres" (2022) and his appearance on Jovem Pan's Morning Show. The research investigates how the mediatization of social relations (Rodrigues, 1990; Braga, 2012) and digital platforms, especially Instagram (Karhawi, 2017), are configured as spaces for the construction and performance of masculine identities within this misogynistic movement. Based on a theoretical review of gender and sexuality (Butler, 2024; Foucault, 1999) and the media, this research discusses the debate surrounding the maintenance of hegemonic masculinity (Connell and Messerschmidt, 2013) in contrast to the advances promoted by feminism (Hooks, 2024). It analyzes the role of social media in the dissemination of gender discourses and the perpetuation of symbolic violence. Furthermore, it examines the so-called "crisis of masculinity" and the rise of Red Pill masculinism (Zuckerberg, 2018) as a reaction to contemporary sociocultural transformations, often characterized by the denial of rights and the rejection of the diversity of gender identities. Based on content analysis (Bardin, 2011), the use of misogynistic metaphors, narratives of female devaluation, and emotional manipulation techniques were identified, in addition to the consolidation of social media as spaces for legitimizing a masculinity based on control and domination.

Keywords: Red Pill; Gender-Based Violence; Masculinism; Machosphere; Instagram; Feminism

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2. SOCIEDADE MUDIATIZADA, REDES E SOCIABILIDADES	16
2.1 A ambiência midiática e a sua interface com a vida social	16
2.2 Mudiatização e novos hábitos de consumo de mídia.....	16
2.3 Redes, <i>Instagram</i> e performance	24
3. DEBATE DE GÊNEROS: DAS ONDAS FEMINISTAS À BUSCA DE MANUTENÇÃO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA	31
3.1 Feminismo, Sexualidade e Gênero	31
3.2 As ondas do feminismo	43
3.3 Mídia, gênero e violência simbólica	48
4. MASCULINISMO OU CRISE DE MASCULINIDADE: A MACHOSFERA	55
4.1 Masculinidade em evidência: o que é ser homem?	55
4.2 Masculinismo e a negação dos direitos e da diversidade	58
4.3 A ascensão da <i>Red Pill</i> e Thiago Schutz - um dos maiores ‘redpilado’ no Brasil	66
5. ESTUDO DE CASO: A POLÊMICA DE THIAGO SCHUTZ NO PROGRAMA <i>MORNING SHOW</i> DA <i>JOVEM PAN</i>	81
5.1 Metodologia e <i>Corpus</i> de Análise	81
5.2 A trajetória de Thiago Schutz	81
5.3 Análise da participação de Thiago Schutz no <i>Morning Show</i>	87
5.3.1 Masculinismo <i>versus</i> Feminismo	88
5.3.2 A representação teatral e as encenações midiáticas	90
5.3.3 Violência simbólica contra as mulheres e as questões sobre a sexualidade.....	93
6. REDES SOCIAIS E MASCULINISMO: UMA ANÁLISE DO CONTEÚDO PRODUZIDO POR THIAGO SCHUTZ NO INSTAGRAM.....	96
6.1 A mulher como quilometragem: metáforas misóginas.....	104
6.2 O bom moço na <i>friendzone</i> : distorções sobre desejo feminino	107
6.3 Quando a mulher diz não: desejo, suspeita e controle do corpo.....	110
6.4 Elegância <i>versus</i> sexualidade: a moralidade feminina	113
6.5 Liberdade sexual e instabilidade conjugal: a manipulação da ciência.....	117
6.6 Vagabundização e ingratidão: a construção da traição feminina.....	122
7 Considerações finais	127
Referências.....	131

1. INTRODUÇÃO

Em um contexto de crescente violência contra as mulheres no Brasil e no mundo, assim como uso frequente das plataformas de redes sociais, nota-se a potencialização de vertentes do movimento masculinista, conhecido como *manosfera* ou *machosfera*, entre elas a *Red Pill*. Trata-se de um movimento com origem nos Estados Unidos, a partir de fóruns na internet, que em uma referência distorcida do filme *Matrix*, prega a necessidade de os homens tomarem a pílula vermelha, ou seja, escolher o caminho da “verdade” em oposição à pílula azul “mundo dominado pelas mulheres”, para assim recuperar a virilidade perdida, principalmente nos últimos anos, com o avanço do feminismo. Tal mobilização nas redes é capaz de influenciar milhares de homens e adolescentes de modo deturpado quanto aos papéis da figura masculina e feminina, com ênfase no universo dos relacionamentos. O presente trabalho visa problematizar como discursos misóginos e machistas se propagam principalmente no *Instagram*, a partir da *Red Pill*. Por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) busca-se analisar os conteúdos produzidos pelo *coach* Thiago Schutz para identificar como a presença de discursos sexistas e ataques ao feminismo influenciam na construção de uma masculinidade nociva para toda a sociedade.

Diante da constatação de que se trata de uma violência “naturalizada” (Bourdieu, 2002), a proposta de pesquisa é analisar como a *Red Pill*, vertente do movimento masculinista em ascendência no país, a partir das plataformas de redes sociais é capaz de estimular a violência contra a mulher e a desigualdade de gênero. Toma-se como objeto de análise o caso do *influencer* Thiago Schutz¹, que ameaçou de morte a atriz e humorista Lívia La Gatto². Serão analisados vídeos postados pelo *coach* no seu perfil do *Instagram* e no canal do *YouTube*, bem como apontamentos presentes em “Pílulas de Realidade – Autoconhecimento, propósito, dinheiro e mulheres”, escrito por Schutz. Para tanto, a pesquisa visa investigar a origem do movimento masculinista e os desdobramentos deste na sociedade.

¹ Thiago da Cruz Schoba é natural de Salto no interior de São Paulo. Conhecido como Thiago Schutz, atualmente tem mais de 430 mil seguidores em seu perfil do *Instagram*, Manual Red Pill (o nome da conta foi alterado para: Thiago Schutz - em novembro de 2023). Segundo a antiga apresentação em seu site, Schutz estudou Engenharia Elétrica e Publicidade e Propaganda. Consta que Thiago presta mentoria individual e em grupo para homens que têm problemas relacionados à interação com as mulheres ou a falta de propósito em suas vidas. Os cursos promovidos têm a intenção de ensinar os homens a seduzir as mulheres e serem mais racionais e menos emocionais. Além disso, Schutz é apresentador do podcast *Pink & Pill*, que vai ao ar, semanalmente, no *YouTube* e tem mais de 30 mil inscritos. Após o ocorrido com Lívia La Gatto, o *coach* ficou conhecido como “o calvo do Campari”.

² Lívia La Gatto é uma atriz e roteirista, de 37 anos, nascida em São Paulo. Se destaca no *Instagram* através de críticas humorísticas em favor das minorias, como contra o machismo e o racismo, além comentar assuntos da atualidade. Sua conta tem mais de 370 mil seguidores.

O interesse para tal estudo parte da repercussão em torno da ameaça feita por Thiago Schutz contra Livia La Gatto em 26 de fevereiro de 2023, quando a atriz recebeu mais de dez ligações pelo *Instagram* e a seguinte mensagem: “Você tem 24 horas para retirar seu conteúdo sobre mim. Depois disso é processo ou bala. Você escolhe”. Além dela, as influenciadoras Vanessa de Oliveira³ e Bruna Volpi⁴ também foram atacadas e denunciaram Schutz para a polícia.

A motivação para tanto está relacionada a uma série de acontecimentos. Em 3 janeiro daquele ano, o *coach* e influenciador de masculinidade Thiago da Cruz Schutz, ou Thiago Schutz, como ele se apresenta nas plataformas sociais, participou de uma gravação do Buteco Podcast⁵, um canal no *YouTube*. Durante a entrevista, o *coach* disse que se, numa situação hipotética, um homem estiver ingerindo determinada bebida, como, por exemplo, o Campari⁶, ao chegar perto dele uma mulher e lhe oferecer uma cerveja, o homem não pode aceitar. Segundo a explicação de Thiago, “a mulher tem muito essa coisa de tentar moldar o cara; tentar colocar o cara debaixo dela, mas isso não é na maldade, é como se fosse um teste realmente, né? Tipo assim, deixa eu ver quanto esse cara segura a opinião dele” (Schutz, 2023). Em 31 de janeiro, o influenciador postou em seu perfil profissional no *Instagram*, Manual Red Pill⁷ Brasil, um recorte de cerca de 50 segundos com esse trecho da entrevista, que logo viralizou tanto entre os seus seguidores quanto entre pessoas fora do universo do masculinismo.

A atriz Livia La Gatto, no dia 13 de fevereiro, gravou um vídeo irônico na mesma plataforma, em que debochava de homens que promovem discurso de ódio contra as mulheres. Inclusive, fez referência direta ao vídeo do Campari, mas sem citar o nome de Schutz. Após a atriz e as influenciadoras repercutirem negativamente o discurso da machosfera, Thiago Schutz tentou intimidá-las, acabou denunciado e se tornou réu do caso contra Livia em março daquele ano, após a conclusão do inquérito policial e o

³ Vanessa de Oliveira, também conhecida como "Mulher Magnética", é uma escritora, empresária, sexóloga, ex-atriz pornográfica e ex-garota de programa brasileira. Autora de seis livros de temáticas diversas, contracenou em três filmes de conteúdo adulto. Desde 2015, também possui um canal no *YouTube* e conta com 1 milhão de seguidores no *Instagram*.

⁴ Bruna Volpi é cantora, musicista, educadora vocal e influenciadora. Bruna tem mais de 170 mil seguidores no *Instagram*. Seus vídeos nas plataformas sociais são focados na luta pelos direitos humanos e contra preconceitos, como machismo e LGBTfobia.

⁵ O Buteco Podcast é um canal no *YouTube*, que surgiu em 7 de junho de 2022. Conta com mais de 4 milhões de inscritos e já teve mais de 200 mil visualizações. O intuito do canal é trazer conteúdos escondidos nas entrelinhas de forma descontraída.

⁶ Campari é um *bitter* servido como aperitivo obtido pela infusão de sessenta ingredientes, combinados e macerados num malte de água destilada e álcool. É fabricado pelo Grupo Campari, de Milão, Itália.

⁷ Recentemente o nome da conta foi alterado para Thiago Schutz.

encaminhamento de denúncia pelo Ministério Público de São Paulo, aceita pelo Foro Central Criminal da Barra Funda. O *coach* podia ser condenado de 2 meses a 6 anos, por ameaça e violência psicológica. Antes de se tornar réu, houve uma determinação para que mantivesse ao menos 300 metros de distância de Livia e Bruna, sem poder ter contato virtual, nem estar no mesmo ambiente que as vítimas.

Contudo, em uma audiência *online*, que aconteceu no dia 9 de novembro de 2023, no Fórum da Barra Funda, o Ministério Público de São Paulo propôs a suspensão do processo por 2 anos, que foi prontamente acatada pela justiça. Como condição para que isso aconteça, Thiago Schutz deve comparecer bimestralmente por esse período a um cartório para assinar sua presença e justificar atividades profissionais. Também não pode sair da cidade onde reside, por mais de oito dias, caso não tenha autorização. Dessa forma, se Thiago não for processado novamente, o caso será arquivado e extinto, sem qualquer punição. É importante mencionar que nenhuma testemunha, vítimas ou o acusado foram ouvidos, pois a proposta do MPSP aconteceu no início da audiência.

Mas afinal, o que é a *Red Pill*? A expressão é uma referência ao filme *Matrix*⁸ (1999), em que o personagem principal, Neo, deve escolher entre duas pílulas: a pílula vermelha, que permitirá que ele veja a verdade por trás da ilusão em que vive, ou a pílula azul, que fará com que ele esqueça tudo e retorne ao mundo de fantasia. O movimento, que surgiu a partir de fóruns na internet, prega que é necessário tomar a pílula vermelha para recuperar a virilidade perdida, principalmente nos últimos anos, com o avanço do feminismo. Apesar de a metáfora da pílula vermelha do filme *Matrix* ser utilizada pela *Red Pill*, depois de 21 anos do lançamento da produção, uma das autoras, Lily Wachowski, revelou em uma entrevista à Netflix, que o filme nasceu da raiva que ela e sua irmã tinham do capitalismo e de formas de opressão. Ambas são mulheres trans que ainda não tinham revelado essas identidades na época do filme. Ou seja, para as autoras, o filme representa a revolta com a sociedade que as duas sentiam antes de se identificarem como mulheres.

Também existem outros grupos de masculinidade famosos na internet. Os *Incel* auto intitulam-se "celibatários involuntários", culpam as mulheres por não conseguirem ter relações sexuais e estimulam violência contra qualquer grupo sexualmente ativo. Inclusive,

⁸ *Matrix* é um filme australo-estadunidense de 1999, que envolve ação e ficção científica, dirigido e escrito pelas irmãs Lily e Lana Wachowski. A história retrata um futuro ciberpunk distópico no qual a realidade, como percebida pela maioria dos humanos, é, na verdade, uma realidade simulada por computador chamada "Matrix", criada por máquinas sencientes (evolução da inteligência artificial) para subjugar a população humana na forma de hibernação, enquanto o calor e a atividade elétrica de seus corpos são usados como fonte de energia. O cibercriminoso e programador de computador Neo descobre este fato e é atraído para uma rebelião contra as máquinas, que envolve outras pessoas que foram libertadas do "mundo dos sonhos".

vários homens que realizaram atentados em escolas nos Estados Unidos e no Brasil participavam de fóruns na internet de *Incel*. Já os MGTOW (*Men Going Their Own Way*), uma sigla que significa em português, "homens seguindo o seu próprio caminho", acreditam que a sociedade deve romper com as mulheres, porque, segundo eles, o feminismo tornou as mulheres perigosas. O *Southern Poverty Law Center*, organização americana que é referência no monitoramento de movimentos extremistas, define o MGTOW e a *Red Pill* como grupos de supremacia masculina que querem subjugar as mulheres.

Nos vídeos publicados por Thiago Schutz em seu *Instagram*, são disseminados machismo e misoginia, a partir dos conceitos do movimento. Com mais de 450 mil seguidores, mantinha cerca de três postagens semanais em 2023 e, hoje, em 2025, mantém o mesmo ritmo, mas, em vez de semanal, diário. Schutz assume que as mulheres que usam roupas curtas, mas estão em um relacionamento sério, buscam ser validadas e desejadas sexualmente por outros homens e dessa forma gerar insegurança no parceiro. Isso significa, na verdade, uma tentativa de que o homem possa ter o direito de controlar os corpos, incluindo a vestimenta, da mulher, numa clara demonstração de dominação masculina (Bourdieu, 2002). Ademais, para estar em um relacionamento amoroso, é necessário que a mulher sirva o “seu homem”, que este inclusive, é um dos problemas da infelicidade feminina, quando não querem servir e só serem servidas. Isso porque, para Schutz, as mulheres recebem proteção física, financeira e emocional, então devem retribuir ao parceiro amoroso. Em *O Livro das Red Flags*: os comportamentos femininos que podem arruinar a vida do homem moderno, o influenciador traz 30 bandeiras vermelhas de comportamentos femininos que podem arruinar a vida do homem moderno. Entre eles estão a de ser mãe solteira, feminista, ter tido vários parceiros sexuais durante a vida, gostar de baladas e até mesmo ter muitas tatuagens e *piercings*. É possível entrever a busca pelo controle do corpo e “moral” feminina, assim como a submissão da mulher ao homem.

Em um contexto mais recente, em 13 de dezembro de 2024, o *Jornal Nacional*⁹ divulgou uma matéria sobre um estudo do Laboratório de Estudos de Internet da Universidade Federal do Rio de Janeiro em parceria com o Ministério das Mulheres que revelou o aumento do discurso de ódio contra mulheres na internet. De 2018 a 2024, o estudo identificou 137 canais no *YouTube* que pregam a misoginia. Foram publicados 105 mil vídeos que tiveram 3,9

⁹ Jornal Nacional (também conhecido pela sigla JN) é um [telejornal brasileiro](#) produzido e exibido desde 1 de setembro de 1969 pela [TV Globo](#). Transmitido de segunda-feira a sábado no [horário nobre](#), é considerado o principal noticiário televisivo em audiência e repercussão no país.

bilhões de visualizações nos últimos seis anos e 80% dos canais usam estratégias de monetização, como anúncios e vendas de produtos, e faturam com o ódio às mulheres. A pesquisa cita que, em alguns casos, vendem livros e até cursos que defendem o ódio contra as mulheres independentes e feministas, além de incentivar práticas de humilhação para dominá-las. O *YouTube* afirmou que não foi procurado e que este ano já removeu mais de 500 mil vídeos que circulam discurso de ódio, uma diretora da plataforma, entretanto não demonstrou ter uma política específica para o combate à misoginia. Com efeito, as pesquisadoras defendem a responsabilização das plataformas digitais por permitirem a circulação de tais conteúdos. O Supremo Tribunal Federal está julgando a responsabilidade das plataformas por conteúdos publicados por usuários e a possibilidade de remoção do material, com base no Marco Civil da internet. No início da pesquisa desta dissertação, em maio de 2023, Schutz tinha cerca de 330 mil seguidores no *Instagram*, hoje já está com 450 mil, seu canal no *YouTube* *Pink e Pill* também subiu de cerca de 20 mil inscritos para 31 mil, o coach ainda mantém outro canal no *YouTube* “Thiago Schutz (Oficial)”, que detém quase 50 mil inscritos, o que ainda corrobora o crescimento da misoginia na internet apontado pela pesquisa.

O embate de visões sobre o papel da mulher e do homem na sociedade também se intensificou entre as novas gerações. De acordo com pesquisa publicada em janeiro de 2024 pelo jornal britânico *Financial Times*¹⁰, com dados de EUA, Alemanha, Reino Unido, Polônia, China, Coreia do Sul e Tunísia, há um distanciamento cada vez maior de ideologia entre gêneros quando o assunto é geração Z — jovens nascidos entre 1995 e 2010. As mulheres estão cada vez mais progressistas enquanto os homens, mais conservadores. A pesquisa foge do padrão histórico, pois a tendência é que cada geração tenha opiniões parecidas quando se trata de ideologias políticas e no geral. Tal distanciamento que reverbera pelo mundo todo pode afetar taxas de matrimônio, natalidade e ter impactos no cenário político dos países nos próximos anos.

A partir dessas considerações pretende-se responder à questão principal da pesquisa. Quais aspectos do masculinismo que acionados – por meio da interpretação de Thiago Schutz sobre a *Red Pill* - estimulam a desigualdade de gênero e a violência contra a mulher, a partir das plataformas de rede social, tomando como recorte os vídeos e o livro publicados pelo influenciador? Em relação às questões secundárias, são elencadas: Qual imagem é construída pelo discurso de Thiago Schutz sobre o que é ser homem (atributos pessoais, capital

¹⁰ *Financial Times* é um jornal diário internacional de língua inglesa, com uma ênfase especial em negócios e notícias econômicas. O jornal foi fundado em 1888 em Londres por James Sheridan e Horatio Bottomley, e se fundiu em 1945 com o seu rival mais próximo, o *Financial News*.

financeiro, comportamento social)? Qual imagem é construída pela *Red Pill* sobre o que é ser mulher (atributos pessoais, idade, comportamento social)? Como a *Red Pill*, a partir das representações sociais que cria, busca, a partir de suas narrativas, impactar nos relacionamentos amorosos heterossexuais? Que recursos comunicacionais, narrativos e dramáticos Thiago Schutz utiliza para tentar influenciar homens (adultos e adolescentes) a enxergar o gênero oposto (feminino) como submisso? Como os discursos das diversas vertentes do masculinismo em ascensão nas plataformas de redes sociais (*Red Pill*, *Incel* e *MGTOW*) buscam atingir, principalmente, jovens e adolescentes, que, a priori, estão numa fase ainda de consolidação de suas identidades, papéis sociais bem como de suas sexualidades?

Tendo em vista o cenário de crescimento de violência contra a mulher e ainda a dificuldade da mulher de se inserir no espaço público e trabalhista, em consonância com o espaço maior que o masculinismo adquiriu nos últimos anos, o caso de Thiago Schutz contra Livia La Gatto e os conteúdos misóginos que o *coach* publica possibilita que o objeto a ser analisado seja rico para pesquisas e investigações.

A dissertação tem como principal objetivo, a partir do debate sobre a crise da masculinidade, investigar como as mulheres têm sido alvo de ataques por meio de movimentos do masculinismo, principalmente, na esfera das redes sociais, tomando como objeto de análise o caso de Thiago Schutz, maior influenciador da *Red Pill* no Brasil. Como objetivos específicos desta pesquisa têm-se: (a) identificar a imagem construída sobre a performance dos gêneros masculino e feminino; (b) verificar como a *Red Pill* mobiliza a sociedade para conseguir mais adeptos (c) analisar como os vídeos e o livro publicados por Thiago Schutz influenciam nos relacionamentos amorosos heterossexuais; (d) identificar as razões que estimularam a ascensão do masculinismo desde o surgimento até o contexto atual; (e) apontar como o discurso aciona o masculinismo, inclusive em jovens e adolescentes.

Quanto às hipóteses, em função do aumento da violência contra a mulher e desigualdade de gênero ainda marcante na sociedade, percebe-se que o movimento *Red Pill*, a partir de discursos ora mais brandos ora mais acalorados, produz e estimula comportamentos preocupantes sobre a performance esperada dos papéis de gênero. A ameaça contra Livia La Gatto por um vídeo irônico pode ser interpretada como um símbolo de reforçar a ideia de supremacia e força masculina, a qualquer custo, seja ele psicológico ou físico. Enquanto a suspensão do julgamento do caso, reforça a sensação de impunidade quando a vítima, uma mulher, não se cala e enfrenta o agressor e a opinião pública. Paradoxalmente, ao tentar reafirmar o poder dos homens, a partir dos argumentos de Nolasco (2001), tais movimentos e

discursos também refletem uma masculinidade em crise e fragilizada, que, em meio a tantas cobranças de uma sociedade espetacularizada e baseada na produtividade e no sucesso profissional e pessoal, busca se proteger de questionamentos partindo para ataques e acionando a violência, tanto física, como psicológica, mas, de forma bem recorrente, a simbólica.

Outra hipótese é de se observa, a partir de movimentos como o *Red Pill*, como o masculinismo se apropria do espaço virtual (*Instagram*) e atinge determinadas bolhas como homens fora do padrão esperado pela sociedade (obesos, carecas, vida financeira desestabilizada...), muitos que sofreram *bullying* e/ou tiveram grandes decepções amorosas. Estes, em situações de maior fragilidade emocional geram engajamento e passam a acreditar em um discurso de ódio que se torna lucrativo financeiramente e a um nível de status social para *coachs* como Thiago Schutz.

Há ainda um terceiro aspecto desta hipótese, que trata do conflito geracional entre os gêneros e as opiniões ideológicas. Enquanto as mulheres se sentem libertadas pelo feminismo, os homens se sentem oprimidos pelo mesmo. A partir disso, as chances de os relacionamentos amorosos serem duradouros e respeitosos caem. Vale lembrar que, segundo a pesquisa “O brasileiro ama as redes sociais”, divulgada em 2022, a geração Z (nascidos entre 1995 e 2010) é a que passa mais tempo nas redes sociais, ou seja, pode ser considerada a mais vulnerável para introjetar esse discurso. Tanto pela idade que é pautada na busca de grupos e sensação de pertencimento, quanto pelo uso constante das redes.

Em relação ao desenho metodológico, foram acionadas algumas técnicas, como pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e análise de conteúdo. No caso da revisão bibliográfica, como eixos temáticos, foram abordados: (a) feminismo e masculinismo – a interseção e a diferença entre os movimentos; (b) a construção social do masculinismo; (c) a crescente utilização da internet, com enfoque nas plataformas de redes sociais, para disseminação de movimentos do masculinismo. Quanto à pesquisa documental, pretende-se recorrer à entrevista de Thiago Schutz ao programa da *Jovem Pan, Morning Show*, e coletar material postado pelo influenciador, num total de 54 vídeos, entre os dias 1º e 15 de fevereiro de 2025. A coleta foi feita através do link dos vídeos, que foram baixados pelo site *saveclip*¹¹. Foram coletados 54 vídeos e 2 imagens do *Instagram* do *influencer*, entre os dias 1º e 15 de fevereiro de 2025, e as informações apresentadas correspondem aos dados obtidos em 15 de

¹¹ Disponível em: <https://saveclip.app/pt>.

abril do mesmo ano. O recorte no mês de fevereiro justifica-se por ser no mês que Schutz “viralizou” nas redes em 2023, além de objetivar um caráter mais atual para a pesquisa.

Quanto às categorias da Análise de Conteúdo, a partir de Bardin (2011), são apontadas, preliminarmente, as seguintes categorias: (1) a construção da “masculinidade” em oposição ao “feminino”, já que, para o autor, ser homem masculinizado é estabelecer diferenças substanciais em relação ao papel da mulher; (2) a violência simbólica e o discurso de ódio contra as mulheres presentes nos discursos do influenciador; (3) técnicas de manipulação e persuasão usadas por Thiago Schutz; (4) as redes sociais como espaço de lutas simbólicas, mas também como instância de reprodução de estereótipos e estigmas.

A dissertação está dividida em sete capítulos. Após a introdução, o segundo capítulo aborda conceito o de midiaticização e seu impacto na sociedade contemporânea. São analisadas as mudanças nos hábitos de consumo de mídia e a centralidade das redes sociais digitais, especialmente o *Instagram*, na construção de identidades e performances na ambiência *online*. O terceiro capítulo é pautado pelo debate de gênero e sexualidade, a partir dos avanços feministas. Nesse sentido, são analisadas as interseções entre mídia, gênero e violência simbólica, evidenciando como as plataformas digitais operam na reprodução e disputa desses discursos. O quarto capítulo analisa o conceito de masculinismo e a chamada “crise da masculinidade”, explorando como esses discursos são mobilizados para reafirmar papéis de gênero tradicionais e rejeitar avanços feministas. Nesse contexto, discute-se a ascensão da *Red Pill* e a atuação de influenciadores como Thiago Schutz na disseminação dessas ideias.

O quinto capítulo apresenta um estudo de caso sobre a participação de Thiago Schutz no *Morning Show* da Jovem Pan, articulando sua trajetória, estratégias discursivas e performances midiáticas. Além da análise do programa, no sexto capítulo são examinados conteúdos publicados no *Instagram* do influenciador, de modo a compreender como a plataforma é utilizada para amplificação e legitimação dos discursos masculinistas. Por fim, o sétimo capítulo traz as considerações finais, para sintetizar os achados da pesquisa e refletir sobre as implicações da midiaticização para o debate público sobre gênero. A dissertação busca, assim, contribuir para a compreensão dos embates discursivos que permeiam a contemporaneidade, principalmente no ambiente digital.

2. SOCIEDADE MEDIATIZADA, REDES E SOCIABILIDADES

As transformações tecnológicas das últimas décadas redefiniram profundamente as dinâmicas sociais, principalmente com o avanço das redes sociais na internet, colocaram a mediatização como um processo central na construção das interações contemporâneas. As mídias não apenas mediam a comunicação, mas estruturam formas de sociabilidade, influenciam hábitos, discursos e performances no ambiente digital. Nesse sentido, as redes sociais digitais podem ser espaços de construção e reconhecimento identitário, onde indivíduos negociam visibilidade, reconhecimento e pertencimento. O *Instagram*, foco da análise, tornou-se um campo de intensa performatividade, no qual as interações são atravessadas por lógicas algorítmicas e dinâmicas de autoapresentação. Este capítulo discute as implicações desse cenário, abordando a ambiência midiática, as transformações nos hábitos de consumo de mídia e os efeitos das redes digitais sobre as relações sociais.

2.1 A ambiência midiática e a sua interface com a vida social

A mídia exerce um papel central em nossa sociedade, sendo capaz de influenciar tanto os modos de percepção das informações quanto quais práticas e conceitos devem permear a nossa convivência. Desse modo, a comunicação midiática não apenas informa, mas também estrutura formas de ver e agir no mundo. A análise da ambiência midiática e de sua interação com as estruturas sociais possibilita um entendimento mais aprofundado das dinâmicas contemporâneas da comunicação.

Na obra *Sobre a televisão* (1997), Pierre Bourdieu analisa o campo jornalístico como espaço de disputas simbólicas profundamente marcado por relações de poder. Ele argumenta que a televisão, ao impor pautas e restringir o tempo e a forma dos discursos, atua como um instrumento de censura invisível, pois define o que pode ou não ser dito em função da lógica da audiência. Essa forma de imposição simbólica não é neutra: condiciona o modo como os indivíduos percebem a realidade, agem e interagem com o mundo. Ao tratar da ambiência midiática, é possível perceber como esse espaço moldado pela televisão, e atualmente com mais impacto pelas redes sociais, interfere nas práticas sociais.

A comunicação, conforme Adriano Duarte Rodrigues (1990, p.154), revela um paradoxo, porque ao mesmo tempo que é "instintiva e instituída", funciona como um processo contínuo de "elaboração de um espaço público e agenciamento das regras impostas pela conformidade social, pluralidade feita de múltiplas singularidades". Esse processo está

diretamente relacionado à ideia de "esfera pública", conceito que Rodrigues utiliza para descrever o espaço onde os atores "ganham visibilidade social". Ele também aborda os "campos sociais", que funcionam como "esferas de legitimidade", como o religioso, o familiar, o militar, o político e o científico, os quais "Definem esferas de autoridade que impõem atos de linguagem, discursos e práticas conformes dentro de um domínio específico de competência" (p. 157). Dessa forma, a comunicação se encontra em um contexto de disputas simbólicas e relações de poder, onde as normas e valores são continuamente construídos e legitimados.

Assim, a visibilidade midiática, como discute Thompson (1997), passou a ser mediada pelas tecnologias de comunicação, rompendo com a lógica da co-presença física. Antes, só se era visível para quem estava no mesmo espaço-tempo. Com a consolidação da mídia eletrônica, especialmente a televisão e, posteriormente, das redes sociais, essa visibilidade ganhou novas possibilidades. "O fenômeno da publicidade se separou da ideia de conversação dialógica em espaços compartilhados e ligou-se de forma cada vez mais crescente ao tipo de visibilidade produzida e alcançada pela mídia" (Thompson, 1997, p. 119). Essa exposição, no entanto, exige controle: quem não administra bem o próprio grau de visibilidade pode sofrer consequências simbólicas e sociais. Como, por exemplo, escândalos, que são muitas vezes resultado direto de uma falha nesse gerenciamento.

A visibilidade proporcionada pelos meios de comunicação afeta diretamente a vida cotidiana, especialmente com o advento das redes sociais, onde vida pessoal e trabalho se fundem em um mesmo ambiente de exposição. Nesse cenário, indivíduos como o *coach* Thiago Schutz, antes fora dos centros de poder midiático, conseguem alcançar projeção pública, ainda que sujeitos às regras das plataformas e aos julgamentos constantes do público. O episódio em que Schutz ameaça a atriz Livia La Gatto rompe sua bolha de seguidores e amplia sua circulação, transformando o que seria um escândalo em capital simbólico. Como explica Bourdieu (2011, p. 8), "o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem". Ou seja, a autoridade de Schutz se sustenta justamente porque se encontra dentro das regras do campo midiático, um espaço de disputas simbólicas onde o reconhecimento e a visibilidade, mesmo quando derivados de escândalos, reforçam posições e legitimam vozes, ainda que à custa da espetacularização e da polarização dos discursos.

Nesse sentido, a comunicação midiática pode reforçar desigualdades sociais ao privilegiar determinadas narrativas e silenciar outras. A relação entre ambiência midiática e vida social revela a complexidade dos processos comunicacionais contemporâneos. A mídia

não é apenas um instrumento de transmissão de informações, mas um elemento estruturante das práticas sociais e dos modos de percepção da realidade.

2.2 Mdiatização e novos hábitos de consumo de mídia

Nos dias atuais, o tecido social está cada vez mais articulado ao consumo de mídia bastante híbrido (mídias massivas e digitais) e de forma bem dispersa. Até os anos 2010, mesmo com a web 2.0, a TV mantinha-se como a mídia preferida do público, dado que persistiu até 2016, conforme pesquisa apontada anteriormente, mas já em concorrência com as mídias digitais. Se até os anos 2000, pode-se falar na “centralidade da mídia” para a vida social, pautada na ideia de poder mediador dos campos sociais, hoje temos formas diferentes de compreender a mídia. Na sociedade mdiatizada os indivíduos passam a ter contato com mensagens mdiáticas num processo contínuo e ininterrupto. Desde os anos 2000, com a emergência e consolidação da web 2.0 e, posteriormente, a web 3.0, entende-se que há formas híbridas de se consumir produtos mdiáticos num contexto de mídias massivas e mídias digitais, com o fluxo de comunicação passa a ser de mão dupla e interativo.

Segundo Hjarvard (2014, p.24), “a mdiatização diz respeito às transformações estruturais de longa duração na relação entre a mídia e outras esferas sociais”. Desse modo, a mdiatização também passa pela institucionalização de novos padrões de comunicação. Hoje, temos as redes sociais como forma de intensificação dessa mdiatização da opinião pública, que atravessa as instituições como a família, o trabalho, a política e a religião, e geram mudanças no ambiente público e privado.

Braga (2012), no artigo “Circuitos versus Campos Sociais”, delinea uma diferenciação entre os conceitos de circuitos comunicacionais e campos sociais para facilitar o entendimento sobre a organização da comunicação. De acordo com o autor, os circuitos são fluxos que proporcionam interação e tem uma estrutura reflexiva e dinâmica. “Com a percepção de que os receptores são ativos, a circulação passa a ser vista como o espaço do reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação” (Braga, 2012, p.38). Enquanto os campos sociais, baseando-se em Bourdieu (2011), envolvem disputas por capital simbólico e hierarquias estabelecidas.

A distinção proposta por Braga (2012) é essencial para entender como a mdiatização reorganiza tanto os circuitos comunicacionais quanto os campos sociais. Se os circuitos são espaços de interação e circulação de discursos, os campos sociais são os contextos nos quais os circuitos se inserem. “Com a mdiatização crescente, os campos sociais, que antes podiam

interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessados por circuitos diversos” (Braga, 2012, p.45) Assim, a interseção entre esses dois conceitos se torna essencial para entender como a midiatização trouxe novas configurações para a sociedade.

Para Eliseo Verón (2014), os processos comunicacionais são mediados por sistemas de significados que se transformam ao longo do tempo. Assim, a midiatização: “certamente não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades humanas, do passado e do presente, mas é, mesmo assim, um resultado operacional de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose” (Verón, p.3, 2014). Desse modo, no contexto dos circuitos comunicacionais, essa abordagem oposta a Hjarvard, é interessante para entender como os espaços de comunicação articulam lógicas de produção e recepção de sentido, de modo a reorganizar a dinâmica dos campos sociais.

Fausto Neto (2008), por sua vez, aprofunda tal debate ao examinar os efeitos estruturantes da midiatização sobre os circuitos comunicacionais e os campos sociais. O autor argumenta que a midiatização gera deslocamentos e reconfigurações nos modos de produção discursiva, interferindo nas relações entre atores e instituições.

Com a emergência das mídias, os discursos de campos sociais passam a ser enunciados segundo novas regras de inteligibilidades, e assim deslocados pelas tecnologias de comunicação para uma nova forma de ser da esfera pública. Na segunda, como consequência da intensificação e da generalização das operações midiáticas de construção de práticas de sentidos, instala-se uma nova ambiência interacional, cujas práticas sociais são atravessadas por fluxos, operações e relações técnico-discursivas, constituídas por fundamentos midiáticos que, ao encerrarem em si mesmos – em suas lógicas e operações – as transações de discursos e de interações entre atores e instituições, redesenham os vínculos sociais que passam a se reger por novas «formas de contatos» (Fausto Neto, 2008, p. 97)

A partir dessa perspectiva, os circuitos comunicacionais, além de organizarem os fluxos de interação, são atravessados por disputas simbólicas e processos de ressignificação contínuos. A partir do desenvolvimento das tecnologias e redes digitais, os circuitos comunicacionais se expandiram significativamente. A midiatização é um fenômeno observado nas redes sociais, plataformas digitais e algoritmos, que passam a desempenhar papel fundamental na construção de sentidos.

Além disso, esses novos circuitos possuem características particulares, como a descentralização das fontes de informação e a maior participação dos indivíduos na criação e disseminação de conteúdos, como é o caso dos *influencers*. Isso altera as dinâmicas de legitimação e confiabilidade dos discursos, o que provoca desafios e oportunidades para

diferentes atores sociais. Os circuitos comunicacionais não são neutros; ao contrário, constituem espaços de disputa simbólica. Diferentes atores sociais utilizam estratégias para amplificar suas narrativas e influenciar a opinião pública.

A midiatização, nesse contexto, é um processo dinâmico no qual os significados não são fixos, mas continuamente negociados e reconstruídos. Assim, os circuitos comunicacionais tornam-se arenas de disputa simbólica, onde diferentes grupos sociais competem por uma hegemonia discursiva. A midiatização tem promovido uma grande transformação na sociedade, mas também abre espaço para a manipulação da informação e a propagação de discursos polarizados como os do movimento de direita masculinista.

Thompson (1998) apontou três tipos de interação. A primeira interação – face a face possui três características marcantes: (a) ocorre num contexto de copresença, num mesmo espaço temporal; (b) é de caráter dialógico o que envolve potencialmente um fluxo bidirecional de informação e comunicação; (c) mobiliza uma multiplicidade de sinais ou deixas simbólicas – gestos e expressões faciais, bem como palavras, cheiros e toques (pelo menos potencialmente), além de outros sons e signos visuais. Aqui, pode-se fazer uma relação com a ideia de interação presente na tradição do interacionismo simbólico, em que Erving Goffman (2013) fala da teatralização da vida cotidiana em que as interações face a face exigem uma busca de um certo controle expressivo por parte dos indivíduos na sua interlocução com o outro sujeito.

Com o surgimento e consolidação dos meios de comunicação massivos, Thompson (1998) aponta dois novos tipos de interação. O segundo tipo de interação, já inserido no contexto de uma ambiência midiática e não mais presencial, é o de interação mediada, em que os interlocutores não necessariamente ocupam o mesmo lugar e tempo e recorrem a meios técnicos para estabelecer o contato, o que pode ocorrer por conversas telefônicas, cartas e até mesmo por e-mail.

Quanto ao terceiro tipo de interação apontada por Thompson (1998), é a quase-interação mediada, relacionada a forma como se estabelece a relação entre o emissor das mídias massivas (TV, livros, jornais, rádio), em que se tem um grande público do ponto de vista da recepção. Apesar de não acreditar que exista uma passividade do público ao receber e se apropriar das mensagens a partir de seus mapas culturais e do contexto social e histórico, Thompson (1998) explica que, na interação quase-mediada, o fluxo de comunicação é linear e, no caso da TV, está mais voltado para o formato analógico. Há um distanciamento espaço-temporal em relação aos interlocutores – um emissor que fala para um grande público, que

estão em locais, muitas vezes, distantes, e, mesmo o acesso temporal pode se dar de forma não simultânea.

Com a consolidação da web 2.0, Thompson (2018) acrescentou um quarto tipo de interação – interação mediada online. Trata-se de uma interação relacionada à comunicação em rede e ao fluxo de mão dupla.

Quando digo que é comunicação mediada por computador, não quero dizer que ela esteja restrita a computadores de mesa ou laptops – não é o dispositivo que importa aqui, e sim a forma de interação criada pela comunicação mediada por computador. Pode ocorrer em smartphone, *tablet* ou outro dispositivo móvel – o smartphone também é um computador e, de certa forma, até mais importante para entender as novas formas de interação criadas pela comunicação mediada por computador e sua cada vez mais difusa presença na vida cotidiana. Quais são as propriedades dessa nova forma de interação? Como outras formas de interação mediada, esta envolve a extensão das relações sociais através do espaço e do tempo e certo estreitamento no leque de pistas simbólicas. Mas difere dos outros dois tipos de interação mediada em dois aspectos-chave: diferentemente da quase-interação mediada, é de caráter dialógico; e, ao contrário da interação mediada (por exemplo, conversas telefônicas), é orientada para uma multiplicidade de outros destinatários – é de muitos para muitos, e não de um para um (Thompson, 2018, p.20).

Com base na revisão feita por Thompson, pode-se pensar que este novo tipo de interação mediada online contempla bem a ambiência digital das plataformas e redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *Youtube* e *WhatsApp*, em que os indivíduos criam ou mantêm relações sociais com outras pessoas distantes. Estes interlocutores podem ser pessoas do próprio convívio social, que mantém contato presencial, mas também inserem muitas pessoas as quais o sujeito estabelece contato somente via redes sociais, sejam amigos virtuais, conexões com fins comerciais e profissionais.

A mídia e em especial a televisão passou por fases em termos de suportes e formatos, desde a emergência do modelo massivo e analógico, até se chegar à TV segmentada e, posteriormente, à TV Digital. São transformações que impactam nos fluxos de comunicação entre emissores e receptores, nos modelos de consumo de mídia por parte do público e, principalmente, da forma como as rotinas e os processos produtivos também são alterados.

Luciellen Souza Lima (2015), ao tratar da TV Digital, traz um panorama das mudanças no cenário midiático, em especial televisivo. De 1950, quando emerge a TV, até os anos 2020, tanto a televisão como as mídias em geral passaram por profundas transformações tanto tecnológicas, quanto nos fluxos de comunicação quanto nos modelos de consumo. Desde os anos 2000, surgem novos formatos que implicam em fluxos de mão dupla e de interatividade, em função das potencialidades da web 2.0. Neste percurso da TV, por exemplo, primeiramente, foi instituído no Brasil, quando o meio televisivo estava se

consolidando como a mídia hegemônica nos anos 60 e 70, período da ditadura militar e do crescimento da Globo, o padrão Integrated Services Broadcasting Terrestrial (ISDB-T), que é um modelo japonês. O modelo broadcasting, conforme explica Meimaridis (2017), no que diz respeito às telecomunicações, pode ser entendido como “transmissão”, ou seja, é um método de transferência de mensagem para todo os receptores simultaneamente, com um controle do fluxo por parte dos emissores. É o que prevaleceu até final do século XX, com o grande poder da TV brasileira.

Em decorrência de mudanças na ambiência midiática impactadas pelas tecnologias, surgiu, nos anos 90, o modelo *narrowcasting*, já apontando uma certa ruptura no controle dos fluxos de comunicação. Relacionado a ideia de “estreitar públicos”, o modelo está relacionado ao processo de direcionar mensagens ou produtos de mídia para grupos específicos ou segmentados de pessoas, que têm interesses divergentes, com base em preferência, dados socioeconômicos etc. É o surgimento da TV segmentada ou Paga, em que grupos como o Sistema Globo também investiu e hoje ocupa mais de 50 canais de TV por assinatura, entre canais esportivos, de entretenimento, de notícias.

As transformações não pararam por aí. Com a consolidação da web 2.0, a partir dos anos 2000, passou a haver um investimento no Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD-T). Para Luciellen Lima (2015, p.12), a “TV digital instituída no Brasil tem cinco principais características: alta definição de imagem e som, interatividade, multiprogramação, mobilidade e convergência”. Segundo a autora, apesar de trazer novos formatos, um fluxo interativo e a possibilidade de o público escolher o que vai assistir, há desafios para quem produz conteúdo tanto no processo de transição, dificuldades em aquisição de novos equipamentos, o manuseio das novas técnicas e a própria digitalização como um fator decisivo da mudança.

Há que se destacar a proliferação dos conteúdos do modelo sob demanda, principalmente a partir da consolidação dos canais de streaming, como *Netflix*, *Globo Play*, *Amazon Prime*. Isso leva a novos modelos e fluxos de comunicação. Os produtos audiovisuais também têm fortes laços com a consolidação das redes sociais, que hoje se tornaram fontes de informação, de entretenimento, mas também como espaços de reforço ou questionamento de valores, ideologias e comportamentos. O poder de disseminação de conteúdos pelo ciberespaço é muito grande, assim como a sua capacidade de viralização de vídeos, postagens e de engajamento. Isso aponta muito para o papel hoje dos influenciadores digitais, que, como Thiago Schutz, utiliza as redes para propagar não somente a defesa da “masculinidade tóxica”, mas como forma de atacar as minorias, em especial as mulheres.

Thompson (2008) aponta que os sites e as redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *YouTube* e outros, podem ser considerados como espaços de desintermediação, por propiciar que diferentes atores sociais e instituições possam dar voz às suas demandas, criticar e disseminar conteúdo. Segundo o autor, os espaços criados no ciberespaço, como as redes sociais, constituem uma rede em permanente expansão, principalmente de relacionamentos sociais, que se caracterizam por graus variados de familiaridade, fragilidade. Há uma troca contínua de conteúdo simbólico em diversos formatos e modalidades – sejam mensagens, comentários, fotos, vídeos, *feeds* de notícias, entre outros, disponibilizado para uma série de outras pessoas que também terão graus de interesse e de engajamento bem diversos.

Entretanto, Thompson (2008), em meio a essa sociedade cada vez mais midiaticizada emergente, alerta para as relações de poder existentes que interferem nesses processos de comunicação e interação e gera contradições, desde os meios de comunicação tradicionais também atingindo os digitais. No livro “Estratégias Sensíveis: afeto, mídia e política”, Muniz Sodré (2006) aborda um conceito interessante, o *bios* virtual, que é a mídia moderna: “surge uma verdadeira forma de vida – o *bios* virtual, uma espécie de comunidade afetiva de caráter técnico e mercadológico, onde impulsos digitais e imagens se convertem em prática social” (Sodré, 2006, p. 94). Para tanto, o autor baseou-se em Aristóteles, que definiu três esferas existenciais para a harmonia e felicidade do homem: a política, os prazeres e o conhecimento; com o comércio sendo uma possível quarta esfera. Quando evocada esta quarta esfera já na definição de Sodré, tem-se que a mídia tradicional brasileira, como Rede Globo¹² e Folha de S. Paulo¹³, deu destaque para o movimento *Red Pill* a partir do caso de Livia La Gatto, mas pouco repercutiu sobre a impunidade de Thiago Schutz decidida em novembro. Isso pode significar que existem outras demandas mercadológicas e sociais que contribuem para o silenciamento da discussão abordada.

Sob este aspecto, apesar de abrir espaços e serem canais de desintermediação, tendem a reproduzir a lógica dominante não somente dos grupos que detêm o poder, como a própria dinâmica social, no caso marcada pelo machismo e a misoginia. Ademais, as interações mediadas, segundo Thompson (2008), dependem de organizações que controlam e disponibilizam, de acordo com certas condições, os meios de comunicação que permitem à interação ocorrer. Das empresas de telecomunicações, aos canais de rádio e TV, até as

¹² TV Globo é uma rede de televisão comercial aberta brasileira. É assistida por mais de 200 milhões de pessoas diariamente, sejam elas no Brasil ou no exterior.

¹³ Folha de S. Paulo, também conhecida como Folha de São Paulo ou simplesmente Folha, é um jornal brasileiro editado na cidade de São Paulo e é atualmente o segundo maior jornal do Brasil em circulação.

empresas de tecnologia que são responsáveis por desenvolver as plataformas que hospedam as redes sociais online, até se chegar ao papel de influenciadores digitais, como Thiago Schutz, constata-se que sejam organizações ou “heróis” atuam com o poder de não somente fortalecer representações sociais estigmatizantes, como reforçar tais redes de violência, em função do poder multiplicador da internet.

2.3 Redes, Instagram e performance

No livro “A Sociedade em Rede – do conhecimento a ação política”, Castells (2005), um dos primeiros teóricos a discutir o impacto das redes sociais na organização da sociedade, pontua que as redes sociais modernas redefiniram as relações de poder e as práticas de comunicação. Isso porque, se anteriormente na história, as redes apesar de flexíveis não conseguiam guiar grandes projetos e, portanto, estavam restritas ao mundo da vida privada, enquanto os estados, igrejas, exércitos e grandes organizações verticais dominavam o mundo do poder, da produção e da guerra, hoje as redes já têm a capacidade de descentralização e compartilhamento de tomada de decisão, o que ainda permite a permanência da flexibilidade e provoca sua expansão. Temos a definição de sociedade em rede a seguir:

A sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. A rede é a estrutura formal (vide Monge e Contractor, 2004). É um sistema de nós interligados. E os nós são, em linguagem formal, os pontos onde a curva se intersecta a si própria (Castells, p.20, 2005).

O surgimento das redes sociais em um contexto de mundo digital, representa um fenômeno que provoca grandes mudanças em como as identidades individuais e coletivas são construídas e negociadas, desde a economia do mundo do trabalho até as relações interpessoais, isso porque “a comunicação é simultaneamente global e local, genérica e especializada, dependente de mercados e de produtos” (Castells, p. 23, 2005). Dessa forma, percebemos que o sistema de comunicação está cada vez mais digital e interativo.

De acordo com o autor, as sociedades têm passado por um momento em que as audiências são cada vez mais segmentadas e há o surgimento de redes descentralizadas, que o autor chama de “massa auto comandada”, massa porque é difundida pela internet para qualquer lugar do mundo, enquanto auto comandada se refere a indivíduos ou grupos, que

podem acontecer sem a mediação de grandes empresas midiáticas ou governos, o autor cita os blogs, *vlogs* e sistemas de streaming.

Segundo Castells (2005), a comunicação digital tornou a sociedade hiper social, pois a maioria das pessoas que interagem no mundo virtual, continuam a interagir face a face. Um ponto importante observado foi uma mudança na sociabilidade, com a emergência do individualismo em rede, podemos associar esse individualismo com a criação dos perfis, como o de influenciadores, que competem entre si pela atenção dos seguidores. “A rede, portanto, centra-se em atores sociais, ou seja, indivíduos com interesses, desejos e aspirações, que têm papel ativo na formação de suas conexões sociais” (Recuero, 2009, p. 143).

Segundo Santaella (2012), no artigo O Circuito dos Afetos¹⁴, o fenômeno das redes sociais se deve a “auto-organização, autodisciplina e autocontrole internos — que são próprios aos sistemas abertos e dinâmicos, fora do equilíbrio” (Santaella, 2012, online) para a autora, as redes são movimentadas pelos sentimentos e emoções das pessoas, um espaço de troca e representatividade, onde os mesmos ideias se encontram, por isso fazem tanto sucesso. “As plataformas de redes sociais, por sua vez, operam a partir da criação de perfis que representam os usuários. Assim, elas oferecem serviços de mensagem instantânea, murais de mensagens, postagem de fotos e vídeos, entre outros” (Santaella, 2012, online)

Ao analisarmos o *Instagram*, a visibilidade propiciada pela sociedade em rede tem implicações tanto no nível pessoal quanto no nível social, com o surgimento de novos tipos de celebridades, como os influenciadores digitais, estes que precisam performar continuamente para manter e reafirmar a sua identidade e engajamento dos seguidores. Lançado em 2010, e 2 anos depois comprado por Mark Zuckerberg, dono da Meta, o *Instagram* rapidamente se tornou uma das redes sociais mais populares do mundo. A princípio era focado na postagem de fotos e imagens, mas hoje é um espaço de interação principalmente através de vídeos curtos (*reels*), *stories*, *lives* e outras interações, por exemplo, o seguidor pode assinar a conta de determinado influenciador para ter acesso a conteúdos especiais da conta. Além disso, em meados de 2023, foi lançado o *Instagram Threads*, de acordo com a reportagem da CNN, “*Threads*, concorrente do *Twitter* criado pela Meta, será lançado nesta semana se apresenta como uma plataforma de conversas”, o aplicativo é “onde as comunidades se reúnem para conversar sobre tudo, dos tópicos importantes para você hoje até o que estará em alta

¹⁴ Disponível em: https://luciasantaellaoficial.com/f/o-circuito-dosafetos?blogcategory=Redes+ Sociais&utm_source=chatgpt.com

amanhã”. O objetivo é competir com o X, antigo *Twitter*, comprado pelo bilionário Elon Musk.

Segundo dados de uma pesquisa feita neste ano de 2025 pelo site *Opinion Box*, o *Instagram* tem mais de 2 bilhões de usuários espalhados pelo mundo e, com dados de janeiro de 2024, são cerca de 134,6 milhões de contas apenas no Brasil. A pesquisa feita com uma amostra de cerca de 2 mil usuários brasileiros revelou que 97% deles acessam a plataforma ao menos uma vez ao dia, enquanto 57% entram várias vezes ao longo do dia e 17% chegam a manter o aplicativo aberto o tempo inteiro. Em relação ao tipo de conteúdo que mais atrai os usuários, Viagem e Turismo se destacam com 52%, seguido de temas ligados à Saúde/*Fitness* (44%), Gastronomia/Receitas (42%) e Humor (42%). Outro dado relevante é que 72% dos usuários já compraram algum produto ou contrataram um serviço que descobriram no *Instagram*. Por isso, seja por meio de anúncios, recomendações de influenciadores ou postagens das próprias marcas, a plataforma influencia o comportamento dos consumidores.

Quando o assunto diz respeito aos influenciadores digitais, 70% dos usuários afirmaram seguir *influencers* para acompanhar recomendações e estilo de vida. Inclusive, 64% já compraram algo por indicação desses profissionais. Thiago Schutz, com seus mais de 400 mil seguidores, exemplifica como a plataforma se torna uma grande vitrine de monetização através da venda de livros e cursos, que “aprofundam” o estilo de vida e o suposto conhecimento *Red Pill* compartilhados nos *reels* e *stories* do *influencer*. A partir dessas considerações, pretendo explorar o que é ser um influenciador digital, bem como o conceito de performance digital, para analisar o comportamento dos usuários, estes que acompanham, se identificam e compram o discurso e produtos; mas também dos influenciadores, que utilizam a plataforma como meio de divulgação e incentivo de certas narrativas, além de lucrarem financeiramente com os conteúdos publicados.

No artigo “Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão”, a pesquisadora Isaaf Karhawi (2017), cuja tese teve como tema a transformação de blogueiras de moda em influenciadoras, discute a evolução do termo influenciador digital. Karhawi (p.48, 2017) apresenta que, até o ano de 2014, o termo para se referir a blogueiras de moda ou pessoas de outros nichos como *games* e decoração, era blogueiros ou *bloggers*, enquanto produtores de conteúdo no *YouTube* eram chamados de vlogueiros ou *vloggers*. Mas, no ano seguinte, a autora ressalta que houve uma “guinada discursiva” que redefiniu essas nomenclaturas.

Karhawi (2017) divide a jornada dos influenciadores em quatro partes: blogueiros, vlogueiros, formadores de opinião e influenciadores. A primeira remonta a uma época em que os buscadores não eram tão eficientes, e os blogueiros atuavam, estes especialistas em HTML,

na disponibilização do endereço de páginas visitadas. Mais tarde, novas tecnologias e plataformas como o *Blogger*, possibilitaram que mais pessoas sem grandes habilidades de navegação, criassem um blog, este que foi apropriado por muitos como diário virtual de variados temas como celebridades, moda, jornalísticos, viagens, mas sempre com enfoque na voz da pessoa que escreve, o formato se mantém até hoje, com o acréscimo de novas mídias como fotos e vídeos. Quanto à segunda, temos os vlogueiros, como citado anteriormente, tem origem na divulgação de vídeos próprios no *YouTube*, apesar da origem do termo ser derivada dos blogueiros, hoje eles são conhecidos como *youtubers*, em referência a própria plataforma.

Já na terceira, tem-se os formadores de opinião, termo comum na mídia ao citar blogueiros e vlogueiros na mídia tradicional. Cruz (2011), aponta a existência de dois tipos de formadores de opinião, os verticais “pessoas que tem grande poder de verbalização e oportunidade de dizer o que pensam para um grupo expressivo de pessoas” (Cruz *apud* Karhawi, 2011, p.37), ou seja, aqueles que já constituem uma credibilidade sobre o assunto. E os horizontais “(...) têm como característica principal um traço de personalidade, algo que lhes confere essa distinção como formadores de opinião (...)” (Cruz *apud* Karhawi, 2011, p.38), nesse caso, eles têm um grau maior de informação dentro de seu grupo. Thiago Schutz, se consolidou como formador de opinião a partir do segundo exemplo, traduzindo para seu público o que entende ser a *Red Pill* e, hoje, também se enquadra no primeiro, pois já conquistou um grande número de seguidores e é visto como um dos maiores nomes do movimento no Brasil.

Por fim, chegamos nos influenciadores, termo que se popularizou com o surgimento de novas plataformas de redes sociais digitais, são considerados *influencers* aqueles que produzem conteúdo, fotos no *Instagram*, montagens no *Facebook* e *posts* em blogs, mas com alguns diferenciais:

Tornar-se um influenciador digital é percorrer uma escalada: produção de conteúdo; consistência nessa produção (tanto temática quanto temporal); manutenção de relações, destaque em uma comunidade e, por fim, influência. Um influenciador pode ser tanto aquele que estimula debates ou agenda temas de discussão em nichos, quanto aquele que influencia na compra de um lançamento de determinada marca. Em ambos os casos, o processo de solidificação em termos de crédito, capital e reputação são os mesmos (Karhawi, 2017, p.59)

A autora utiliza as noções de capital de Bourdieu (1997) para explicar como isso funciona. Bourdieu aponta que o capital social é “agregado de recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede duradoura de relações mais ou menos institucionalizadas de reconhecimento mútuos – ou seja, de pertencimento a um grupo” (Bourdieu, 1997, p.51). O

acúmulo desse capital é que o gerador credibilidade em determinado grupo. Enquanto o capital cultural pode estar relacionado à disposição e obtenção de materiais para aprendizado e, por fim, o capital econômico permiti acesso imediato a bens e serviços. A questão do capital social e simbólico é essencial para entender a lógica de funcionamento dos influenciadores digitais. Ao performarem nas redes, em diálogo com o público-alvo, os *influencers* alcançam visibilidade, o que, por sua vez, contribui para o aumento do seu capital simbólico. Esse capital pode ser convertido em capital econômico, por meio da promoção de produtos e serviços próprios, como observamos no caso de Thiago Schutz, ou com a parceria com diversas marcas.

Charadeau (2012), define “o crédito que se pode dar a uma informação depende tanto da posição social do informador, do papel que ele desempenha na situação de troca, de sua representatividade para com o grupo de que é porta-voz, quanto do grau de engajamento que manifesta com relação à informação transmitida (Charadeau *apud* Karhawi, 2012, p.52). Por fim, a autora destaca que a construção, gerenciamento e manutenção da reputação, ou seja, o crédito para com seus seguidores, faz parte da jornada do influenciador e mostra sua competência profissional. “Qualquer um pode ser influenciador – desde que atue nesse mercado, jogue as regras específicas desse campo, produza nas plataformas requeridas, exerça habilidades e competências próprias dessa nova profissão” (Karhawi, 2017, p.60).

Num outro artigo, “Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria”, Karhawi (2017) discute que os influenciadores estão em uma lógica de mercado na qual sua própria identidade é monetizada. Segundo a autora, baseada em Shirky (2011), o influenciador se destaca no ambiente digital que todos podem produzir conteúdo porque produz por temas e nichos, com frequência e credibilidade, como citado anteriormente. Mas, neste artigo, Karhawi (2017) destaca que os *influencers* têm o papel de filtrar as informações que chegam ao seu público e possuem tributos de prestígio no meio em que atuam. O primeiro é focado nas atitudes e necessidades do seguidor, porque as pessoas buscam informações mais próximas e humanizadas para decidirem se compartilham da mesma opinião e se vão consumir determinado produto/serviço.

Já, para o segundo aspecto, a autora recorre a Recuero (2009). Vejamos a diferenciação feita por Recuero (2008) em seu *blog*¹⁵, sobre reputação, popularidade e autoridade. A reputação é percepção que as demais pessoas podem ter de um determinado influenciador, “Um dos pontos chaves da construção de redes sociais na internet é,

¹⁵ Disponível em: [Social Media - Raquel Recuero](#)

justamente, o fato de que os sistemas que as suportam permitem um maior controle das impressões que são emitidas e dadas, auxiliando na construção da reputação” (Recuero, 2008). Em contrapartida, a popularidade é mais fácil de ser notada, pois está nos números de seguidores, por exemplo. “Trata-se de um valor relativo à posição de um ator dentro de sua rede social. Um nó mais centralizado na rede é mais popular, porque há mais pessoas conectadas a ele e, por conseguinte, esse nó poderá ter uma capacidade de influência mais forte que outros nós (...)” (Recuero, 2008, *online*). Enquanto a autoridade, é mais complexa e difusa, porque é referente a influência na rede, pode ser medida tanto pelo número de seguidores, quanto pelo número de citações e poder do indivíduo de gerar discussões em torno de si ou de determinado assunto pautado por ele, “a medida de autoridade é uma medida que só pode ser percebida através dos processos de difusão de informações nas redes sociais e da percepção dos atores dos valores contidos nessas informações” (Recuero, 2008, *online*).

Esse fenômeno levanta questionamentos sobre autenticidade, autonomia e a relação entre vida pessoal e trabalho. Karhawi (2017) argumenta que os influenciadores digitais vendem não apenas produtos, mas a si mesmos como marcas, porque nossa sociedade valoriza a imagem pessoal. “É o processo do Eu como commodity, do sujeito como mercadoria. Construir uma mídia ou uma marca que, a posteriori, será substituída pelo valor de troca do próprio autor, só é um processo possível por conta da sociedade na qual estamos inseridos” (Karhawi, 2017, p. 49).

Guy Debord (2003), em “A Sociedade do Espetáculo”, elabora uma crítica ao capitalismo, ao apontar que o avanço do sistema e a consolidação dos meios de comunicação em massa transformaram as relações humanas em mercadoria, “o espetáculo é o capital a um tal grau de acumulação que se toma imagem” (Debord, 2003, p.28). Desse modo, a identidade dos *influencers* é construída para atender o mercado, o que propicia a criação de um “eu performático” que busca constante validação por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos, sem separação clara entre vida pessoal e profissional.

Ao aumentar sua visibilidade e reforçar sua imagem pública, os indivíduos e influenciadores digitais se inserem em um circuito de poder simbólico, onde são capazes de influenciar tendências, comportamentos e até mesmo decisões de consumo. Thiago Schutz, nesse sentido, é bem mais que apenas um *coach* de relacionamentos, é um personagem que performa de acordo com o esperado por seu público, para assim estimular um comportamento misógino e conseguir agregar valor aos produtos que vende.

O espetáculo não canta os homens e as suas armas, mas as mercadorias e as suas paixões. É nesta luta cega que cada mercadoria, ao seguir a sua paixão, realiza, de fato, na inconsciência algo de mais elevado: o devir-mundo da mercadoria, que é também o devir mercadoria do mundo. Assim, por uma astúcia da razão mercantil o particular da mercadoria se gasta ao combater, enquanto a forma mercadoria tende para a sua realização absoluta” (Debord, 2003, p. 39).

Em janeiro de 2025, a Meta, empresa que comanda o *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*, anunciou uma nova política de moderação, que encerra a verificação dos fatos por funcionários da própria empresa e por parceiros, na prática a nova política contribui para a circulação de *fake News* e discurso de ódio, pois as informações podem ser “corrigidas” pelos próprios usuários. Outra alteração preocupante está na mudança da política contra o discurso de ódio, porque agora é permitido associar doença mental a orientação sexual e gênero. Em um *podcast*, *Joe Rogan Experience*, o dono da empresa, Marck Zuckerberg disse que “Acho que a energia masculina é boa e a cultura corporativa estava fugindo dela” e “Se você é uma mulher entrando em uma empresa, provavelmente sente que é muito masculina. Não há energia suficiente que você possa naturalmente ter” ao comentar sobre as mudanças de diretrizes da empresa.

Portanto, percebe-se que a performance, no contexto das redes sociais, ainda mais com as novas regras de moderação, é uma oportunidade dos influenciadores de se afirmarem enquanto sujeitos sociais, culturais e políticos em um palco virtual cada vez mais aberto a todos os tipos de discurso, inclusive os mais nocivos à sociedade. Cada postagem é responsável para construir o capital e a imagem do influenciador, reputação, popularidade e autoridade. Se hoje Thiago Schutz é considerado um dos maiores *Red Pill* do Brasil, isso ocorre por performar um personagem que “explodiu” após a polêmica com Lívia La Gatto e precisa continuar nutrindo constantemente para manter o interesse e o engajamento de seu público, este que conta com a sua expertise e filtragem de informações para compreensão do mundo masculinista.

3. DEBATE DE GÊNEROS: DAS ONDAS FEMINISTAS À BUSCA DE MANUTENÇÃO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

Este capítulo explora questões envolvendo gênero, sexualidade, feminismo e masculinidade. Partindo da compreensão teórica de conceitos fundamentais como identidade e expressão de gênero, será traçado um percurso histórico do movimento feminista, suas conquistas e desafios, destacando também os impactos dessas transformações na construção da masculinidade hegemônica. Além disso, são examinados como discursos religiosos, midiáticos e digitais têm contribuído para a manutenção de uma ordem simbólica patriarcal, aprofundando desigualdades e violências que muitas vezes são naturalizadas. Por fim, será debatido o surgimento de movimentos masculinistas contemporâneos, como a *Red Pill*, em resposta ao avanço feminista, revelando as tensões que permeiam as relações de poder entre os gêneros no contexto atual.

3.1 Feminismo, Sexualidade e Gênero

Para compreender os movimentos masculinistas, antes, faz-se necessário percorrer noções de gênero, sexualidade, o próprio feminismo e a violência simbólica. Isso porque, a partir destes conceitos, é possível vislumbrar as implicações que cada um deles tiveram no surgimento dos *Red Pill*, *Incel* e *Mgtow*. Tais movimentos sentiram-se oprimidos com as conquistas e avanços das mulheres para a vida pública e trabalhista, assim como com as leis de proteção a elas que hoje temos, por exemplo, no Brasil, a Lei Maria da Penha¹⁶ e o crime de Assédio Sexual¹⁷.

Segundo Joan Scott (1995, p.86), o gênero é, em primeiro lugar, um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e, como segundo elemento, uma forma primária de dar significado às relações de poder. Desse modo, a categoria gênero não se limita às questões que envolvem somente determinações biológicas, mas implicam também o mercado de trabalho e a área política, das quais tantas vezes as mulheres ficam à margem.

¹⁶ A Lei Maria da Penha (lei nº 11.340/06) trouxe regulamentações específicas em relação à punição e tratamento da violência doméstica e familiar contra as mulheres. A pena varia de um mês a 30 anos de prisão.

¹⁷ Consta no artigo 216-A do Código Penal que constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função. A pena prevista é de um a dois anos.

Em “Quem Tem Medo do Gênero”, Judith Butler (2024) aborda como movimentos fascistas, religiosos e de direita têm demonizado a palavra gênero. Os ataques atravessam a identidade de gênero, a igualdade de gênero e a violência de gênero, mas, muitas vezes, o significado de gênero é desconhecido ou distorcido. “Algumas pessoas suspeitam que gênero é uma maneira de discutir a condição de desigualdade das mulheres ou supõem que a palavra é um sinônimo de ‘mulheres’. Outras pensam se tratar de uma maneira disfarçada de se referir a ‘homossexualidade’(...)” (Butler, 2024, p.9). A autora salienta que essas discussões muitas vezes são utilizadas para encobrir questões da atualidade como aquecimento global, precariedade econômica, guerras e violência policial.

O movimento antigênero busca restaurar uma ordem patriarcal em que mulheres voltam ao lugar “natural” do lar e a supremacia branca prevalece. “O gênero é retratado como um conjunto de ideias que se opõem à ciência, à religião ou a ambas, ou ainda como um risco à civilização, uma negação da natureza, um ataque à masculinidade ou apagamento das diferenças entre os sexos” (Butler, 2024, p. 10). Butler (2024) afirma que o gênero faz parte do feminismo há muitos anos e que o questionamento sobre o que é ser mulher já implica no reconhecimento da complexidade do termo. “O gênero é, em uma definição mínima, a rubrica sob a qual consideramos as mudanças na forma como homens e mulheres, mulheres e outras categorias afins tem sido compreendida” (Butler, 2024, p.22).

Butler (2024) também questiona a naturalização da definição do sexo como algo dado e biológico, por vezes sendo definido pela presença ou falta de capacidades reprodutivas diferentes, o que até mesmo seria excludente com mulheres que não tiveram filhos por escolha própria, questões de fertilidade ou por terem chegado à menopausa. A autora problematiza a questão de performance, que é atribuída socialmente por diversas instituições ao longo da vida da criança após as autoridades legais e de saúde definirem se o sexo é masculino ou feminino, como, por exemplo, os famosos “chás revelação” apresentam um binarismo de cores e expectativas. “Muitas vezes, o futuro bebê é imaginado ou desejado por meio do ato de atribuir-lhe um sexo, portanto a atribuição de um sexo não é uma simples descrição de fatos anatômicos, mas uma maneira de imaginar o que esses fatos vão ou deveriam significar” (Butler, 2024, p.34).

No capítulo “De que gênero você é?”, Butler (2024, p.203) explica que até meados da década de 1950 gênero era mais uma questão de sobre normas gramaticais. Entretanto, no final de 1940, o médico John Money defendeu uma tese na Universidade de Harvard intitulada “Hermafroditismo: uma investigação sobre a natureza de um paradoxo humano”, nos anos seguintes o médico utilizou o termo gênero para definir o que uma pessoa é. Money

realizava cirurgias de “correção”, pois ele acreditava que as características mistas traziam problemas psicológicos e sociais para os indivíduos, portanto gênero aparece a princípio não como uma identidade, mas como um problema. “Uma falha percebida em se conformar à expectativa do que um bebê sexuado deveria ser foi o que primeiro trouxe o termo ‘gênero’ para o discurso contemporâneo” (Butler, 2024, p.204). Entretanto, a autora afirma que o que pode ser aproveitado de Money é que o fato de a exceção não é diferente da norma no sentido que não aceita a possibilidade de os corpos não estarem alinhados a sua classificação. O significado que Money trouxe para gênero é muito diferente do que as feministas desenvolveram mais tarde como uma contestação de normas que restringiam a liberdade das mulheres, porém “O termo gênero deu origem a novas formas de crítica feminista e a novos horizontes de transformação social, incluindo a transformação do parentesco em direções queer e a transformação do próprio binarismo de gênero” (Butler, 2024, p. 11).

A filósofa também nos leva a refletir para além de uma visão que gênero seria uma versão cultural de sexo. “O argumento de que o gênero é culturalista ignora a visão predominante de que o gênero é um espaço em que as realidades sociais e biológicas interagem umas com as outras. (Butler, 2024, p. 181). No capítulo “Natureza/Cultura: Rumo à construção conjunta”, Butler reconhece que seus estudos na década de 1990 e de outras feministas que buscaram realizar a distinção natureza/cultura, incentivando uma superação da natureza para que uma ação pudesse ser concluída, foi um engano. Para tanto, a autora nos lembra que um bebê humano ao nascer apresenta uma dependência social, biológica e psíquica.

O fato de criaturas humanas vivas, como a maioria das outras, serem sociais é um sinal dessa dependência contínua e mesmo interdependência (...) O modo como essa organização de atenção básica funcionou ou não funcionou os habita não apenas na infância, mas também ao longo da vida, como material encorpado, implicando a dimensão orgânica do tempo de vida nas estruturas sociais e psíquicas (Butler, 2024, p.219).

Butler (2024) elucida ainda uma diferenciação entre identidade de gênero e expressão de gênero, a primeira “é um sentido profundo de como alguém se encaixa no contexto marcado pelo gênero, na realidade vivida de seu próprio corpo no mundo (...)” (Butler, 2024, p.191). “‘Expressão de gênero’ refere-se a todas as características manifestas que são socialmente definidas como masculinas, femininas ou de outras categorias de gênero” (Butler, 2024, p.191). Esta pesquisa atravessa a identidade de gênero, mas foca principalmente na expressão de gênero masculina e feminina. No livro “A Prateleira do Amor”, Valeska Zanello (2022, p. 44), pesquisadora sobre saúde mental e gênero, ainda aborda as tecnologias de

gênero, termo cunhado por Teresa Lauretis¹⁸ (1994), que são produtos culturais que moldam e reforçam estereótipos e performances de gênero, por exemplo, filmes e desenhos animados que ensinam desde a infância que o maior objetivo das mulheres é conseguir ser escolhida por um homem e manter o relacionamento, enquanto eles são interpelados pela pornografia e sucesso financeiro, o que estimula a objetificação sexual das mulheres. “As mulheres se subjetivam por meio do dispositivo amoroso e materno e os homens, por meio do dispositivo de eficácia” (Zanello, 2022, p. 57). Em decorrência disso, a pesquisadora explica que o binarismo é uma construção social presente em diversos discursos, inclusive nos ditos científicos, como a ideia de que as mulheres possuem instintivamente a natureza do cuidado e os homens são mais agressivos e sexuais. Por isso, citando Spivak (1985, 1988), a autora trabalha com uma análise de “binarismo estratégico”, visão que também adoto para esta pesquisa. “O ‘binarismo estratégico’ aponta para a adoção do binarismo como ferramenta para compreender e interpretar os fenômenos psíquicos e sociais em uma sociedade que ainda funciona no binarismo homem-mulher, porém reconhecendo de forma crítica, que esse par não representa essências, e sim criações culturais” (Zanello, 2022, p.53)

Já em “História da Sexualidade – A Vontade de Saber”, Foucault (1999) discute a história da sexualidade de forma não cronológica, enfatizando o dispositivo de sexualidade como uma prática discursiva, que também está relacionada com poder por lhe servir como ponto de passagem. Este poder se desenvolve nas relações desiguais e móveis, presente nas instituições como família, escola e igreja, assim como é exercido tanto por dominantes quanto por dominados, pois existem diversas resistências neste jogo. Entretanto, para facilitar a compreensão da sexualidade, busco um enfoque cronológico, tendo em vista certas percepções e pontuações do autor. Foucault (1999) não menciona alguma definição de gênero, porém é possível traçar associações com o tema a partir do estudo referido. Até o século XVII, o discurso sobre a sexualidade era sincero e tolerado: “As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade” (Foucault, 1999, p. 8). Com o surgimento da burguesia vitoriana, a sexualidade começa a ser censurada e restrita a apenas ao casal, no seio familiar, com foco na reprodução e possíveis sanções sociais aos que descumpriam as normas. A partir do século XVIII, a sexualidade passa por uma transformação, aparece a

¹⁸ Teresa de Lauretis é uma teórica e filósofa feminista italiana, reconhecida por suas contribuições interdisciplinares nos campos dos estudos de gênero, cinema e literatura. Ela foi uma das pioneiras na introdução e desenvolvimento dos estudos de gênero nas ciências humanas, com especial atenção à análise das representações culturais de gênero e sexualidade.

regulação através do discurso, com ares de sigilo e vergonha. “O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo” (Foucault, 1999, p.34).

Entretanto, tal censura e repressão costumam levar a transgressão, ou seja, ocorre um paradoxo no modo como a sociedade e, no caso analisado, o movimento masculinista, enxergam a sexualidade. Thiago Schutz, que se intitula como um homem conservador, em prol da família, divulgou na sua conta do *Instagram* um vídeo em que compara os gastos financeiros do homem para ter sexo com a esposa e com uma garota de programa, sendo a segunda hipótese a mais barata. Apesar de afirmar não ter intenção de incentivar o sexo extraconjugal, o *coach* demonstra essa dualidade em relação ao exercício da sexualidade. O livro analisado aponta a prostituição como um ponto de escape, já que o sexo matrimonial era cercado de recomendações e restrições. “Somente aí o sexo selvagem teria direito a algumas das formas do real, mas bem insularizadas, e a tipos de discurso clandestinos, circunscritos, codificados” (Foucault, 1999, p. 9).

Foucault (1999, p. 41) inicia uma enumeração sobre as formas de poder e cerceamento sobre a sexualidade, principalmente do homossexual e louco, “os anormais”. Destacam-se o primeiro e o terceiro aspectos. Inicialmente, trata do ato de confissão, que cultivava o sentimento de culpa através de um discurso religioso e médico científico; vale-se deste também a categorização, por exemplo, homossexual e pedófilo. Na terceira parte, tem-se o poder e o prazer. “O poder funciona como um mecanismo de apelação, atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela. O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar” (Foucault, 1999, p. 44). Em outros termos, quem tem poder pode conseguir forçar uma recompensa que dê prazer, como é o caso do estupro, que vitimiza principalmente as mulheres. Segundo levantamento sobre estupro realizado pelo Ipea¹⁹, divulgado em março de 2023, quanto às relações entre agressores e vítimas de estupro, notam-se quatro grupos principais: os parceiros e ex-parceiros, os familiares (sem incluir as relações entre parceiros), os amigos/conhecidos e os desconhecidos, onde há uma chance grande de os agressores exercerem poder sobre a vítima. Enquanto quem busca prazer pode se submeter a um poder, é possível de ser exemplificado com a pornografia de vingança, que acontece principalmente quando uma mulher troca fotos íntimas com determinado parceiro e depois pode ter a confiança quebrada e as imagens expostas. Por fim, o autor questiona o falso moralismo que se institui, em especial sobre a sexualidade.

¹⁹ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Sob o ponto de vista de Foucault (1999), o século seguinte foi marcado pelo sexo tomado como uma prática fisiológica em busca da reprodução, mas também cresceu o interesse médico pela sexualidade, através da vontade de saber, que alude ao título da obra, apesar de ser sempre silenciada pelo discurso que inclusive, é reconhecido através das leis. Desde a Idade Média, nas sociedades ocidentais, o exercício do poder sempre se formula no direito (Foucault, 1999, p. 83). Do mesmo modo, como já mencionado antes, a medicina é uma arma de controle discursivo, esta admite também confissões que podem culminar na patologização, desse modo, “O século XIX tornou possível fazer funcionar os procedimentos de confissão na formação regular de um discurso científico, fazendo dela não mais uma prova, mas um sinal e, da sexualidade, algo a ser interpretado” (Foucault, 1999, p. 65). Ademais, houve uma retomada das artes do oriente que valorizavam o corpo e o sexo, o que influenciou no despertar dessa ciência sexual. Além da medicina, a pedagogia com o controle do discurso sobre a sexualidade dirigido às crianças e a economia através do monitoramento demográfico mais estratégico. Sendo assim, “O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (Foucault, 1999, p. 102). Este aspecto do domínio da sexualidade através do controle dos corpos, marca o biopoder, um dos maiores conceitos foucaultianos:

A velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida. Desenvolvimento rápido, no decorrer da época clássica, das disciplinas diversas — escolas, colégios, casernas, ateliês; aparecimento, também, no terreno das práticas políticas e observações econômicas, dos problemas de natalidade, longevidade, saúde pública, habitação e migração; explosão, portanto, de técnicas diversas e numerosas para obterem a sujeição dos corpos e o controle das populações (Foucault, 1999, p. 132).

Como expõe Foucault (1999, p. 98), mediante uma análise geral dos três séculos anteriormente citados, existem quatro grandes conjuntos estratégicos que cercam o sexo e que obtiveram eficácia: a histericização do corpo da mulher; a pedagogização do sexo da criança; a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. Aqui talvez valesse a pena desenvolver um pouco mais:

A histericização do corpo da mulher deriva de um discurso médico e científico que vinculava a fragilidade emocional feminina à predisposição a doenças como a histeria. Durante séculos, mulheres foram tratadas por supostos distúrbios psicológicos que, na realidade, muitas vezes correspondiam apenas a comportamentos desviantes dos padrões

sociais da época. Um dos mitos mais populares associados a essa medicalização é o surgimento do vibrador como tratamento da histeria. No entanto, segundo reportagem de 2019, da BBC, “Os mitos e verdades sobre as origens do vibrador”, historiadores, como Hallie Lieberman, argumentam que não há evidências concretas de que médicos realizassem tal prática no consultório médico. Os vibradores eram recomendados para curar diversas doenças como insônia, paralisia, neuralgia, epilepsia, consumo, ciática, lombalgia, gota, surdez, vômitos, constipação, hemorroidas, dores de garganta e até para a histeria, mas, na maior parte das vezes, eram usados como massageadores nas costas ou pescoço do que para um fim erótico. A historiadora diz que pode até ter havido “médicos duvidosos”, que assediavam pacientes, mas não existem evidências do uso de vibradores como um tratamento médico aceito. Acontece que antes, os vibradores eram vendidos apenas para os médicos, quando eles perceberam que não proporcionavam curas milagrosas, o dispositivo passou a ser vendido diretamente para as mulheres no início do século XX, porém havia muito pudor em torno do objeto. “O tipo de vibrador que conhecemos hoje começou a aparecer nos anos 1950 e se tornou mais comum e abertamente vendido nos anos 1960”, diz Lieberman. “Mas ele ainda era polêmico”.

Enquanto a pedagogização do sexo da criança se manifesta na forma como a educação sexual das crianças é frequentemente evitada, vista principalmente pela extrema direita como uma “sexualização” dos pequenos, aumentando a desinformação, o que propicia casos de pedofilia e gravidezes precoces. Em muitas culturas e famílias, a sexualidade infantil é tratada como um campo proibido, em vez de ser compreendida como parte natural do desenvolvimento humano. No Brasil, debates sobre a inclusão da educação sexual nas escolas frequentemente encontram resistência de setores conservadores, que negam às crianças e até aos adolescentes o direito à informação sobre o próprio corpo. Meu Corpo, meu Corpinho²⁰, livro citado na reportagem da *Folha de S. Paulo*, “Conheça 8 livros infantis que ensinam crianças a se proteger de abuso sexual”, é um exemplo de obra que aborda ensinamentos sobre as partes íntimas, a importância de poder dizer não e a manutenção de diálogo aberto com um adulto de confiança.

Ao mesmo tempo, a socialização das condutas de procriação envolve as formas como a reprodução é regulada socialmente, desde políticas de controle de natalidade, como a

²⁰ O livro foi escrito por Roseli Mendonça e Rafaela Carvalho, ilustrado por Sidney Meireles e publicado pela Editora Matrescência, em 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-social-mais/2023/05/conheca-livros-infantis-que-ensinam-criancas-a-se-proteger-de-abuso-sexual.shtml>

política do filho único da China²¹ que já não está mais em vigor, até discursos que incentivam o aumento das taxas de nascimento. Em 17 de março de 2025, o *podcast Café da Manhã*, da *Folha de S. Paulo*, discutiu sobre “Por que que a extrema direita quer que você tenha mais filhos”. A guinada conservadora dos últimos anos e o discurso de pró-natalidade é um movimento reacionário às quedas de natalidade, especialmente em países ocidentais, como forma de preservar determinadas culturas e identidades nacionais.

Benefícios como isenção de impostos, bolsas ou incentivos em dinheiro a cada filho, custeamento de inseminação artificial são medidas de estímulos que governos tem feito ao redor do mundo, com a mudança da pirâmide etária, que cada vez conta com mais idosos e menos jovens. Uma alteração que afeta o número de mão de obra ativa e também o número de aposentadorias. Porém, a escolha por não ter filhos é causada por diversos fatores sociais, ambientais e econômicos. O *podcast* cita que figuras conhecidas da extrema-direita como Viktor Orbán, presidente da Hungria, Donald Trump e o bilionário Elon Musk (pai de 14 filhos), tem defendido o aumento da natalidade e usado as redes sociais para atacar o uso dos contraceptivos. Durante o episódio, é ressaltada a diferença entre políticas de incentivo, estas mais preocupadas com a questão econômica, que tendem a dar auxílios fiscais e aumentar as licenças parentais, e políticas de coerção, com aspecto ideológico, eugenista e de seleção genética em laboratórios, que desejam aumentar uma população de etnias específicas, de brancos, de classe alta, enquanto restringe o número de filhos de imigrantes, negros, indígenas e pobres. A culpa recai principalmente nas mulheres, que decidem adiar a maternidade ou simplesmente não a exercer; sobre o uso de métodos anticoncepcionais, sendo que várias religiões tem um posicionamento dogmaticamente contra, inclusive a católica, e apontados pelo próprio Musk como causadores de depressão, suicídio e ganho de peso para ajudar a criar um ambiente social pró-natalidade. Além de reforçar uma visão contra o direito à escolha pelo aborto e da construção de uma família tradicional, heterossexual, quando há uma imposição da mãe não trabalhar ou até mesmo estudar, viajar, desenvolver outros projetos pessoais tidos como egoístas, para estar completamente dedicada à família e aos filhos que “Deus mandar”.

Por fim, a psiquiatrização do prazer perverso trata de como práticas sexuais fora do “padrão”, que foram (e ainda são) patologizadas, principalmente no que se refere à homossexualidade. Durante décadas, a homossexualidade foi tratada como uma doença mental, levando a internações forçadas e “tratamentos” que incluíam terapias de conversão,

²¹ Política do filho único foi uma política implantada pelo governo da China, país que tem a segunda maior população do mundo, com o objetivo de reduzir o crescimento populacional. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica_do_filho_%C3%BAnico

eletrochoques e outras práticas degradantes. No Brasil, a "cura gay" foi um tema polêmico que ganhou notoriedade em diferentes momentos, com tentativas de setores religiosos e políticos de legitimar terapias reparativas, mesmo após a Organização Mundial da Saúde ter retirado a homossexualidade da sua lista de doenças em 1990²². Embora proibida pelo Conselho Federal de Psicologia pela Resolução nº 01/1999²³, que veta as (os) profissionais da Psicologia exerçam qualquer atividade que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, a ideia de que a orientação sexual pode ou deve ser "corrigida" ainda persiste em discursos conservadores.

Cabe atentar-se à primeira e terceira estratégias como formas de violência simbólica, esta teorizada por outro grande estudioso, o sociólogo Pierre Bourdieu e também referida pela filósofa feminista Simone de Beauvoir. No livro “A Dominação Masculina”, Pierre Bourdieu (2002), a partir do questionamento da falta de subversão e permanência da ordem vigente, busca compreender como as relações entre homens e mulheres se construíram com a dominação do sexo masculino sob o sexo feminino.²⁴ Na obra, o sociólogo parte do estudo do povo berbere, na Cabília, região montanhosa da Argélia, às margens do Mar Mediterrâneo, para exemplificar a dominação masculina. A organização desse povo parte da ordem androcêntrica, ou seja, em que as relações culturais simbólicas colocam o homem como centro de tudo. Além disso, o local também era um importante ponto de trocas comerciais e culturais nas sociedades antigas e serve de parâmetro para identificar a mesma questão no Oriente Médio, norte da África e na Grécia, berço da civilização ocidental.

Bourdieu (2002) pontua que a dominação masculina acontece de forma simbólica e se torna natural até mesmo para as mulheres, o que ele define como violência simbólica. Tal violência é exercida, principalmente, por meio da comunicação e do conhecimento, sendo na sua visão que a Escola e o Estado deveriam ser o foco das lutas feministas. Mais tarde, Thompson (2013) denomina de poder simbólico ou cultural, que se agregar a outros poderes – poder político, poder econômico e poder coercitivo. Desse modo, as características biológicas

²² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/ha-30-anos-oms-tirou-homossexualidade-de-catalogo-de-disturbios.shtml>.

²³ Disponível em: <https://site.cfp.org.br/resolucao-01-99/historico/#:~:text=Em%20vigor%20h%C3%A1%2018%20anos,homossexuais%20para%20tratamentos%20n%C3%A3o%20solicitados>.

²⁴ Pierre Bourdieu (1930-2002) foi um importante sociólogo francês do século XX. Seus estudos dialogavam com Max Weber e Karl Marx. Bourdieu acreditava no construtivismo estruturalista, ou seja, a argumentação de que há estruturas objetivas no mundo social que podem coagir a ação dos indivíduos, assim como a que as vivências sociais estão numa relação dialética. A sua obra inclui a construção da ideia de campos sociais, muito importante para compreender como se dá a relação entre campos (macro) e indivíduos (habitus). Tem obras voltadas para o campo político, o campo jornalístico e este livro em especial para a dominação masculina.

foram utilizadas para transformar a arbitrariedade cultural em algo natural durante o processo de socialização.

Em “O Segundo Sexo”, a filósofa Simone de Beauvoir (1980) aponta a questão da dominação masculina. A autora reflete que a mulher não é definida em si mesma, mas sim em relação ao homem e sob a ótica dele, a partir das oposições que acontecem na sociedade. Assim, a mulher se estabelece em um lugar de submissão e dominação, um objeto, porque foi constituída como o “outro”:

Os judeus são “outros” para o antisemita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. Ao fim de um estudo aprofundado das diversas figuras das sociedades primitivas, Levi Strauss pôde concluir: “A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos que cumpre explicar os dados fundamentais e imediatos da realidade social”. Tais fenômenos não se compreenderiam se a realidade humana fosse exclusivamente um *mitsein* baseado na solidariedade e na amizade. Esclarece-se, ao contrário, segundo Hegel, descobre-se na própria consciência uma hostilidade fundamental em relação a qualquer outra consciência; o sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto (Beauvoir, 1980, p. 11-12.)

Retomando à obra de Bourdieu, na Cabília, ele identifica uma forma taxonômica de tratar as relações de gênero, que são classificadas de forma binária, sempre com dois elementos de oposição, onde as mulheres estarão do lado interior, como úmido, curvo, baixo, enquanto os homens estarão do lado exterior, como o seco, direto e alto.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho (Bourdieu, 1998, p. 20).

Essas estruturas, apesar de serem objetivamente tratadas como naturais, na verdade são construídas para delimitar os papéis de gênero. As mulheres reclusas ao mundo do lar e a criação dos filhos, enquanto os homens deveriam trabalhar para sustentar a família. As mulheres tidas como sensíveis e propensas a expressar emoções, mas os homens firmes, pois “homem não chora” Por isso é tão importante problematizar como a lógica da dominação masculina hegemônica se perpetua de forma condicionante ao gênero, limitando a liberdade de escolha de ambos perante à sociedade. Num primeiro olhar, como discute-se a seguir sobre o feminismo, este fato atinge principalmente as mulheres, mas como será observado no capítulo adiante sobre masculinismo.

Ao resgatar a questão da histericização trazida por Foucault (1999), vemos que ela deriva dos discursos onde o corpo da mulher não foi desenvolvido para obter prazer, de forma que o papel feminino é exclusivo para a procriação. Assim, a mulher por não ter sexualidade, é nervosa e histérica. Deve-se mencionar que Freud, em suas primeiras obras, analisa a histeria como um transtorno psíquico vinculado, principalmente, às mulheres, que passavam a ter sintomas a fim de chamar a atenção. No entanto, Oliveira (2023) explica que hoje a concepção de neurose histérica não está ligada não somente à criação de doenças psicossomáticas como formas de ter cuidado e afeto, mas, numa sociedade do culto ao corpo e aos padrões estéticos, mulheres e homens buscam ocupar o palco de outras formas. Isso ocorre, por exemplo, com o cuidado excessivo com o corpo, com a beleza e os padrões.

Historicamente, no entanto, a mulher foi colocada neste lugar de submissão, inclusive de não ter direito ao prazer sexual. Tal apontamento pode ser associado com O Livro das *Red Flags*: os comportamentos femininos que podem arruinar a vida do homem moderno (2022, p. 22), no capítulo 8, intitulado “Ela teve incontáveis parceiros sexuais”, a bandeira vermelha é colocada como um problema, porque, segundo estudos não mencionados, a maior quantidade de parceiros sexuais aumenta a probabilidade de a mulher contrair infecções sexualmente transmissíveis, praticar traição, ter transtorno de personalidade e ser mãe solteira. Além disso, é ressaltada a chance de o casamento com uma virgem durar mais tempo. Por mais que a primeira frase que abre o capítulo alegue que não se trata da discussão de com quantos homens a mulher escolhe ter relações sexuais, é justamente sobre o exercício do poder feminino de ter prazer com múltiplos parceiros, que as pontuações recaem, como se a mulher devesse ser estéril nesse sentido.

Quanto à socialização das condutas de procriação, além de a mulher não dever praticar o ato sexual se não for em busca de uma gravidez, há a questão de ser necessário o dispositivo de aliança, através do matrimônio, para que ela não se torne mãe solteira ou mais adequado às discussões atuais, ser mãe solo, quando o pai da criança não participa da criação do filho, algo ainda carregado de preconceitos na sociedade. Schutz (2022, p. 15) traz a bandeira vermelha “Ela é mãe solteira” e enumera como desvantagens ao relacionar-se com uma mulher solteira: a busca feminina desesperada por um provedor, que tenha responsabilidade emocional e financeira (inclusive judicialmente, por socioafetividade) por um filho que não tem a carga genética do possível padrasto; não receber a “devida atenção” no relacionamento e haver a possibilidade de a mulher não querer ter mais filhos, ou seja, não propagar o sobrenome do parceiro.

Por fim, Foucault aponta uma importante ruptura sobre a sexualidade no século XX, “(...) é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar; passar-se-ia das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extra-matrimoniais” (Foucault, 1999, p. 108). Pode-se entrever que a evolução sobre a abertura do discurso da sexualidade é lenta, de tempos em tempos passa por períodos de maior liberdade, como o século XX e outros de maior repressão como o século XVIII, e é notório que o masculinismo se aproveita dessa lógica de controle para disseminar o seu discurso. “Saúde, progenitura, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala da sexualidade e para a sexualidade; quanto a esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo” (Foucault, 1999, p. 139). Mas um exemplo notório de ruptura foi a pílula anticoncepcional²⁵, criada em 1960, nos Estados Unidos e depois difundida mundialmente, que possibilitou às mulheres maior autonomia e segurança para exercerem a sexualidade com a diminuição quase total dos riscos de haver uma gravidez indesejada.

No livro “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras” Bell Hooks (2024) desenvolve no capítulo “Uma política sexual feminista: uma ética de liberdade mútua”, como a sexualidade da mulher se transformou com a revolução feminista. Todavia, a liberdade para expressar o desejo sexual principalmente após o surgimento da pílula contraceptiva ainda é confrontada por milhares de mulheres que desconhecem o prazer sexual e estão expostas a estupros, inclusive maritais, relacionando o sexo a dor e perda. Hooks reflete que não se trata apenas de explorar a sexualidade quando há desejo de ter uma relação sexual, mas também respeitar os limites do nosso próprio corpo quando não existe tal vontade. Ou seja, existe uma grande diferença entre promiscuidade sexual (termo muito utilizado por Thiago Schutz) – ter muitos parceiros sexuais - e liberdade sexual, pois muitas mulheres ainda fazem sexo, porque os homens querem que elas façam.

No auge da libertação sexual e do movimento feminista contemporâneo, as mulheres descobriram que os homens muitas vezes estavam dispostos a aceitar a igualdade em todas as esferas, menos na sexualidade. No quarto, vários homens queriam uma mulher desejosa disposta a dar e receber prazer, mas fundamentalmente não renunciavam ao pressuposto sexista de que a performance sexual dela (ou seja, se ela queria ou não ser sexual) deveria ser determinada pelo desejo deles. Enquanto era divertido fazer sexo com mulheres desejosas, excitadas e libertadas, não era divertido quando essas mulheres declaravam que queriam espaço para não serem sexuais (Hooks, 2024, p. 134).

²⁵ No dia 18 de agosto de 1960, foi lançado o contraceptivo oral Enovid-10, a primeira pílula anticoncepcional, comercializada nos Estados Unidos.

Hooks (2024) afirma que, para ocorrer uma prática sexual libertadora feminista, é preciso que homens e mulheres desapeguem de conceitos sexistas, como, por exemplo, a crença das mulheres heterossexuais que a sexualidade da mulher precisa ser chancelada por homens para que tenha valor. É importante reconhecer a existência de outras formas de explorar a sexualidade, seja através do autoprazer, celibato ou outras identidades e orientações sexuais. “Até certo ponto, pensadoras feministas radicais estavam certas quando, há anos, sugeriram que mulheres somente seriam livres sexualmente quando chegássemos a um lugar onde pudéssemos nos perceber protagonistas com valor, a despeito de sermos ou não objeto de desejo dos homens” (Hooks, 2024, p. 135). A revolução feminista, marco para a história de humanidade, principalmente a das mulheres, é o tema que pretendo aprofundar a partir de agora.

3.2 As ondas do feminismo

Em “O Livro do Feminismo”, Graham et al. (2019) afirmam que o termo “*féminisme*” foi utilizado pela primeira vez pelo francês Charles Fourier em 1837, mas a palavra e o conceito feminismo ganhou força apenas nos anos 1890. Entretanto, desde o século XVII, as mulheres de diversos locais começaram a questionar o papel de subserviência das mulheres, além de buscarem mais direitos de igualdade em relação aos homens. No século XVIII, as mulheres ainda eram vistas como “o vaso mais frágil”, uma crença reforçada pela igreja católica que colocava o gênero feminino como inferior, já que Eva surgiu da costela de Adão. Apesar das transformações tecnológicas ao longo do século, ainda era esperado que a esfera do trabalho e da política ficasse restrita aos homens e que as mulheres permanecessem recolhidas no lar.

Mas as ideias passaram a circular de forma mais fluida por meio de jornais, panfletos, romances e poesia, o que possibilitou que mulheres, em geral, cultas e de classes mais altas passassem a escrever. Inclusive, os primeiros textos feministas surgiram na Suécia já em meados desse século, com a editora e jornalista Margareta Momma e a poeta Hedvig Nordenflycht. Na Grã-Bretanha, no início dos anos 1700, Mary Astell defendeu que as mulheres eram tão racionais quanto os homens e que a aparente inferioridade acontecia pelo controle dos homens e a falta de acesso à educação adequada. Em torno de 1750, várias mulheres intelectuais se reuniam para debater literatura, o espaço abria pontes de debate, comunicação e incentivo às escritoras e pensadoras.

Assim, o crescimento do feminismo aconteceu a partir das discussões e revoluções em curso nesse período, em especial o Iluminismo bem como as revoluções norte-americana e francesa. Nos EUA, Abigail Adams, esposa do segundo presidente do pediu, pediu que “se lembrassem das damas” no movimento revolucionário. Enquanto na França, Olympe de Gouges publicou “A Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, em 1791, em uma busca pela tal liberdade, igualdade e fraternidade defendida pela revolução francesa, mas que abarcasse plenamente o público feminino. O início do século XIX trouxe para a discussão mulheres da classe trabalhadora, principalmente nos EUA e no Reino Unido, a partir dos movimentos operários.

Retomando a teórica feminista Bell Hooks (2024), em seu livro “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras”, explora que as discussões em torno do movimento feminista ainda hoje encontram pessoas, homens ou mulheres, jovens ou idosos, que acreditam que as feministas são más, agem contra a natureza, Deus e odeiam os homens. Em O Livro das Red Flags, Thiago Schutz (2022, p.47) assinala como uma bandeira vermelha “Ela é feminista” e reproduz pensamentos falaciosos como que feministas são vitimistas, não respeitam e odeiam os homens, além de serem contra a família. Em oposição, a autora define: “Feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão” (Hooks, 2024, p. 13). Além disso, uma revolução feminista também busca eliminar o racismo, elitismo e imperialismo. A partir dessa conceituação, a pesquisadora reitera que as feministas não são anti-homem, mas sim que lutam contra o sexismo e o patriarcado. Hooks (2024) aponta que existem muitas mulheres que são tão sexistas quanto os homens, como vimos na questão da violência simbólica e dominação masculina abordadas por Bourdieu (1998), em contrapartida são eles que mais se beneficiam com o patriarcado, com a ideia de que são superiores às mulheres. A autora endossa que muitos homens têm dificuldade em ser patriarca e temem a violência contra homens e mulheres, mas, por não conhecerem outra forma de agir no mundo, apoiam a dominação masculina de forma passiva.

Hooks (2024, p.25) defende que “feministas são formadas, não nascem feministas”, já que não basta apenas nascer sendo identificada com o sexo feminino para se tornar feminista, é preciso escolher participar das políticas e atos feministas. A estudiosa enxerga que é preciso ir além da palavra acadêmica, é necessário pensar em uma educação feminista que abrange a literatura infantil, audiolivros, música, rádio e TV para que haja uma consciência crítica em torno das relações de gênero em nossa sociedade, visto que a maioria do imaginário popular assimila uma perspectiva negativa ao movimento, com mulheres queimando sutiãs e com os seios à mostra, por exemplo. “Se não trabalharmos para criar um movimento de massa que

oferece educação feminista para todo mundo, mulheres e homens, teoria e prática feministas serão sempre enfraquecidas pela informação negativa produzida nas mídias tradicionais” (Hooks, 2024, p.47 e 48).

Paralelamente, a maternagem e a paternagem precisam estar atentas a uma educação feminista para meninos e meninas, pois, como as garotas são os maiores alvos sexismo, procura-se orientá-las e protege-las, mas os meninos precisam estar cientes para não reproduzirem e compactuarem com a dominação masculina. Além de estimular práticas de cuidado e amor, pois é comum que em muitos lares as figuras de pai e mãe aderir em ao pensamento patriarcal de dominação e poder sobre as crianças com uso de violência física e psicológica. “O movimento feminista é pró-família. Acabar com a dominação de crianças, seja por homens, seja por mulheres, é a única maneira de tornar a família um local onde as crianças se sentem seguras, no qual elas podem ser livres, no qual podem conhecer o amor” (Hooks, 2024, p. 116).

Para dar seguimento à compreensão da história do movimento feminista, em “A quarta onda digital feminista: interseccional, digital e coletiva”, as autoras Olívia Cristina Perez e Arlene Martinez Ricoldi (2019), discutem as mudanças do movimento feminista ao longo dos anos, principalmente o brasileiro, até chegar na fase atual. Se antes o feminismo era pautado pelas questões das mulheres brancas e de classe média, agora abre espaço para discussões que abordam raça, gênero, orientação sexual, classe e outros que abrangem os conceitos feministas de Bell Hooks. Trata-se do conceito de interseccionalidade que diz respeito à compreensão do gênero em interface com outras dimensões sociais. Assim como, a partir das redes sociais digitais, são criadas campanhas que denunciam abusos contra as mulheres e buscam a igualdade de direitos, inclusive com a formação de coletivos descentralizados e sem associação direta com partidos políticos.²⁶

A história do movimento feminista foi dividida em ondas. As ondas podem ser entendidas “como ciclo de protestos associados ao contexto político, social e histórico mais amplo” (Perez; Ricoldi, 2019, p. 4). Entretanto, as autoras também ressaltam que, apesar da organização histórica em ciclos, a partir dos Estados Unidos como ponto de referência, a luta pela igualdade entre homens e mulheres acontece desde o princípio da história das mulheres.

²⁶ ARTICULACION FEMINISTA MARCOSUR (Uruguay). Nota de repúdio e solidariedade: Ataque inverídico e machista à jornalista Patricia Campos Mello é uma violência à liberdade de imprensa, às mulheres e à democracia. 2020. Disponível em: <https://www.mujeresdelsur-afm.org/nota-de-repudio-e-solidariedade-ataque-inveridico-e-machista-a-jornalista-patricia-campos-mello-e-uma-violencia-a-liberdade-de-imprensa-as-mulheres-e-a-democracia/>. Acesso em: 27 abr. 2022.

A primeira onda é caracterizada pelo sufrágio feminista, um movimento de mulheres de classe alta e bem instruídas, entre meados do séc. XIX e início do XX, em busca de direitos políticos como o voto, que, no Brasil, somente foi alcançado em 1932. Por aqui, as participantes eram mulheres educadas ligadas às elites, muitas vezes funcionárias públicas e professoras (Hahner, 2003 *apud* Perez; Ricoldi, 2019, p. 6). Destaca-se a fundação de um Partido Republicano Feminino, a atuação de Bertha Lutz, a criação da Federação Brasileira para o Progresso Feminino e periódicos femininos que também abordavam questões políticas, educação igualitária e direito ao divórcio. A princípio, o movimento é considerado mais conservador, já que não questionava a divisão sexual dos papéis de gênero (Costa, 2005 *apud* Perez; Ricoldi, 2019, p. 6).

Em relação à segunda onda, nos EUA e França, ocorre na década de 60, sob a influência teórica de Simone de Beauvoir, autora do livro *O Segundo Sexo* (1949), dos movimentos em busca de direitos civis e da contracultura. No Brasil, aconteceu em plena ditadura militar, principalmente na década de 70, quando em 1975 foi proclamado o Ano Internacional da Mulher. A luta era de feministas exiladas, militantes de partidos políticos, estudantes universitárias e acadêmicas (Pinto, 2003 *apud* PEREZ; Ricoldi, 2019, p. 7). As autoras explicam ainda que as discussões não permaneciam somente na academia, pois movimentos de mulheres por creches e moradia também se disseminavam.

Fato curioso é que nos anos 70, durante ainda durante a segunda onda, surgiu nos Estados Unidos um movimento pela libertação dos homens. A favor das pautas feministas, esses homens acreditavam que o feminismo libertaria os homens de determinados estereótipos e papéis de gênero, pois entediam que o patriarcado também era um inimigo do sexo masculino. Se antes as mulheres estavam confinadas ao lar, os homens se sentiam exilados de casa, sem tempo para interagir com os filhos, ter lazer e o autocuidado. O psicólogo Jack Sawyer publicou um artigo na revista *Liberation*²⁷, da nova esquerda com o título *On Male Liberation* (Sobre a Liberação Masculina em português), onde discutia as implicações negativas do estereótipo do homem ideal. “A liberação dos homens pede que os homens se libertem dos estereótipos de papéis de gênero que limitam sua habilidade de ser humano” (Sawyer, 1970).

Hooks (2024), no capítulo Masculinidade Feminista, discute que no início do feminismo havia uma raiva feroz contra os homens, que estimulou uma “guerra midiática entre os sexos”, mas a partir da evolução do movimento, “enxergaram que os homens não

²⁷ Revista mais conhecida por publicar a “Carta da Prisão de Birmingham” de 1963 de Martin Luther King Jr. completa.

eram o problema, mas que o problema era o patriarcado, o sexismo e a dominação masculina” (Hooks, 2024, p.103). As mulheres puderam lutar e se relacionar com esse pequeno grupo de homens que acreditava nos bons frutos do feminismo, mas a autora ressalta um oportunismo, pois o movimento pela liberação dos homens reconhecia a problemática dos papéis rígidos de gênero, mas não tinha preocupação com a exploração sexual e opressão das mulheres. Ela aponta, no entanto, que o feminismo falhou em propor com clareza uma alternativa de masculinidade antissexista e inclusiva. “Em grande extensão o movimento feminismo falhou em atrair um grande número de homens e mulheres, porque nossa teoria não abordou com eficiência não só que os homens podem fazer para ser antissexistas, mas também como poderia ser uma masculinidade alternativa” (Hooks, 2024, p.106)

O movimento pela liberdade dos homens não durou muito tempo, nos anos 80, com o conservador Ronald Reagan na presidência, houve uma cisão e parte grupo passou a celebrar as noções tradicionais de masculinidade e a ver o feminismo não como um aliado, mas como algoz. Segundo estudo da pesquisadora Debbie Ging, na reportagem da *BBC News Brasil*, “‘Adolescência’: como surgiu a sinistra 'machosfera' retratada pela série”²⁸, outro líder do movimento, Warren Farrell, passou a acreditar que as feministas estavam mais interessadas em poder do que em igualdade. Ao longo da década de 1990 escreveu livros afirmando que os homens estavam sendo oprimidos, também sofriam violência doméstica e que as mulheres eram culpadas pela desigualdade salarial.

Essa narrativa serviu de base para o surgimento do movimento masculinista, do qual a *Red Pill* é uma vertente contemporânea. Em vez de promover uma análise estrutural das angústias vividas por muitos homens, como o desemprego, a precarização do trabalho e a perda de status social em contextos de maior autonomia feminina, tais discursos preferem apontar as mulheres como culpadas. Hooks (2024, p.108), afirma que “a falta de empregos, a natureza pouco recompensadora do trabalho remunerado e o aumento do poder de classe das mulheres tem tornado difícil para os homens que não são ricos nem poderosos saber em que posição estão”. Ao invés de problematizar o sistema capitalista que precariza vidas e relacionamentos, hoje, a *Red Pill* desvia o foco e alimenta o ódio às mulheres, apresentando-se como solução para uma crise que ela mesma intensifica. Trata-se de uma resposta simplista e violenta a um problema complexo, onde frustrações legítimas são transformadas em ressentimento misógino, e que precisa ser enfrentada com responsabilidade coletiva, especialmente por aqueles que produzem e regulam os espaços digitais.

²⁸ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cgl0lxnrlzo>

Enquanto isso, na terceira onda, na década de 1990, surge a questão da importância da interseccionalidade, com movimentos feministas negros e abordagem pós estruturalista da sexualidade. No Brasil, foi marcada pela explosão de Organizações Não-Governamentais (ONGs), em que questões de raça e diversidade sexual eram discutidas. Assim como financiamento ou participação do estado na formulação e execução de políticas públicas. A Conferência de Beijing em 1995, a Eco-1992 que aconteceu no Brasil e a tenda Planeta Fêmea foram marcos dessa fase.

Quanto à quarta onda, na qual vivemos, as autoras relatam que, apesar de ainda estar em construção, é comum a ela, além da afirmação da interseccionalidade, o uso das redes sociais para reivindicar ou denunciar a causa, a formação de coletivos feministas com autonomia (distanciamento da institucionalização) e retorno às ruas. “Os movimentos sociais também foram transformados e desafiados pelas novas tecnologias tendo que repensar suas estratégias de militância, além de problematizar os seus novos papéis dentro de um território ainda inexplorado e digital” (Azevedo, 2017, p. 25 *apud* Perez; Ricoldi, 2019, p. 9). Como será explorado adiante, as questões do movimento masculinista também se apropriam do espaço digital em busca de reconhecimento pelas suas reivindicações, como é o caso da *Red Pill*.

Apesar desses avanços, a desigualdade de gênero permanece acentuada em diversas esferas da sociedade, inclusive no mercado de trabalho. Segundo estudo realizado pelo IBGE, com dados de 2022 divulgados em março de 2024, a participação masculina em cargos de gerência era de 60,7%, enquanto apenas 39,3% dos cargos eram ocupados por mulheres. Ademais, as mulheres que atingem posições de liderança recebem, em média, 21,2% a menos que os homens. Pesquisa complementar realizada pelo Ministério do Trabalho e pelo Ministério das Mulheres aponta que, de forma geral, as mulheres ganham 19,4% a menos que os homens no Brasil, com a diferença salarial chegando a 25,2% em cargos de direção e gerência. Esses dados demonstram que, apesar das conquistas históricas proporcionadas pelas diferentes ondas do feminismo, ainda se faz necessária a continuidade das lutas feministas para enfrentar as desigualdades persistentes e transformar as estruturas de poder que ainda privilegiam os homens em detrimento das mulheres.

3.3. Mídia, gênero e violência simbólica

No prefácio do livro “Seja Homem – A masculinidade Desmascarada”, do escritor e poeta JJ Bola, o *rapper* e cantor brasileiro Emicida (2020) explora o significado da palavra

violência. “A palavra violência, cujo significado vem do latim *violentia*, no sentido de veemência, impetuosidade, está ligada em sua origem ao termo *violare*, que, por sua vez, significa violação” (Emicida, 2020, p.7), por isso, é comum socialmente o entendimento de que a violência é um ato de quem age com força. Contudo, para o autor, tratar violência apenas como sinônimo do uso de força é um equívoco, porque elas podem se manifestar de formas diferentes. Emicida (2020), acredita que violência é além de um ato: uma linguagem, que inclui violência física, psicológica, estatal, doméstica e urbana. “A violação é muito mais do que simplesmente um ato, ela se transforma em conceito, uma forma de perceber e se fazer percebido na existência” (Emicida, 2020, p.8) e ressalta que há um orgulho de “uma insensibilidade perigosíssima” especialmente entre os homens.

Já no capítulo “Símbolos de grupo e oração: violência masculina, agressão e saúde mental”, JJ Bola (2020, p. 39 e 40) discute que a violência masculina é vista como uma característica natural do homem e que discursos que envolvem argumentos biológicos suprimem um fator importante que é a socialização dos indivíduos. O autor traz dados de uma pesquisa feita em 2017, sobre crimes praticados na Inglaterra e no País de Gales, que revelavam que os homens eram responsáveis por 78% dos incidentes de violência e que as mulheres correm risco maior de sofrerem violência dentro da própria casa, assim como maior chance de sofrerem agressões pessoais ou agressões sem sequelas físicas, de 53% a 57% dos casos, respectivamente.

No Brasil, segundo o 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública²⁹, publicado em julho de 2024, no ano anterior, os homens foram as maiores vítimas de mortes violentas intencionais, representando 90,2% desses assassinatos. Bola (2020, p. 44) expõe um estudo conduzido pela universidade estadual de Iowa, intitulado *The relation of violent and non-violent toys to 44 play behaviour in pre-schoolers* (“A relação dos brinquedos violentos e não violentos com o comportamento de alunos de pré-escola durante as brincadeiras”), que descobriu que “agressões verdadeiras e de mentira ocorrem com mais frequência em brincadeiras com brinquedos violentos do que nas brincadeiras com brinquedos não violentos”.

Resgatando as tecnologias de gênero apontadas por Zanello (2022), que moldam e reforçam estereótipos e performances de gênero, encontramos os brinquedos que costumam ser “de menino” e “de menina”. Enquanto elas brincam com bonecas e mini utensílios domésticos, exercitando o cuidado e organização do lar, é comum os meninos brincarem com

²⁹ O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) é uma organização não-governamental, apartidária, e sem fins lucrativos que se dedica sobre a área de segurança pública no país.

carros, arminhas e “de lutinha”, explorando um comportamento agressivo. Outro estudo citado por Bola é *The relation between toy gun play and children's aggressive behaviour* ("A relação entre brincar com armas de brinquedo e o comportamento agressivo das crianças"), realizado na Universidade de Brandeis, que ratifica a afirmação anterior de Iowa, e ainda traz uma nova consideração sobre punições físicas impostas pelos pais aos filhos, que podem estimular a agressividade futura tanto de meninas quanto de meninos.

É desnecessário dizer que a maioria esmagadora dos homens não é violenta, assim como a maioria das mulheres. No entanto, os homens de fato cometem a maioria dos crimes violentos: uma realidade que precisa ser compreendida já no seu contexto original. Quer dizer, jovens garotos são muitas vezes educados através da violência e da agressividade, de uma maneira que, quando chegam na vida adulta, eles enxergam a violência como a língua comum das suas experiências (Bola, 2020, p. 5)

De acordo com a reportagem “Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas”, assinada por Clara Velasco, Felipe Grandlin, Marina Pinhoni e Victor Farias (2023), do *Portal G1*, publicada em 08 de março de 2023, levantamento aponta que o Brasil bateu recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas, pelo simples fato de serem mulheres.³⁰ O número é maior desde que a Lei de Feminicídio³¹ entrou em vigor, em 2015. É importante observar que a alta com o recorte de gênero também é maior do que os números dos assassinatos no geral, que foram os menores desde 2007, quando o FBSP começou a coletar os dados. Segundo o balanço mais recente de 2024, os feminicídios em 2023 mais uma vez tiveram alta, 0,8% a mais do que em 2022, com novo recorde, foram 1467 mortes. Além disso, 90% de assassinos de mulheres são homens e aconteceu 1 estupro a cada 6 minutos, sendo 88, 2% das vítimas do sexo feminino.

Ao refletir sobre a pesquisas acima, a psicóloga e filósofa Valeska Zanello (2022, p. 125) faz uma analogia ao uso de álcool e a insensibilização e naturalização da violência por mulheres que são repetidamente agredidas: quando uma pessoa não tem o costume de beber e ingere cerveja de barriga vazia é mais fácil ficar bêbada, mas quando diariamente toma a cerveja, aos poucos o organismo se adapta e a tolerância fica maior. Zanello ressalta que por

³⁰ VELASCO, Clara; GRANDLIN, Felipe; PINHONI, Marina & FARIAS, Victor. Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas”, *Portal G1*, publicada em 08 de março de 2023. Disponível em <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>. Acesso em 10 de março de 2024.

³¹ A lei do feminicídio (Lei 13.104/15), configura o assassinato de mulheres por serem mulheres, pode envolver violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher da vítima. A lei é uma qualificadora do crime de homicídio, que prevê pena de 6 meses a 20 anos. Quando enquadrada como feminicídio, a pena pode subir de 12 a 30 anos.

isso muitas vezes é comum ouvir frases como: “‘Ele nunca me bateu, só me xingou!’, ‘Ele nunca foi violento, ele só gritava e falava alto’ ou ‘Pegava com força no meu braço, mas bater; nunca bateu’” (Zanello, 2022, p.125).

Cada vez torna-se mais difícil para as mulheres romperem o “ciclo de violência”, este que, segundo Leonere Walker, citada por Zanello (2022, p.121 e 122), ocorre em três fases: a primeira ocorre quando o agressor se torna mais irritado por pequenas situações e a mulher tenta contornar a situação, já carregando um sentimento de culpa e medo. Depois vem a fase que o agressor explode e passa para a ação violenta, e a mulher novamente se culpa, sente-se impotente, com vergonha e às vezes tenta busca ajuda exterior. Já na terceira fase, é o momento do agressor se mostrar arrependido e carinhoso, pede desculpas e a mulher acredita na mudança do parceiro, mas de repente, o ciclo recomeça na fase 1.

Zanello (2022) observa como é importante a desnaturalização da violência para que as mulheres possam reconhecê-la como tal e diminuïrem seu limite de tolerância. A autora cita a Lei de Feminicídio como um avanço jurídico e ressalta que “a violência contra as mulheres é um fenômeno histórica e socialmente construído e que se encontra profundamente arraigado em nossa cultura. Crimes como feminicídio, violência doméstica e estupro são apenas a ponta de um iceberg cultural muito maior, que naturaliza e banaliza as violências contra as mulheres” (Zanello, 2022, p.128).

Esse iceberg citado, inclui, de acordo com uma imagem disponibilizada no livro (2022, p.129): ameaça, abuso psicológico, humilhar, culpabilizar, manipular emocionalmente, publicidade machista, piadas, causar danos propositalmente a objetos da mulher, xingar, chantagem emocional, vigilância e controle, *videogames* machistas, machismo na mídia (novelas, filmes, músicas, desenhos e etc.) e por fim a invisibilização da mulher. Zanello (2022, p.130) defende que um termo muito popular utilizado pelos brasileiros “cultura do estupro” para se referir às situações de violência contra a mulher deve ser revisado e substituído por “cultura da objetificação sexual”, pois muitos homens alegam que não cometem estupro, mas diariamente praticam essas tantas outras formas de naturalização da violência contra a mulher.

Nesse cenário, em que a violência simbólica se expressa de maneira estrutural e muitas vezes velada, é importante destacar como lideranças religiosas e digitais contemporâneas também desempenham papel crucial na reprodução de discursos que naturalizam a desigualdade de gênero. Durante a quaresma de 2025, milhares de pessoas acompanharam, às 4 da manhã, as lives do *influencer* católico Frei Gilson, que tem quase 9 milhões seguidores no *Instagram* e mais de 7 milhões de inscritos no *YouTube*, mesmo em meio a queda da igreja católica no país. Segundo a reportagem da *BBC News*, “Frei Gilson: quem é o sacerdote

anticomunista criticado pela esquerda e abraçado pelo bolsonarismo”, em uma pesquisa feita pelo Instituto Datafolha, o percentual de brasileiros que se identificavam assim caiu de 75% em 1994 para 51% em 2022. O sacerdote furou a bolha religiosa após algumas de suas falas gerarem debate entre a direita e esquerda nas redes sociais.

Conservador e anticomunista, citado por ter recebido uma oração a favor dos golpistas, nas investigações do plano de Golpe de Estado que culminou no 8 de janeiro, Frei Gilson se valeu de interpretações da Bíblia para disseminar ódio pelas mulheres. Em uma das orações transmitidas, ele criticou o empoderamento feminino e defendeu que as mulheres devem atuar de forma auxiliar aos homens. "Essa é uma fraqueza da mulher: ela sempre quer ter mais. 'Eu não me contento só em ser... em ter qualidades normais de uma mulher. Eu quero mais'. Isso é ideologia dos mundos atuais. Uma mulher que quer mais... vou até usar a palavra que vocês já escutaram muito: empoderamento", disse. E complementou "O homem, foi dado a ele a liderança, mas a mulher tem o desejo de poder. Não é desejo de serviço, é desejo de poder. Repito a palavra: empoderamento. Portanto, eu já começo a falar: a guerra dos sexos é ideologia pura, é diabólica. Para curar a solidão do homem, Deus fez você [mulher]. Ela nasceu para auxiliar o homem." No perfil do *Instagram*, As Católicas, uma comunidade de quase 40 mil mulheres que lutam pelo direito de decidir, existe um post³² que rebate o posicionamento do Frei, inspirado na própria Bíblia, cita diversas personalidades cristãs do primeiro e segundo testamento que foram líderes e protagonistas, como Débora (Juizes 4 e 5), juíza e profetisa que liderou o povo de Israel contra os canaues e Maria Madalena (Mateus, Marcos, Lucas e João), primeira apóstola de Jesus e a primeira a anunciar o Evangelho de Jesus.

Essas falas ainda encontram ressonância em dinâmicas contemporâneas que romantizam a submissão feminina, como no movimento das chamadas ou esposas troféu tem ganhado visibilidade, com mulheres que promovem um estilo de vida de submissão aos maridos, estes que são os provedores financeiros do lar. Algumas dessas influenciadoras se dedicam a atividades como cozinhar do zero, preparar pães artesanais e viver de maneira orgânica, cultivando uma estética “simples” que, na prática, está longe de ser acessível à maioria, principalmente em grandes centros urbanos. Embora promovam a maternidade com número de filhos “que Deus mandar” e o cuidado doméstico como escolha pessoal e nobre, não se ocupam de tarefas cotidianas e banais como lavar o banheiro ou cuidar das roupas.

³² Disponível em: https://www.instagram.com/p/DHn4qwOM2GZ/?img_index=1

Outras preferem exibir um estilo de vida luxuoso, com rotinas que incluem acordar tarde, frequentar academia e Pilates, fazer compras, viajar e realizar procedimentos estéticos.

Em ambos os casos, compartilham a imagem de uma vida perfeita, com a exibição do marido rico e uma suposta submissão feminina que, na realidade, é permeada de escolhas. O que muitas dessas influenciadoras não revelam é que, por trás dessa imagem, há uma autonomia financeira garantida pelo trabalho nas redes sociais, com a criação de conteúdo e parcerias comerciais. Esse discurso ainda se alia à exaustão da dupla jornada enfrentada por muitas mulheres. Assumir apenas o papel de esposa devotada pode parecer libertador, mas reforça uma lógica conservadora que restringe possibilidades. Mesmo se apresentando como esposas troféu, a realidade dessas mulheres está distante da dependência financeira que pregam, pois suas fontes de renda vêm de um trabalho *online* que lhes permite escolher esse estilo de vida, algo distante da maioria das mulheres que precisam trabalhar para garantir sua sobrevivência.

Além disso, essa imagem idealizada pode esconder situações de violência doméstica, onde a mulher, temendo perder a estabilidade financeira e o status, se cala diante de abusos, permanecendo refém de uma dinâmica de controle e subordinação. Por outro lado, também impõe aos homens a obrigação de performar uma masculinidade centrada no sucesso financeiro. A pressão por sustentar o ideal de “marido bem-sucedido” não apenas alimenta frustrações e sentimentos de inadequação, principalmente para aqueles que estão desempregado, e/ou ainda despertar comportamentos agressivos ou depressivos.

Gabriella Jacinto, influenciadora com mais de 2 milhões de seguidores, entre eles Thiago Schutz, é conhecida por se identificar como “esposa troféu” e influenciar muitas mulheres a seguirem esse estilo de vida. Recentemente, após engravidar, o marido a convenceu a oficializar uma união estável com separação total de bens e ela só aceitou após ganhar um kit de joias no valor de quase 1 milhão de reais. Gabriella ressaltou a importância da independência financeira feminina: “Corra atrás do seu, não fica dependendo 100%”. Embora voltada para um estilo de vida de luxo e dependência, o caso expõe como esses relacionamentos podem ser arriscados para as mulheres, deixando-as vulneráveis financeiramente e sem proteção legal, principalmente quando não há casamento formal.

Essa realidade se contrapõe à vivência de outras mulheres que, embora também pareçam fazer escolhas autônomas, estão imersas em uma lógica de exploração e submissão de gênero, exaltada nas redes sociais. Mulheres que se identificam como “mulheres do *job*”, termo popularizado para se referir a prostitutas, ou como *baby sugars*, que se envolvem com homens mais velhos e ricos em troca de apoio financeiro, muitas vezes vinculado ao sexo,

ainda estão inseridas em uma dinâmica onde o corpo feminino se torna uma mercadoria, seja para sobrevivência ou para manutenção de status. Mesmo que algumas se sintam empoderadas pela autonomia financeira que essas práticas oferecem, a prostituição e outras formas de troca sexual não são escolhas livres para todas as mulheres. Elas surgem muitas vezes como uma resposta à falta de oportunidades e às condições econômicas precárias. Apesar de algumas encontrarem empoderamento nas decisões que tomam, a realidade é que seus corpos são comprados e vendidos. A diferença entre elas e as *tradwives* está na quantidade de “consumidores”: enquanto as mulheres do *job* atendem vários clientes, as *tradwives* se dedicam a apenas um, muitas vezes em relações travestidas de romantismo. Em ambos os casos, o corpo feminino é central, seja como instrumento de sobrevivência, status ou afeto, e continua sendo explorado dentro de uma lógica machista de consumo.

Dessa forma, observa-se que a mídia contemporânea não apenas reproduz estereótipos tradicionais de gênero, mas também adapta a violência simbólica a novas linguagens e formatos. Seja pela naturalização da submissão romântica, pela valorização da dependência econômica ou pela mercantilização do corpo feminino, os discursos midiáticos continuam a reforçar hierarquias de gênero de maneira sofisticada e difusa. A violência simbólica, mediada pelas plataformas digitais, permanece um instrumento central para a legitimação da desigualdade entre homens e mulheres na sociedade contemporânea.

4. MASCULINISMO OU CRISE DE MASCULINIDADE: A MACHOSFERA

Já neste capítulo, será aprofundada a discussão sobre o fenômeno do masculinismo contemporâneo, sua relação com a crise da masculinidade hegemônica e o surgimento da chamada “machosfera”, movimento *online* que dissemina discursos misóginos. É examinado como os avanços do movimento feminista e das pautas de gênero impactaram simbolicamente os homens, provocando reações que vão desde a insegurança e o sofrimento psíquico até a radicalização política e ideológica. Também são exploradas as diferentes manifestações do masculinismo, com destaque para o movimento *Red Pill*, suas origens, influências filosóficas e retóricas, e como ele vem se consolidando nas redes sociais, muitas vezes utilizando uma linguagem disfarçada de autoajuda e desenvolvimento pessoal. Por último, é destacado como esses discursos influenciam o comportamento de jovens, promovem a violência simbólica e física contra as mulheres, e se articulam com ideologias extremistas, apontando para os riscos sociais e políticos dessa ascensão reacionária.

4.1 Masculinidade em evidência: o que é ser homem?

Silva (2023) assinala que foi a partir dos estudos feministas e de gênero, bem como com o surgimento de novos movimentos sociais, que as pesquisas sobre a masculinidade começaram, por volta da década de 80. Mas Oliveira e Silva (2021) ressaltam que as pesquisas quando tratam de gênero, ainda se concentram em feminismo, violência contra as mulheres e população LGBTQIAPN+. Segundo as autoras, o tema ganhou destaque no Brasil nos anos 1990, com a dissertação de Berenice Bento (2015), defendida em 1998, sob o título “Um certo mal-estar: queixas e perplexidades masculinas”. Em 2015, a autora publicou a tese em formato de livro: “Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas. O olhar de Bento (2015) voltou-se para como os homens estavam reagindo ao avanço das pautas feministas, com a revelação de incertezas e inseguranças deles.

Para além da quantidade ainda relativamente pequena de estudos na academia sobre masculinidade (a grande maioria encontrados para referenciar este trabalho são das ciências sociais e psicologia), compete mencionar o estudo da arte de Danilo Postinguel (2019), feito sobre teses e dissertações na base da capes entre 1999 e 2018. O levantamento demonstrou que aos poucos há um crescimento gradual, qualitativo e quantitativo das pesquisas que

dialogam com os estudos de masculinidades no campo de estudos da comunicação, mas ainda existe certa limitação de trabalhos.

Conforme aponta Sócrates Nolasco (2001), no livro “De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais”, entende-se a masculinidade como o acesso ao mundo de privilégios, liberdade e poder exercidos na esfera pública, vinculada ao estereótipo de homens brancos, heterossexuais, que, desde a era moderna, reivindica o espaço de herói. Tais construções são sociais, identitárias e historicamente ligadas ao poder hegemônico dos homens. Segundo Nolasco, a masculinidade é uma ideia que agrega uma série de imagens que disponibilizam ao indivíduo o modo como ele deve agir diante das situações que enfrenta. Para isso, de acordo com o autor, as culturas criam e organizam mitos e heróis que possam gerar identificações para que, na sociedade, os que se espelham nestas figuras possam lidar consigo mesmos e com os grupos que estão inseridos. Nesse sentido, a socialização dos “meninos” segue uma lógica que permeia a ideia de dominação, que deve não demonstrar afeto, sensibilidade e, principalmente, fragilidades. Mas o que Nolasco pondera é que cada vez mais os homens têm se fragilizado frente às situações cotidianas. A agressividade e a violência são marcas desta forma de dominação, como também pode ser pensada a violência simbólica (Bourdieu, 1989).

Benedito Medrado (1997), ainda no século XX, já identifica este movimento que emergia entre os homens como uma contraposição às conquistas das mulheres e da comunidade LGBTQIAPN+. O autor afirma que os estudos sobre homens e masculinidades emergem como alternativa a mulheres e gays para definir seus espaços na política, na economia e nas questões relativas à sexualidade, no âmbito privado ou no público. Assim, buscam contestar as visões contra hegemônicas e garantir a dominação masculina.

Kimmel (1998) *apud* Lima (2018) aponta alguns pressupostos acerca da construção simbólica e social das masculinidades, entendendo que se trata de um produto histórico e cultural. Parte dos seguintes pressupostos: (a) as masculinidades oscilam em função de cada cultura; (b) transformam-se no âmbito de uma mesma cultura no decorrer do tempo; (c) mudam nas mais diferentes culturas, a partir de uma série de fatores que contribuem para a sua produção vista como hegemônica (identidades, signos e valores compartilhados etc.), (d) mudam nas próprias vivências individuais. O autor aponta, portanto, para o caráter mutável das masculinidades, visto que estas são produzidas no decorrer da própria história do sujeito. (Kimmel, 1998 *apud* Lima, 2018).

Tais pressupostos são importantes para entender como nos países ocidentais os avanços dos movimentos feministas e de outras lutas no âmbito dos gêneros levaram a

situações de desconforto nos padrões hegemônicos da masculinidade atrelada a um modelo heteronormativo. Hoje, cobra-se mais dos homens o cuidado com a beleza, com padrões estéticos, posições mais sensíveis em relação a valores, além do impacto com a inserção cada vez maior de mulheres no mercado de trabalho e em lugares de poder. Obviamente, a partir de Kimmel (1998), percebe-se que houve uma série de redefinições do papel do homem e do que se entende como masculinidade.

No artigo “A Masculinidade como Construção Social: um olhar analítico comportamental”, Pitanga, Freitas e Sahium (2020) afirmam que, em cada contexto sócio histórico, são esperados determinados comportamentos dos homens. Silva (2023) também destaca que, na sociedade atual, existem diversas identidades heterogêneas e, portanto, diversas masculinidades. Desse modo, os estudos sobre masculinidade foram importantes para captar as diversas vozes masculinas. Então, assim como Simone de Beauvoir³³ (1949/1980, p.9), ao frisar que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, buscou argumentar que nenhum destino biológico, psíquico ou econômico pode definir a forma e os papéis que a mulher assume na sociedade. Da mesma forma, isso é perceptível que o mesmo acontece com os homens. Para os fins desta pesquisa, adota-se uma visão de masculinidade hegemônica que é:

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 245).

Connell e Messerschmidt (2013) apontam que o patriarcado criou uma cumplicidade masculina que foi de certo modo aceita pelas mulheres. Logo, apesar da hegemonia masculina poder ser exercida através da força, ela é alcançada principalmente pelos processos culturais e instituições. A Revolução Industrial e as grandes guerras mundiais modificaram o papel do homem na sociedade. Junto a isso tem-se o movimento feminista, e com os estudos de gênero, percebe-se a imersão de um desconforto masculino com as transformações da sociedade, ou seja, uma crise na masculinidade hegemônica. Arent (1999) a caracteriza como um medo após a perda dos homens do papel tradicional. Houve também novas responsabilidades, como maior busca das mulheres pelas divisões das tarefas domésticas e cuidados com os filhos.

³³ Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, mais conhecida como Simone de Beauvoir, foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa. A citação faz referência ao seu livro, *O Segundo Sexo*.

Desse modo, uma parcela dos homens identificou-se com o masculinismo, que pode ser definido como “[...] movimento social conservador ou reacionário, que afirma que os homens sofrem uma crise identitária porque as mulheres, em geral, e as feministas, em particular, dominam a sociedade e as instituições” (Dupuis-Déri, 2009, p. 97). Dentre as vertentes do masculinismo, tem-se a *Red Pill*, que se desenvolveu principalmente em fóruns na internet, a partir do descontentamento em comum desses homens.

4.2 Masculinismo e a negação dos direitos e da diversidade

Quanto à questão identitária da masculinidade, Silva (2000) discute que aparentemente a definição de identidade é autossuficiente, como simplesmente aquilo que cada um de nós é, por exemplo, ser homem. Já a diferença aparece como aquilo que o outro é, neste caso, em contraposição, ser mulher. Desse modo, é possível perceber que existe uma correlação entre a identidade e a diferença. Afirmar que alguém é homem, implica em negar que seja mulher, ou seja, que inclusive tenha trejeitos considerados femininos socialmente, como discutido antes, já que quando um homem apresenta tais características, é chamado de seu oposto, “mulherzinha”. “A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais” (Silva, 2000, p.76).

Além do mais, como esclarece Silva (2000), a identidade e a diferença são marcas de poder entre grupos assimétricos, sempre haverá o “nós”, a sensação de pertencimento e o “eles”, aqueles que são opostos ou desviantes do esperado. O autor ainda levanta o quanto esse processo de classificação é importante na sociedade e culmina na separação dos grupos através da identidade e da diferença. Quando se trata de comportamentos ou características esperadas, existe uma normalização. “Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa” (Silva, 2000, p. 83). Pode-se contrapor aqui além dos opostos homem e mulher, termos da machosfera como *Alfa*, *Beta* e *Sigma*, ambos ancorados em uma espécie de explicação biológica. Assim, o macho *Alfa* é aquele dominante, que conquista dinheiro, posição social, atrai o respeito de outros homens e é desejado pelas mulheres. Já o *Beta* seria o oposto disso, o *Blue Pill*, um homem fraco, sem grandes conquistas e que é usado pelas mulheres. Apesar da identidade e diferença serem sempre pautadas por binários, neste caso, encontramos um terceiro elemento, o *Sigma*, um homem em potencial, que, apesar de ter

características do *Alfa*, é mais tímido. Assim, há uma normatização e uma classificação de poder dentro da própria masculinidade.

Bogéa (2019) sustenta que a masculinidade hegemônica faz uma espécie de pressão através das instituições sociais, sendo a primeira a família, para que os homens se enquadrem nos padrões esperados. Tal observação pode ser percebida na pesquisa “O Silêncio dos homens”³⁴, em que a maioria dos homens afirmou ter o pai como referência de masculinidade, mas apenas 1 em cada 10 homens já conversou com o pai sobre o que é ser homem. Entre as crenças aprendidas durante a infância e a adolescência do ideal de masculinidade, 85% concordaram com ser bem-sucedido profissionalmente; 78% não se comportar de modos que pareçam femininos; 73% ser fisicamente forte; 67% ser o responsável pelo sustento financeiro da família; 60% não expressar as emoções; 48% dar em cima das mulheres sempre que possível e somente 2 em cada 10 homens dizem ter tido exemplos práticos de como lidar com as emoções.

O escritor e poeta JJ Bola (2020) realça que para compreender a noção do que é ser homem, deve-se difundir o conceito de patriarcado para além da academia. Isso porque questões que afetam os homens como depressão, ansiedade e traumas emocionais podem ser desencadeadas e pioradas com o ideal de virilidade, fortaleza financeira e emocional.

(...) a sociedade é em geral patriarcal, no sentido de favorecer os homens para que eles ocupem posições privilegiadas, ela faz parecer que os homens não experimentam qualquer tipo de sofrimento íntimo. É como uma faca de dois gumes, uma panaceia venenosa. Ou seja, em outras palavras, o sistema que coloca os homens em vantagem na sociedade e essencialmente o mesmo que os limita, inibindo o crescimento pessoal e, no fim das contas, levando ao colapso dos indivíduos” (Bola, 2020, p.20)

No primeiro capítulo, intitulado “Homens de Verdade: Mitos da Masculinidade”, o autor trabalha a desconstrução de alguns mitos da masculinidade como a própria expressão “Seja Homem”, que funciona como um silenciamento emocional, quando, por exemplo, um menino cai, se machuca e precisa “segurar o choro”. Outra frase usual - “os homens são mais fortes que as mulheres” – reforça o argumento desconstruído com um simulador da dor do parto, que realça a característica da força ser baseada na situação, para além das diferenças biológicas entre os sexos. Tem ainda o termo - “os homens são lógicos (e as mulheres emocionais)” - que reflete um estereótipo e pouca exploração das emoções masculinas,

³⁴ Pesquisa realizada em 2019, por Papo de Homem e Instituto PdH + Zooma Inc., com quase 50 mil entrevistados de todas as regiões, classes sociais, gênero e raça.

porque segundo pesquisa citada pelo autor, no mundo, em países como a Inglaterra, por exemplo, quando a seleção de futebol perde, a violência doméstica aumenta até 38%, segundo análise entre os anos de 2012 e 2013. No Brasil, uma pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública publicada em 2022 analisou a relação dos dias de jogo do Campeonato Brasileiro e dos índices de violência doméstica. O resultado encontrado foi que, no dia em que o time da cidade joga, o número de ameaças contra mulheres aumenta 23,7% e o número de lesão corporal dolosa no contexto de violência doméstica cresce 20,8% em relação a dias sem jogo.

O adoecimento mental dos homens é abordado no capítulo seguinte com diversas pesquisas que revelam altas taxas de suicídio e condições precárias no contexto britânico, como maior probabilidade de chances dos homens se tornarem dependentes de álcool e drogas, além utilizarem métodos mais violentos como arma de fogo ou enforcamento quando tiram a própria vida, porque representam a agressividade e a força da masculinidade. No Brasil, um estudo publicado em 2024, realizado pela Faculdade de Medicina de Harvard, nos Estados Unidos, em parceria com a Fiocruz Bahia, revelou que o Brasil teve mais de 147 mil suicídios entre 2011 e 2022, o que representa uma alta de 3,7% na taxa de suicídio no período. Na população geral, o suicídio foi quatro vezes mais frequente em homens do que em mulheres, sendo a faixa etária de 25 a 59 anos a que mais comete suicídio no país. Bola (2020) alerta que, ao mesmo tempo que os homens contribuem para que a masculinidade tóxica prospere, também sofrem com as imposições patriarcais que levam ao sofrimento mental em um mundo violento. Além do impacto na saúde mental, a masculinidade também se manifesta na esfera política, como veremos a seguir.

No capítulo intitulado "Este mundo é dos homens: a política da masculinidade e a masculinidade da política", Bola (2020, p. 81) analisa a predominância masculina na política mundial, inclusive cita que os ditadores no período moderno são em sua maioria do sexo masculino. O autor explora como a construção social da masculinidade e o abuso de poder influencia essa desigualdade de gênero no campo político e afeta a dinâmica de poder nos países a até mesmo a predominância de guerras que são estimuladas desde a infância com videogames violentos. "Muitos meninos crescem acreditando que sempre existe, e sempre existira, alguém para se combater, incutindo neles uma mentalidade de "matar ou morrer" outro elemento da masculinidade tóxica" (Bola, 2020, p.83), temos como exemplo várias guerras mundiais em curso que são lideradas por homens como o conflito entre Rússia e Ucrânia e a guerra entre Israel e o grupo terrorista Hamas.

Segundo o Mapa “Mulheres na Política 2023”³⁵, em 1º de janeiro de 2023, 11,3% dos países tinham mulheres Chefes de Estado (17 de 151 países, sistemas baseados em monarquia excluídos) e 9,8% tinham mulheres Chefes de Governo (19 de 193). Mas seriam as mulheres líderes benevolentes por natureza? Bola (2020, p.86) destaca que a paz é vista como algo que seria feminino e, conseqüentemente, uma natureza mais fraca, mas que não é possível saber se o mundo seria menos violento se houvessem mais líderes mulheres, uma vez que a paz relacionada ao gênero também pode soar como um estereótipo. Para o autor, até o momento, a maioria das grandes líderes, tem adotado o patriarcado como guia para se equipararem aos homens e cita a famosa “Dama de Ferro”, Margareth Thatcher³⁶, além de examinar que no mundo corporativo, as mulheres que apresentam traços mais “masculinos” têm maior perspectiva de sucesso e elevação de cargo.

No Brasil, na última eleição de 2024, somente 728 mulheres foram eleitas prefeitas e as vereadoras somam 18,2% do total de candidatas, frente aos 81,8% de homens eleitos para as Câmaras Municipais, o número ainda é muito baixo visto que o Brasil possui 5570 municípios e apenas 12% das cidades têm mulheres à frente da prefeitura. Do mesmo modo, na eleição presidencial em 2022, apenas 91 mulheres se elegeram deputadas federais num universo de 513 parlamentares (17%) O aumento de 77 deputadas (em 2018) para 91 (em 2022) pode parecer um avanço, mas pelo menos 21 das parlamentares têm o seu capital simbólico vinculado a figuras masculinas, o que torna a sua representatividade em defesa das mulheres relativa, já que estão vinculadas a oligarquias comandadas por homens.

Outro ponto relevante da discussão deste capítulo é o extremismo político masculino, que, segundo Bola (2020, p.89), “a dominação masculina através do espectro político é um instrumento de poder. E visões ideológicas opostas, que de modo geral são vistas como posições contrárias do mesmo sistema, com frequência tem uma característica em comum: a masculinidade” (Bola, 2020, p.89). De acordo com o autor, é por isso que tantos homens jovens se tornam radicais de movimentos *jihadismo*, neonazismo e outros movimentos políticos de supremacia branca ou com enfoque masculino, inclui embasada nessa perspectiva, o grupo *Red Pill* que é o tema central desta pesquisa. Kimmel *apud* Bola (2020), argumenta que a masculinidade é a cola social que mantém essas identidades extremistas

³⁵ Criado pela ONU Mulheres e pela União Interparlamentar (UIP) desde 2005, o mapa mostra as classificações mais recentes e a distribuição regional de mulheres em cargos executivos e parlamentos nacionais no mundo.

³⁶ Foi a primeira mulher a assumir como primeira-ministra britânica, ganhando três eleições com o partido conservador, em 1979, 1983 e 1987, mas só teve sua popularidade de fato sustentada pelos parlamentares do próprio partido após ter liderado o país na Guerra das Malvinas, em 1982.

unidas e que, portanto, devem defendê-la. Bola (2020), afirma que também é papel da imprensa mostrar que esses homens não são solitários:

Na prática, esses atos políticos de violência são rotulados como crimes executados por ‘Lobos solitários’, ou seja, alguém que age sozinho e não é motivado por uma ideologia política. Mas quantos ataques violentos de lobos solitários vamos ter que aguentar até que as pessoas finalmente associem uma ideologia política a eles? Não importa que essa violência seja-fundamentada na supremacia branca ou em questões de gênero, ou até em ambos, esses atos são políticos e se desenvolvem através de pactos de masculinidade, e não através de lobos solitários (Bola, (2020), p.93).

Bola (2020, p. 125), no capítulo 7, apresenta “O Submundo das DMS: masculinidade na era das redes sociais”, reflete sobre o crescente número de usuários em plataformas como *Facebook*, *Instagram* e o antigo *Twitter* (atualmente X). O autor argumenta que essas redes formam “países digitais”, nos quais os indivíduos conseguem comunicar suas ideias e interagir com outros usuários, criando espaços específicos para a disseminação de suas concepções. Bola (2020) alerta que as redes sociais influenciam não apenas o discurso, mas também a percepção de imagem e corpo masculino, causando transtornos alimentares e procura médica, além disso, também incentivam a questão do materialismo e dinheiro, questões que serão exploradas futuramente na análise.

Um aspecto que chama a atenção do autor é o aumento da misoginia online, a partir da criação de perfis anônimos e robôs usados para atacar e assediar mulheres, como vimos no caso de Thiago Schutz e Lívia La Gatto, mas o influenciador não se importou com a questão da identidade, o que corrobora que esses movimentos estão em uma movimentação crescente e ficando mais audaciosos. Segundo pesquisa citada por Bola (2020, p.133), realizada em oito países, a revista *New Statesman* relatou que, no conjunto total dos entrevistados, cerca de 23% das mulheres já sofreram abusos online, com as porcentagens variando desde os 16% na Itália e indo até os 33% dos Estados Unidos, o que significa dizer que uma em cada três mulheres norte-americanas já foi obrigada a lidar com este tipo de violência. No Brasil, de acordo com a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos da SaferNet³⁷, as denúncias de misoginia na internet cresceram quase trinta vezes entre 2017 e 2022, sendo as mulheres as maiores vítimas, com 74,3 mil denúncias registradas no período.

O crescimento da misoginia *online* não se limita apenas aos dados de denúncias e pesquisas recentes. A cultura digital também começa a refletir esse cenário em obras de ficção, como na minissérie britânica *Adolescência* (Netflix, 2025). Lançada em 13 de março

³⁷ CENTRAL NACIONAL DE DENÚNCIAS DE CRIMES CIBERNÉTICOS. *SaferNet Brasil*. Denúncias de misoginia na internet cresceram quase trinta vezes entre 2017 e 2022. Disponível em: <https://www.safernet.org.br>. Acesso em: 19 jan. 2025.

de 2025, a obra tem apenas 4 episódios, de cerca de 1 hora cada e apresenta o enredo da prisão de Jamie Miller, um adolescente de 13 anos que é acusado de assassinar Katie Leonard, uma colega da escola, a facadas. Cada episódio explora um aspecto em torno do crime, o primeiro é o choque prisão e a descoberta do assassino; o segundo retrata o ambiente escolar e o mundo desconhecido dos adolescentes, o terceiro e último a família do adolescente. Segundo a matéria da *Revista Veja*³⁸, “‘Adolescência’ alcança marco histórico de audiência na Netflix”, a minissérie entrou para o ranking das 10 séries mais bem-sucedidas da história da plataforma, com mais de 96,7 milhões de visualizações pelo mundo até o segundo dia de abril. Para a *BBC*³⁹, em “Por que ‘Adolescência’ da Netflix é aclamada como ‘coisa mais próxima da perfeição na TV em décadas’”, um dos pontos que chama a atenção na minissérie é a filmagem em plano sequência, em que cada episódio foi filmado em uma única tomada contínua, sem cortes. Além disso, a reportagem coletou elogios de diversos veículos à atuação dos atores, como do de Owen Cooper que faz o personagem principal. Caso o leitor não tenha assistido à série e deseje fazê-lo, recomendo que pule as observações a seguir sobre a narrativa para não se deparar com *spoiler*.

O ponto central da narrativa, explorado pela reportagem, é a ira masculina contra as mulheres, incentivada na própria internet. Sthepan Graham, um dos criadores da série, disse que se inspirou em duas reportagens diferentes sobre meninos que mataram meninas a facadas. “Me perguntei o que está acontecendo em uma sociedade em que esse tipo de coisa está se tornando comum”, disse ele ao programa *The One Show*, da BBC. “Eu não conseguia entender. Então, quis investigar e tentar lançar luz sobre essa questão em particular.” O outro criador da série, o roteirista Jack Thorne, em entrevista ao programa *Front Row*, da BBC Radio 4, disse que queriam o “olhar nos olhos da ira masculina”. Para ele, o personagem central foi “doutrinado por vozes” de influenciadores misóginos, como Andrew Tate, autoproclamado misógino, um ex-lutador de *kickboxing*, de 38 anos, que tem mais de 10 milhões de seguidores no X, antigo Twitter, e fama global.

No primeiro episódio, ao ser confrontado pela polícia, Jamie nega o tempo todo ter feito algo errado, e sua família acredita nele. No entanto, há uma prova inegável: um vídeo de câmeras de segurança flagrou o momento do assassinato. Ainda assim, para a polícia, isso não

³⁸ Veja é uma revista conhecida nacionalmente da editora Abril. Acesso a reportagem em: https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/adolescencia-alcanca-marco-historico-de-audiencia-na-netflix/#google_vignette

³⁹ A British Broadcasting Corporation (Corporação Britânica de Radiodifusão, mais conhecida pela sigla BBC) é uma corporação pública de rádio e televisão do Reino Unido fundada em 1922.

basta, é necessário compreender a motivação do crime. O segundo episódio explora o ambiente escolar dos jovens, o caos e a completa desconexão entre seus mundos e o dos adultos, desde o bullying até o significado dos emojis e comentários nas redes sociais. Com a ajuda do próprio filho, um dos policiais descobre que a menina assassinada havia comentado nas redes sociais que Jamie era um *Incel*. Além disso, outro garoto confessa ter entregue a faca para que Jamie cometesse o crime.

Já no terceiro episódio, acompanhamos o diálogo entre Jamie e uma psicóloga responsável por emitir um parecer para o julgamento. O garoto apresenta oscilações de humor, grita, joga objetos no chão e demonstra raiva diante das perguntas complexas da profissional. A psicóloga busca investigar quais são os ideais de masculinidade para Jamie e quais exemplos ele tem do pai e do avô, mas o contexto familiar não se revela como um fator determinante para o assassinato. Durante todo o tempo, Jamie nega entender a gravidade do que fez e afirma que não era um *Incel* e “que se fosse outro teria feito pior”. No entanto, confessa se achar feio e diz que marcou um encontro com a menina porque, após ter fotos íntimas vazadas, ela seria mais fácil de conquistar, mas, em vez disso, ela o humilhou. Chama a atenção a necessidade que Jamie tem de a psicóloga gostar dele e o ódio que cresce dentro dele por uma mulher estar no comando da conversa. O último episódio mostra como a brutalidade do crime abalou a vida de uma família de classe média, aparentemente comum, com um garoto que tirava boas notas na escola e não dava sinais de agressividade, o que demonstra que a história poderia se repetir em qualquer lugar do mundo. No fim, Jamie decide mudar seu depoimento para culpado e, só então, o pai, único da família que havia visto o vídeo do crime, finalmente consegue acreditar. Os pais questionam se foram bons pais e lembram que Jamie passava muito tempo trancado no quarto, mexendo no computador, um comportamento que poderia ser considerado normal para qualquer adolescente.

A minissérie é encerrada em aberto, não tem como objetivo acompanhar o desfecho do julgamento, nem mesmo a família ou a história de vida da vítima aparece no enredo. A potência e aclamação aconteceram sobretudo, pela reflexão levantada sobre os desafios enfrentados pela juventude na era digital, sobre como famílias e amigos se viram destruídos pela ira masculina. Estimula pais e responsáveis, educadores e adolescentes, a discutirem sobre a falta de conexão e compreensão entre os dois mundos, do crescimento da misoginia e do *bullying online* e de como a propagação desse conteúdo e o livre acesso dos adolescentes a internet e redes sociais pode ser desastroso para a sociedade e afetar cidadãos que ainda estão em fase de formação.

Como pontua Sérgio Gomes da Silva (2006), a Revolução Industrial e as grandes guerras mundiais modificaram o papel do homem na sociedade. À medida que os adolescentes se tornam adultos, essas questões de identidade e reconhecimento se intensificam, principalmente diante das transformações sociais e do movimento feminista. No entanto, para uma parcela dos homens, essas mudanças não são vistas como avanços, mas como ameaças a uma masculinidade tradicional, gerando o que pode ser chamado de crise na masculinidade hegemônica.

Desse modo, uma parcela dos homens que buscava serem reconhecidos, identificou-se com o masculinismo, que pode ser definido como “[...] movimento social conservador ou reacionário, que afirma que os homens sofrem uma crise identitária porque as mulheres, em geral, e as feministas, em particular, dominam a sociedade e as instituições” (Dupuis-déri 2009, p. 97).

Honneth (2003), a partir dos pensamentos de Hegel e Mead, desenvolve que os sujeitos adentram na sociedade moderna através de mútuas “lutas moralmente motivadas de grupos sociais, sua tentativa coletiva de estabelecer institucional e culturalmente formas ampliadas de reconhecimento recíproco, agudo por meio do qual vem a se realizar a transformação normativamente gerida das sociedades. (Honneth, 2003, p. 156). Essas lutas são concebidas a partir de três pontos: o amor, o direito, e a solidariedade. Quando há um desrespeito dessas formas de reconhecimento é que se inicia a luta. Assim, o indivíduo procura através do amor, adquirir autoconfiança, com direito, o autorrespeito e, na solidariedade, a autoestima.

O amor, para Honneth (2003), é tratado como as relações das relações primárias, entre família e amizade, não apenas a relação sexual entre os indivíduos. Por exemplo, um bebê depende de sua mãe seja para alimentação ou outros cuidados, com o passar dos meses, aos poucos ele ganha autonomia e a mãe também retoma outras funções, além do cuidado exclusivo com a criança. É neste ponto que começa uma luta, o bebê tem dificuldade para entender que ele e a mãe não são a mesma pessoa e começa a morder e bater na mãe. Mas se a mãe passa neste teste do bebê, a criança aprende a ficar só. De acordo com o autor, o amor e, em consequência a autoconfiança acontecem apenas no momento em que a criança reconhece o *outro* como uma pessoa independente, ou seja, quando não está mais num estado simbiótico com a mãe.

Isso vale para todas as relações que a pessoa for desenvolver, “todavia, esse desejo de fusão só se tornará o sentimento do amor se ele for desiludido a tal ponto pela experiência inevitável da separação, que daí em diante se inclui nele, de modo constitutivo, o

reconhecimento do outro como uma pessoa independente” (Honneth, 2003, p. 174). Entretanto, ao tratarmos de relações amorosas hétero, no contexto da dominação masculina, e dos grupos de masculinismo, percebe-se que o reconhecimento da independência da mulher perante ao homem é um fator assustador para a construção deste amor. Isso porque eles objetivam uma espécie de simbiose, mas que lhes proporcione poder sobre as decisões da mulher como vestimentas e trabalho, daí surge um conflito de interesses.

Quanto à segunda forma de reconhecimento, o direito, voltemos a atenção para a história: no século XVIII, havia os direitos liberais da liberdade; no século XIX, os direitos políticos de participação e, no século XX, os direitos sociais de bem-estar. Para Honneth (2003), houve uma integração do indivíduo na comunidade e a ampliação do reconhecimento de suas capacidades e deveres, uma forma de estimulação ao autorrespeito. Com relação a este ponto, os homens do masculinismo questionam o suposto “exagero” de direitos conquistados pelas mulheres como, por exemplo, no Brasil, a Lei Maria da Penha e o crime de Assédio Sexual. Já a solidariedade está ligada à aceitação de qualidades individuais, de modo recíproco e que esteja em consonância com os valores da sociedade. Nesse ponto é alimentada a autoestima, ou seja, uma confiança nas realizações pessoais e na posse de capacidades reconhecidas pelos membros da comunidade. Neste aspecto, há uma série de qualidades que um homem precisa ter e/ou desenvolver para ser reconhecido em cada vertente do masculinismo, como obter dinheiro e ter convicções firmes, principalmente perante às mulheres. No processo de solidariedade, existe também o sentimento mútuo de que o feminismo tornou o mundo um lugar hostil e eles precisam se unir na luta contra tal “mal”.

4.3 A ascensão da *Red Pill* e Thiago Schutz - um dos maiores ‘redpilado’ no Brasil

Como anteriormente mencionado, os movimentos masculinistas surgem de uma cisão entre o movimento feminista e o Movimento de Libertação dos Homens. No início da década de 90, com o advento da internet, fóruns possibilitaram que homens pudessem se reunir em grupos e salas de bate-papo virtuais para trocar experiências, mas a princípio não era um lugar de amplo discurso misógino e de ódio. No artigo "*Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere*", Debbie Ging (2019, p.2) explica que o termo manósfera (ou machosfera, como conhecemos no Brasil), apareceu pela primeira vez em 2009, em um blog do Blogspot para descrever uma rede online de comunidades de interesse masculino. Mais tarde foi popularizado por Ian Ironwood, comerciante pornô e autor pseudônimo do autopublicado *The Manosphere: A New Hope for Masculinity* (2013). No artigo, a autora

explica que a machosfera, é um conjunto de comunidades online que começou a se formar nos anos 2000 e se consolidou como um ecossistema discursivo mais estruturado ao longo da década de 2010, especialmente em fóruns como *Reddit*, *4chan*, *Return of Kings* e outros espaços masculinos *online*.

É na plataforma americana *Reddit*⁴⁰, onde se encontra o *sub-reddit r/theredpill*, casa da *Red Pill*. Em pesquisa feita em janeiro de 2025, a comunidade estava em quarentena por apesar de não ser proibida, ser dedicada a conteúdo chocante ou altamente ofensivo. Por esse motivo, consta com zero membros, mas é possível ver que existem postagens há menos de dois dias na comunidade. Criada em 25 de outubro de 2012, a comunidade é baseada em “discussão sobre estratégia sexual em uma cultura cada vez mais carente de uma identidade positiva para os homens” (*The Red Pill*, 2012). Já a *r/REDPILLBRASIL*, criada em 13 de agosto de 2021, possui 298 membros e a postagem mais recente tem um mês. Auto intitula-se como o principal *subreddit* da *Red Pill* Brasil, que “é uma discussão para homens casados, homens em relacionamentos de longo termo ou homens solteiros que desejam aderir à filosofia e metodologia da pílula vermelha” (*Red Pill* Brasil, 2021).

No livro *Not All Dead White Men: Classics and Misogyny in the Digital Age* (Nem todos os homens brancos mortos: clássicos e misoginia na era digital, Donna Zuckerberg (2018) analisa como homens têm se baseado em textos, artefatos e figuras históricas principalmente da literatura grega e romana, para reforçar uma ideologia misógina e autoritária, de modo a perpetuar o patriarcado: “Eles transformaram o mundo antigo em um meme: uma imagem de uma estátua ou monumento antigo se torna um atalho infinitamente replicável e maleável para projetar sua ideologia e enviá-la para o mundo” (Zuckerberg, 2018, p.14). Segundo a autora, também são acionadas história do período medieval da Grã-Bretanha, Alemanha e Rússia, além de artigos sobre psicologia evolutiva, filosofia, biologia e economia. Para tanto, a Zuckerberg analisou a comunidade *r/theredpill*, além de artigos, livros e comentários publicados por membros da comunidade. Existem pesquisas autorrelatas dentro da comunidade que sugerem que mais de três quartos desses homens são brancos, heterossexuais, conservadores na política, sem grande ligação com a religião e que estão na faixa de 18 a 35 anos. Esse grupo além de disseminar misoginia também acredita que os homens são oprimidos pelas mulheres, o que chamam de misandria.

⁴⁰ O *Reddit* é um agregador social de notícias ou um social bookmarks. O *Reddit* é dividido em várias comunidades chamadas de “*subreddits*”. São nesses *subreddits* que reside o conteúdo do site.

A necessidade de levar a *Red Pill* a sério é especialmente urgente para feministas que usam a internet e as mídias sociais para comunicações pessoais e profissionais. Assim que uma mulher se autoidentifica *online* como feminista, ela se verá em uma tempestade de tuítes e e-mails abusivos dos homens que frequentam a *Red Pill*. Entender sua ideologia e táticas de intimidação pode ajudar a diminuir o impacto desse abuso (Zuckerberg, 2018, p.7)

De acordo com Zuckerberg (2018), as mídias sociais democratizaram a informação, mas também criaram espaços para homens antifeministas espalharem teorias conspiratórias e violência. As comunidades *online* conhecidas por serem misóginas, por exemplo, a *manosfera* e os MGTOW, na verdade estão sobre o escopo maior da *Red Pill*, que reúne homens ressentidos com as mulheres, pessoas não brancas e a elite liberal. A ideia central é que a sociedade favorece as mulheres em detrimento dos homens, principalmente os brancos heterossexuais. “Os homens de todas as facções da Pílula Vermelha tornaram-se cada vez mais francos nos últimos anos sobre o seu desejo de trazer de volta não apenas o antiquado, mas políticas de gênero literalmente antiquadas – para restabelecer as condições sociais dos homens e mulheres no mundo antigo” (Zuckerberg, 2018, p. 175).

Zuckerberg (2018, p. 15) explica que é comum nos depararmos também com o termo *manosfera*, que é um trocadilho com a palavra *blogosfera* e representa esses homens conectados pelo ódio ao feminismo. Donna afirma que os MRAs, (Ativistas dos Direitos dos Homens) são o segmento mais popular da comunidade *Red Pill* por utilizarem um discurso mais brando. Dentre suas reivindicações encontramos a eliminação de leis como pensão alimentícia, divórcio, circuncisão masculina e mais credibilidade quando são acusados de abuso sexual. Acrescenta-se a comunidade PUA, dos artistas de sedução, estes especialistas em técnicas para seduzir mulheres e que utilizam a reversão de um histórico de rejeição para ganhar credibilidade. Enquanto primeiro grupo acredita que o PUA dá mais poder às mulheres ao objetificá-las, o segundo assume que os MRAs se voltam para o movimento social porque não conseguem levar as mulheres para a cama. No caso de Thiago Schutz, percebemos que ele é um PUA, mas também se identifica com reivindicações dos MRAs. A estudiosa ainda menciona os MGTOW (Homens que seguem o seu próprio caminho) dentro da *manosfera*, mas estes por defenderem uma vida longe das mulheres, geralmente são “zuados” principalmente pelos PUA.

O documentário norte-americano *The Red Pill* (2016), dirigido por Cassie Jaye, acompanha a jornada da própria diretora, que, a princípio, se identificava como feminista e desejava denunciar a misoginia presente nos MRAs, ativistas pelo direito dos homens. Ao longo de sua pesquisa, por meio do contato e das entrevistas com diversos homens do

movimento, Jaye modifica sua percepção e passa a questionar os valores do feminismo. A narrativa adota um tom reflexivo e investigativo, marcado pela busca por uma suposta verdade que, ao final, parece legitimar amplamente as vozes entrevistadas, principalmente em temas como a guarda de filhos negada aos pais, a invisibilização da violência doméstica contra homens, o alistamento militar obrigatório e o suicídio masculino.

Embora Jaye inclua algumas perspectivas feministas, essas aparecem de forma pontual e sem o mesmo destaque ou aprofundamento concedido aos depoimentos masculinos. Nesse sentido, *The Red Pill*, ao contrário de outro documentário relevante sobre o tema, *O Silêncio dos Homens*, não busca as raízes dos sofrimentos masculinos na opressão gerada pela sociedade patriarcal. Em vez disso, aproxima-se de estratégias discursivas semelhantes às de influenciadores como Thiago Schutz, ao apresentar o feminismo como um movimento excessivo ou opressor e os homens como vítimas de um sistema supostamente injusto. A linguagem do documentário reforça a ideia de que haveria uma verdade silenciada sobre o sofrimento masculino, favorecendo a lógica *Red Pill* de vitimização e ressentimento.

Retomando Zuckerberg, o que fica evidente é que esses homens se incorporaram à direita alternativa ou Alt-right, grupo branco nacionalista que inclui neonazistas e preza pelo policiamento da sexualidade branca feminina. Mas por que esses homens estão interessados nos clássicos? Zuckerberg (2018, p. 23) explica que a palavra clássico e o termo classe, de classe social, não possuem uma mera semelhança, que os homens clássicos na Roma Antiga eram a população do topo. Sendo assim, pode-se ver o conhecimento dos clássicos sendo utilizado como forma de manutenção de hierarquias existentes.

Os homens da *Red Pill* são particularmente atraídos pelo mundo antigo porque veem nele um reflexo de suas próprias políticas de gênero reacionárias. Grande parte da literatura que sobreviveu do antigo mundo mediterrâneo pode ser facilmente adaptada às suas ideologias e há um profundo poço de misoginia antiga para se inspirar. (...) A teoria de Aristóteles sobre a escravidão natural e a inferioridade das mulheres é considerada uma de suas ideias menos sólidas pelos classicistas, mas se presta bem à ideologia *Red Pill* (Zuckerberg, 2018, p. 25)

Analogamente, os conservadores buscam a retomada dos clássicos por considerarem que existe uma desvalorização dessa cultura pela população em geral e na academia. Entre os aspectos misóginos em alguns desses textos, como *A Metamorfoses*⁴¹, de Ovídio⁴², estão

⁴¹ A *Metamorfoses* de Ovídio poderia ser chamada de "enciclopédia da mitologia clássica" - narra os acontecimentos míticos dos personagens mais importantes e utilizados na mitologia grega.

⁴² Públio Ovídio Naso (em latim: *Publius Ovidius Naso*), conhecido como Ovídio em português, (Sulmona, 20 de março de 43 a.C. — Tômis, 17 ou 18 d.C.) foi um poeta romano conhecido principalmente como o autor de *Heroides*, *Amores*, e *Ars Amatoria*, três grandes coleções de poesia erótica, *Metamorfoses*, um poema

relatos de estupros e agressões. Além de adicionar alertas de gatilho, universidades têm optado por substituir os textos por outros considerados mais adequados para estudo, mas isso não significa um boicote aos clássicos, é mais uma adaptação. Contudo, muitos desses homens *Red Pill* imaginam um futuro distópico em que as feministas reescrevem a história e apagam os clássicos, a autora sinaliza: “os clássicos ocidentais são mais valorizados por serem ocidentais e clássicos do que por seu conteúdo” (Zuckerberg, 2018, p.35).

De certo, hoje Ovídio poderia ser considerado um PUA, porque escreveu *Ars Amatoria*, um manual de sedução dividido em três volumes, que mostra como manipular e abusar de mulheres, e que a confiança de um homem é mais importante do que a aparência. Igualmente, um homem não deve pedir permissão à mulher para um beijo, deve roubá-lo e fingir que está bebendo, pois se se tornar agressivo, pode culpabilizar a bebida. Enquanto as mulheres que ficam bêbadas merecem ser estupradas. “Uma mulher deitada em uma poça de Lyaéus? Vergonhoso. Ela é digna de sofrer qualquer tipo de sexo. Nem é seguro ficar deitado dormindo quando a sobremesa for servida; muitas coisas vergonhosas acontecem durante o sono” (Ovídio *apud* Zuckerberg, 2018, p. 113).

Considerando essas problemáticas, nos lembremos do caso da jovem de 22 anos, que em julho de 2023, na capital Belo Horizonte, foi abandonada por um motorista de aplicativo na calçada de sua casa de madrugada e desacordada após o consumo de bebida alcoólica. Cerca de 15 minutos depois um homem carregou a jovem para um campo de futebol e a estupro; o estupro foi condenado há 10 anos de prisão de acordo com a reportagem de 2024, do G1, “Homem que estupro jovem deixada em rua de BH após show é condenado pela Justiça”. Outro caso chocante, com destaque internacional em 2024, ocorrido na França, é o de Gisèle Pelicot, uma mulher de 72 anos, que foi drogada pelo marido por cerca de uma década para ser estuprada por mais de 50 homens. Muitos réus tentaram se defender dizendo que achavam que era um jogo sexual do casal, ignorando o estado inconsciente de Gisèle. De acordo com matéria do O Globo, “Gisele Pelicot: de sobrevivente de estupro em série a ícone feminista”, o marido Dominique Pelicot foi condenado há 20 anos de prisão. “Quando a sedução é o único objetivo, o consentimento feminino se torna outra barreira a ser superada ou contornada” (Zuckerberg, 2018, p.132). Ainda assim é ressaltado que é preciso lembrar que as condições culturais e sociais da Roma antiga eram bem diferentes das nossas. “Em particular, as similaridades entre os guias de sedução antigos e modernos destacam duas

hexâmetro mitológico, *Fastos*, sobre o calendário romano, e *Tristia* e *Epistulae ex Ponto*, duas coletâneas de poemas escritos no exílio no mar Negro.

tendências paralelas: a valorização da subjetividade masculina sobre a feminina e um projeto de intensificação gradual da violação dos limites das mulheres” (Zuckerberg, 2018, p.108).

Enquanto vemos casos como esses se replicando pelo Brasil e pelo mundo, uma grande preocupação da comunidade *Red Pill* são as alegações falsas de estupro, que, segundo os homens desse movimento, acontecem pelo desejo natural das mulheres de punirem os homens. Ainda argumentam que uma falsa acusação pode gerar um trauma muito maior do que um estupro verdadeiro, além de serem a prova que vivemos em uma sociedade ginocêntrica e misândrica. Em uma referência ao mundo antigo, alguns usam o mito de Hipólito e sua madrasta Fedra, uma neta de Zeus, que teria acusado o enteado falsamente de tê-la estupro. Zuckerberg (2018, p.164) destrincha porque a história usada como exemplo pela *Red Pill* foi bem-sucedida. Segundo a autora, Fedra é o “tipo certo” de acusadora e Hipólito o “tipo certo” de possível estuprador. Isso porque Fedra apresentava um histórico imaculado de virtude, enquanto Hipólito não performava dentro dos padrões de masculinidade da época. Portanto, a acusação funcionou perfeitamente sob o olhar de uma sociedade patriarcal.

De acordo com a peça encenada pela primeira vez em 428 a.C, Hipólito não se interessava por rituais que agradassem a deusa Afrodite, tendo permanecido virgem, por isso, a deusa decidiu puni-lo e fez com que Fedra se apaixonasse por ele. A madrasta caiu em sofrimentos e delírios, passando fome, quase se entregou à morte, mas Afrodite não permitiria que isso acontecesse sem consequências para Hipólito. Então Fedra decidiu compartilhar sua agonia com uma criada, que sem a permissão da senhora, tem a ideia de oferece-la a Hipólito, que reagiu com desprezo. Quando Fedra descobre o que aconteceu, com medo do marido Teseu saber de sua fraqueza, decide se enforcar e deixa um bilhete dizendo que o enteado a estupro e que não conseguiria viver com tamanha vergonha. Zuckerberg ressalta que essa última atitude é única que Fedra teria exercido com autonomia durante a peça. Ao encontrar o bilhete, Teseu implicitamente revela certo orgulho do filho, antes considerado menos homem por sua recusa aos prazeres da carne. Já a honra de Fedra é inegável, pois Fedra se comportou como uma esposa fiel, mesmo com o marido sendo “mulherengo” e nunca se aproximou de Hipólito, em contrapartida, a recusa à masculinidade, fez com que outras pessoas desconfiassem do enteado. Ao tentar se defender para o pai, ele argumenta que Fedra nem era tão bonita, mas não consegue convencê-lo e acaba sendo exilado e amaldiçoado. Hipólito sofre um acidente e é levado à beira da morte até o pai, que se compadece com o sofrimento do filho. Teseu recebe a visita da deusa Ártemis que revela a verdadeira história de Hipólito, logo após, o filho morre nos braços do pai e a peça termina.

Na versão estoica de Sêneca, a madrasta é mais ousada, se oferece a Hipólito, enquanto sua ama tenta dissuadi-la de fazê-lo, e ela também o acusa como forma de vingança, mas ideia do estupro é a sugestão de uma enfermeira. Além disso, a madrasta consegue uma prova física do ocorrido, quando tenta confrontar diretamente Hipólito para matá-la com a espada, o jovem abandona a arma que é utilizada por Fedra para convencer Teseu do ocorrido. A análise de Zuckerberg sobre as versões dessa história recai no comportamento impecável de Fedra. Fedra sente vergonha dos seus sentimentos por Hipólito, e essa vergonha é causada pela sua paixão ser socialmente inaceitável. Para a autora, a tragédia narrada foi potencializada mais pela atitude dos homens da família e do contexto patriarcal do que pela atitude da própria Fedra. Portanto, ao invés de afirmar que as mulheres são as responsáveis pelas falsas alegações de estupro, o mito demonstra que o peso dado as afirmações dependem de um histórico da suposta vítima e do agressor, além de alguma evidência tangível para comprovar a alegação.

Com base nas análises de Zuckerberg, será que caso não houvesse câmeras de segurança filmando o homem carregando a jovem de BH que voltava de uma festa, a palavra da mulher seria mais desacreditada? Ou no caso de Pelicot, o seu histórico como uma exemplar esposa, mãe e avó, contribuiu para invalidar os discursos que teria aceitado para participar livremente dos abusos? Além disso, tem-se de se ter o flagrante do marido filmando embaixo da saia de mulheres em um supermercado. Em ambos os casos que tiveram repercussão na mídia, podemos pensar que as provas e os comportamentos anteriores provavelmente interferiram no julgamento das vítimas por parte dos agentes da justiça e mesmo da sociedade.

Mitos de estupro em sociedades patriarcais sustentam a violência e são responsáveis pelo tratamento injusto de mulheres que foram vítimas de agressão sexual. Homens, como opressores de mulheres, são mais propensos a se apegarem a mitos de estupro e são mais propensos a culpar e denegrir vítimas de abuso sexual. Isso permite que os homens mantenham a autoridade e controle e restringe as mulheres a posições de impotência na sociedade (Ward et al Zuckererg, 2018, p. 172).

Em abril de 2017, o senado brasileiro divulgou em suas redes sociais uma sugestão de projeto legislativo, de autoria do deputado Carlos Jorge (filhado na época ao PSL e hoje PL) para tornar crime hediondo e inafiançável a falsa acusação de estupro, que recebeu mais de 20 mil apoiadores⁴³. Em 2019, uma enquete da Câmara dos Deputados sobre a aceitação de um

⁴³ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidania/visualizacaoideia?id=64353>

projeto de lei⁴⁴ parecido, que agrava a pena, em até um terço, “do crime de denúncia caluniosa quando a falsa imputação se tratar de crimes contra a dignidade sexual”, consta com 57% dos votantes concordando totalmente. A ideia do projeto, desde o senado até ser proposta pelo deputado Carlos Jorge, foi baseada em uma notícia que 80% das denúncias de estupro são falsas. Além disso, aconteceu logo após a modelo Najila Trindade ter acusado o jogador Neymar de estupro. O caso teve grande repercussão por se tratar de um ídolo do futebol brasileiro, mas em dois meses foi arquivado por incongruências no depoimento da modelo. Najila também foi indiciada por denúncia caluniosa, fraude processual e extorsão, mas foi absolvida.

Ainda em 2017, a organização “Aos Fatos” revelou que a afirmação da porcentagem de falsas acusações de estupro teve origem em uma reportagem de maio de 2012 no *Jornal Extra*, “Nas Varas de Família da capital, falsas denúncias de abuso sexual podem chegar a 80% dos registros”⁴⁵. A matéria atribui a informação à psicóloga do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Glícia Barbosa de Mattos, porém na verdade é referente aos registros de abuso infantil em situações de acusação de alienação parental e briga pela guarda de crianças, dado restrito às varas do Rio de Janeiro e que não corresponde ao estupro de maneira geral. A reportagem ressalta que não há pesquisas profundas sobre o tema, nem grandes estatísticas ou estudos científicos que apontariam tal porcentagem, portanto a alegação é insustentável. Em 2019, outra reportagem, “Brasil não possui dados oficiais sobre falsas denúncias de estupro, mas culpabiliza vítimas” do *Jornal Diário do Centro do Mundo*, trouxe o dado de que, na Europa, falsas alegações de estupro não são mais frequentes que registros inverídicos de outros crimes, uma média que varia de 5% a 8%. Além disso, a matéria ressaltou que, mesmo quando a acusação é legítima, nossa sociedade ainda perpetua uma cultura que tende a desacreditar as vítimas e responsabilizá-las pelo ocorrido.

Zuckerberg (2018, p. 146) afirma que apenas estatísticas - ou a falta delas - não são suficientes para responder sobre falsas alegações de estupro, a autora propõe desafiar os homens da *Red Pill* com perguntas mais específicas sobre o que consentimento e estupro significam para esses homens, bem como sob quais circunstâncias eles acreditam que um homem deva ser punido por atividades sexuais. Valizadeh, um dos homens estudados por

44

Disponível

em:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2206922&fichaAmigavel=nao#:~:text=PL%203369%2F2019%20Inteiro%20teor,Projeto%20de%20Lei&text=Agrava%20a%20pena%20do%20crime,crimes%20contra%20a%20dignidade%20sexual.&text=Altera%C3%A7%C3%A3o%2C%20C%C3%B3digo%20Penal%2C%20aumento%20da,crime%20contra%20a%20dignidade%20sexual.>

⁴⁵ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/nas-varas-de-familia-da-capital-falsas-denuncias-de-abuso-sexual-podem-chegar-80-dos-registros-5035713.html>

Zuckerberg, considera que as falsas acusações partem da autonomia feminina em tomar decisões sem a aprovação de um homem, assim elas encontram um meio de vingança ou justificativa de traições. Portanto, a solução oferecida por Valizadeh é dar aos homens o poder de controlar as suas parentes mulheres, além do voto político ser restrito a eles. Desse modo, o consentimento e a opinião da mulher são uma palavra em vão, assim como a punição do estuprador não seria feita para amparar a vítima, mas sim em respeito aos homens da família, uma clássica referência a várias histórias no cinema e na literatura que há a “lavagem da honra”.

Os homens da *Red Pill* alegam que, em um mundo verdadeiramente justo, não haveria Fedras. Mas no mundo que eles idealizam, as mulheres seriam verdadeiramente (...) todas Fedras. Toda vez que uma mulher alegasse que um homem fez sexo com ela contra a sua vontade, o assunto se tornaria uma disputa civil entre o seu tutor masculino e o estuprador acusado. Seus direitos sobre sua sexualidade e reprodução seriam restringidos tão estreitamente que sua capacidade de consentir se tornaria essencialmente sem sentido (...) (Zuckerberg, 2018, p. 183).

De acordo com Chiara Sulprizio et al Zuckerberg, (2018, p. 47), o estoicismo não está em evidência apenas entre a comunidade de direita antifeminista, porque também tem um viés de autoajuda, atenção plena, gratidão e compatibilidade com o “novo ateísmo”. Segundo explicação de Zuckerberg (2018, p.49), o estoicismo está dividido em três períodos cronológicos chamados de Stoa Inicial, Stoa Média e Stoa Tardia, sendo a última foco dos homens da *Red Pill*, principalmente maior preservação e tradução desses textos. “A ética estoica tinha como objetivo determinar o que constituía uma ação virtuosa e, fundamentalmente, quais atos eram aceitáveis, mas não necessariamente virtuosos” (Zuckerberg 2018, p.52). Ou seja, a lógica estoica é baseada na virtude, qualquer coisa que não seja virtuosa não é boa e o objetivo é se tornar um sábio, uma pessoa que só tem atitudes corretas, mas os textos lidos pela *Red Pill* são de homens que estavam no caminho, mas ainda não são sábios. Dos quais fazem parte Marcus Tullius Cicero (106-43 a.C), político e orador, o mais antigo dos tratados existentes do estoicismo; Lucius Annaeus Seneca, também chamado de Sêneca, o jovem nasceu entre 8 e 1 a.C e morto em 65 d.C e Marco Aurélio, que governou o Império Romano de 161 a 180 d.C, conhecido por ter sido talvez o homem mais poderoso do mundo.

O curioso é que muitos estudiosos consideram o estoicismo como uma das mais feministas de todas as filosofias antigas, pois até mesmo acreditavam na igualdade de gênero.

Musonius Rufus⁴⁶, considerado o que seria mais feminista, palestrou que as mulheres também poderiam aprender filosofia e que tanto meninas quanto meninos deveriam receber educação, ainda que a defesa da educação das mulheres fosse para prepará-las melhor para cuidar da casa e dos filhos. Musonius ainda acreditava que os homens são mais naturalmente mais controlados emocionalmente do que as mulheres, por isso seria positivo para a mulher ser um pouco máscula, mas negativo se o homem tivesse algum traço de feminilidade. “O feminismo do antigo estoicismo parece se estender apenas até a aceitação de que as mulheres podem ser racionais porque elas também têm uma parcela do logo e a crença de que mulheres não devem ser desrespeitadas ou abusadas” (Zuckerberg, 2018 p.73)”. Junto a essas interpretações de papéis de gênero, o foco na auto-melhoria incentivadas pelo estoicismo, pode acabar se confundindo com a autoajuda em diversos setores da vida como aptidão física, desenvolvimento profissional e relacionamentos amorosos que é disseminada pela *Red Pill*

A autora cita (2018, p.138) que a experiência de um dos homens que faz parte do grupo dos artistas de sedução falhou quando tentou seduzir mulheres dinamarquesas, porque as técnicas de sedução funcionam melhor com mulheres em situação de vulnerabilidade, seja emocional, seja econômica. Para o artista Valizadeh⁴⁷, a segurança financeira é a responsável por deixar as mulheres mais confortáveis quanto à igualdade perante aos homens, além ser um país altamente feminista. Pela dificuldade que teve ao tentar seduzi-las, ele deixa claro que tentou destruir várias dessas mulheres para tornar o mundo um lugar melhor. Atacar mulheres que os rejeitam pode ser uma alternativa para esses homens se sentirem novamente no poder, como observamos no caso de Thiago Schutz e Livia La Gatto. Tais fatos demonstram, assim como conclui Zuckerberg, que os artistas de sedução ganham mais espaço em sociedades que oprimem as mulheres, ou seja, quanto mais patriarcal uma sociedade for, mais chances de as mulheres aceitarem jogos de manipulação emocional.

Por centenas de milhares de anos, as mulheres têm procurado se casar com homens poderosos com fortes meios financeiros para viver uma vida confortável (ou apenas sobreviver), mas na Dinamarca isso não é necessário. A mulher dinamarquesa não precisa encontrar um homem, porque o governo cuidará dela e de seus gatos, quer ela tenha sucesso no namoro ou não. Sua qualidade de vida não será afetada negativamente se ela permanecer solteira até a morte, quando seus gatos herdarão

⁴⁶ Musonius Rufus nasceu em Volsinii, uma cidade da Etrúria, na Itália, por volta do ano 30 d.C. Pouco se sabe sobre sua infância e juventude, mas acredita-se que ele tenha estudado filosofia em Roma, onde foi aluno de Sêneca, outro importante filósofo estoico. Musonius Rufus também foi contemporâneo de Epicteto, outro discípulo de Sêneca, e teve uma influência significativa sobre ele.

⁴⁷ Daryush Valizadeh, também conhecido como Roosh Valizadeh, Roosh V ou Roosh Vorek, é um escritor estadunidense e artista da sedução conhecido por seu trabalho controverso no campo da sedução e do antifeminismo. Ele é líder de um movimento que propõe uma nova masculinidade, neomasculinidade.

suas posses de acordo com a lei dinamarquesa (Valizadeh *apud* Zuckerberg, 2018, p.138).

Donna Zuckerberg (2018, p.88) alerta que os neoestoicos precisaram fazer um grande esforço para mostrar como o estoicismo ajuda os oprimidos, fazendo-os tirar o melhor proveito da situação que se encontram; e os opressores desviando a atenção da injustiça sistêmica. A autora confronta o mal que a literatura antiga pode causar nas mãos de homens da *Red Pill*, que raramente compreendem o contexto dos textos clássicos, mas os utilizam para manipular a antiguidade e justificar angústias masculinas contemporâneas. Por isso, Zuckerberg (2018, p. 185) conclui que, embora seja difícil encontrar as vozes femininas no mundo antigo, os clássicos são essenciais para compreender o patriarcado e também são reivindicados pelas feministas, inclusive ela própria, e ao contrário de muitas pessoas progressistas que podem discordar sobre o estudo dos clássicos, a autora acredita ser essencial entender porque esses homens se sentem tão confortáveis ao reivindicá-los. Donna conta que chegou a ser atacada e ameaçada de morte e estupro ao publicar artigos sobre o tema, em razão de a ideia de uma feminista que estuda o mundo antigo ser inconcebível para a *Red Pill*.

Feministas clássicas na era da misoginia digital não podem ignorar o quanto facilmente o mundo antigo se presta ao uso de comunidades como a *Red Pill*. No entanto, os *Red Pill* clássicos tendem a ser relativamente superficiais, confiando na suposição inquestionável de que seus membros são herdeiros naturais do legado da antiguidade clássica. A análise crítica do uso que eles fazem do mundo antigo expõe como suas referências clássicas funcionam como uma ferramenta retórica poderosa; também revela como a interpretação feminista e matizada dos Clássicos pode neutralizar as distorções da *Red Pill* (...) (Zuckerberg, 2018, p. 189).

Para a estudiosa, as eleições de 2016, com a vitória do republicano de direita Donald Trump, conhecido por frases como “Agora temos um negro na presidência, depois vai vir uma mulher, em seguida deve vir um gay, e depois com certeza um *hamster*, do jeito que vão as coisas” (Trump, 2016), foi essencial para que esses grupos se sentissem ainda mais fortes. Ela cita o comentário de um líder da manosphere que afirma que a “sua presença [no cargo] automaticamente legitima comportamentos masculinos que anteriormente eram rotulados de sexistas e misóginos” (Zuckerberg, 2018, p.4). Assim, é notório que os membros dessa comunidade acreditam que suas políticas baseadas em gênero e raça são validadas pela ciência e pelo governo. Até o início de 2016, o subreddit *r/theredpill* tinha 138 mil participantes, já enquanto a autora escrevia o livro, chegou a 230 mil.

Vale lembrar que Trump foi reeleito em 2024 em uma eleição acirrada que poderia ter levado à Casa Branca (residência oficial do presidente) uma mulher pela primeira vez,

Kamala Harris⁴⁸. Na posse, ocorrida em 20 de janeiro, a esposa de Trump, Melania, chamou a atenção pelo vestuário azul marinho e um chapéu que cobria seus olhos, um *coater*. Embora possa soar sombrio e dar um aspecto mais severo à primeira-dama, segundo explicação da *Revista Fórum*⁴⁹, o chapéu com copa reta e aba simétrica, originalmente masculino, tornou-se um símbolo do sufrágio feminino desafiando as normas de gênero da época. Entretanto, a escolha feminista é contrastante com o posicionamento de Trump, que, no discurso de posse, anunciou que pretende eliminar as diretrizes de Diversidade, Equidade e Inclusão (DEI) em nível federal e afirmou que reconheceria apenas dois gêneros: masculino e feminino. Horas após a posse, o governo destituiu a almirante Linda Fagan do cargo de chefe da Guarda Costeira. Fagan foi a primeira mulher a liderar uma das seis forças armadas dos Estados Unidos e estava à frente da Guarda Costeira desde 2022, tendo ocupado anteriormente cargos como o de vice-comandante da força. Por sinalizar um desprezo pelas mulheres e minorias, durante os ritos de posse, no culto, uma voz se destacou, a Mariann Edgar Budde⁵⁰ pediu misericórdia em defesa de migrantes e pessoas LGBTQIA, mas o republicano a chamou de esquerdista e disse que seu discurso foi pouco inspirador. Além disso, no ano anterior, Donald Trump foi condenado por subornar uma atriz pornô para não expor um caso que teve com ela, que poderia atrapalhar sua eleição em 2016.

Ao fazer um paralelo com o Brasil, que até 2022, esteve sob o mandato de Jair Bolsonaro, outro presidente de direita, igualmente conhecido por falas machistas, como “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher” (Bolsonaro, 2017), é possível entrever porque esse discurso da *Red Pill* adquire cada vez mais adeptos, que ao se depararem com líderes de estado com o mesmo pensamento, se sentem no direito se manifestarem cada vez mais abertamente e, hoje, em espaços como o *Instagram*. Não foi nenhuma surpresa encontrar entre as pessoas que o perfil de Thiago Schutz está seguindo no *Instagram*, os políticos de direita brasileiro e o estadunidense. Essa plataforma de rede social, conhecida por ser um espaço de compartilhamento de fotos e vídeos, de acordo

⁴⁸ Kamala Devi Harris (Oakland, 20 de outubro de 1964) é uma advogada e política estadunidense, descendente de mãe indiana e pai afro, tendo servido como a 49.^a Vice-presidente dos Estados Unidos. Filiada ao Partido Democrata, foi senadora dos Estados Unidos pela Califórnia de 2017 a 2021, e procuradora-geral da Califórnia de 2011 a 2017, tendo sido a primeira mulher procuradora-geral do estado. Foi ainda a primeira senadora e vice-presidente de origem indiana e afro-americana. Harris foi a candidata democrata na eleição presidencial de 2024.

⁴⁹ Revista Fórum: <https://revistaforum.com.br/moda/2025/1/20/melania-chapeu-que-barrou-beijo-simbolo-sufragista-deturpado-em-cerimnia-com-muito-vento-172734.html>. Acesso em 21 de janeiro de 2025

⁵⁰ Mariann tem 65 anos e é bispa episcopal de Washington. Sua biografia no site da diocese diz que ela atua como líder espiritual de 86 congregações episcopais e dez escolas episcopais no Distrito de Columbia e quatro condados de Maryland. Ela foi a primeira mulher a ser eleita como diocesana de Washington, em 2011. A líder religiosa também atua como presidente da Protestant Episcopal Cathedral Foundation, que supervisiona os ministérios da Washington National Cathedral e da Cathedral schools.

com pesquisa do *Blog Opinião Box*, realizada em dezembro de 2023, tem 2 bilhões de usuários ativos, dentre eles, 99 milhões são brasileiros, sendo que o país está apenas atrás dos Estados Unidos em números de usuários. Mas é entre os mais jovens que o uso é mais popular, das pessoas de 16 a 29 anos, 83% usam várias vezes ao dia ou deixam aberto o dia todo. Já na faixa de 30 a 49 anos, o percentual cai para 78%. A partir dos 50 anos, são 70%. A pesquisa também aponta que 70% dos usuários do seguem influenciadores.

O próprio processo de *impeachment* de Dilma Rousseff foi atravessado pelo machismo estrutural na política brasileira, como foi evidenciado na reportagem “5 anos do impeachment: entenda o papel do machismo no processo contra Dilma Rousseff”⁵¹, do *Brasil de Fato* (2021). Ao longo do processo, a ex-presidenta foi julgada não apenas por suas ações administrativas, mas por características associadas a seu gênero, como tom de voz, postura e aparência. Estereótipos como “louca” que tomava remédios, “burra”, “prostituta”, “descontrolada” foram frequentemente utilizados para desqualificá-la, reforçando a ideia de que uma mulher em posição de poder precisa se adequar a padrões de feminilidade para ser aceita. Ao desafiar essa lógica, Dilma foi transformada em alvo de um discurso simbólico que a posicionava como anormal e inadequada, contribuindo para a legitimação social de seu afastamento.

Ao considerarmos o número alto de jovens nessa rede que hoje concentra conteúdos da *Red Pill*, vale mencionar uma pesquisa publicada em janeiro de 2024 pelo jornal britânico *Financial Times*⁵², com dados de EUA, Alemanha, Reino Unido, Polônia, China, Coreia do Sul e Tunísia, em que se verifica um distanciamento cada vez maior de ideologia entre gêneros quando o assunto é geração Z — jovens nascidos entre 1995 e 2010. As mulheres estão cada vez mais progressistas enquanto os homens, mais conservadores. A pesquisa foge do padrão histórico, pois a tendência é que cada geração tenha opiniões parecidas quando se trata de ideologias políticas e no geral. Tal distanciamento pode já refletir o consumo de conteúdos masculinistas por jovens e adolescentes, que muitas vezes são atraídos para fóruns e perfis de influenciadores após sofrerem *bullying* ou terem alguma decepção amorosa, e encontram “dicas de infalíveis” de sucesso pessoal, no mundo do trabalho e como se posicionar com as mulheres. Não foi encontrada pesquisa que pudesse trazer esse panorama para o cenário brasileiro.

⁵¹ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/17/5-anos-do-impeachment-entenda-o-papel-do-machismo-no-processo-contradilma-rousseff/>

⁵² Financial Times é um jornal diário internacional de língua inglesa, com uma ênfase especial em negócios e notícias econômicas. O jornal foi fundado em 1888 em Londres por James Sheridan e Horatio Bottomley, e se fundiu em 1945 com o seu rival mais próximo, o Financial News.

Segundo reportagem da *BBC News Brasil*⁵³, um dos nomes mais conhecidos mundialmente que prega aspectos da *Red Pill* é Andrew Tate, um ex-participante do *Big Brother*⁵⁴ britânico (expulso posteriormente após a aparição de um vídeo em que agredia uma mulher com um cinto), citado como inspiração de Jamie na minissérie *Adolescência*. Entre outros aspectos, ele defende que as mulheres são propriedade dos homens e que elas devem permanecer em casa, o único lugar que as pertencem. Apesar de não ter conta própria, a *hashtag* com seu nome no *Tik Tok*⁵⁵ tinha mais de 13 mil visualizações. Em agosto de 2022, a *Meta*, empresa dona do *Instagram* e do *Facebook*⁵⁶ baniou Tate por violar as políticas sobre organizações e pessoas perigosas. Na época, o número de seguidores no *Instagram*, estava próximo de 5 milhões. Em dezembro do mesmo ano, Tate foi preso na Romênia acusado de exploração e escravidão sexual de mulheres, mas nega as acusações. Tate também foi banido do *YouTube* e do *Twitter*, quando a rede ainda tinha este nome, após dizer que mulheres deveriam "assumir a responsabilidade" por serem agredidas sexualmente.

De acordo com a reportagem da *BBC News Brasil*, de março de 2025, "Andrew Tate: quem é influenciador misógino e réu por estupro citado em 'Adolescência', a conta do influenciador de 38 anos foi restaurada no X após a rede ser comprada por Elon Musk. Em uma entrevista a um youtuber, Tate afirmou: "Sou absolutamente um misógino" e acrescentou: "Sou um realista, e quando você é realista, é sexista. Não há como estar enraizado na realidade e não ser sexista". Tate se descreve como "um multimilionário autodidata" e afirmou ter ganhado dinheiro com um pequeno negócio de *webcam* no próprio apartamento. Em uma entrevista a um *Youtuber*, ele descreveu as mulheres como "intrinsecamente preguiçosas" e disse que "não existe mulher independente". No lançamento de um relatório sobre violência contra mulheres e meninas, em julho de 2024, a vice-chefe de polícia Maggie Blyth afirmou: "Sabemos que parte disso está ligada à radicalização de jovens *online*. Sabemos que influenciadores como Andrew Tate exercem uma influência aterrorizante, especialmente sobre meninos". O relatório indicou que a polícia agora trabalha em conjunto com equipes antiterrorismo para combater o risco de radicalização de jovens. Em

⁵³ *BBC News Brasil* é uma subsidiária da *British Broadcasting Corporation* no Brasil. Atuando como provedor mundial de notícias em língua portuguesa e agências de notícias, a BBC Brasil possui recursos como agência físicas instaladas em São Paulo e no Rio de Janeiro e equipe especialmente designada em Londres.

⁵⁴ *Big Brother* é um *reality show*, que possui versões em diversos países, onde um grupo de pessoas topa ficar confinado em uma espaçosa casa cenográfica, sendo vigiado por câmeras 24 horas por dia. Sem receber informações do mundo exterior, eles disputam uma série de provas e dinâmicas em busca de um prêmio milionário.

⁵⁵ *TikTok* é um aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos, com cerca de um 1 bilhão de usuários mensais.

⁵⁶ *Facebook*, lançada em 2004, por Marck Zuckerberg, é uma rede social que deu origem a empresa Meta.

fevereiro, segundo fontes da BBC, ele deixou a Romênia, onde estava em prisão domiciliar desde agosto de 2025, e foi para os Estados Unidos.

5. ESTUDO DE CASO: A POLÊMICA DE THIAGO SCHUTZ NO PROGRAMA *MORNING SHOW DA JOVEM PAN*

5.1 Metodologia e *Corpus* de Análise

Para a pesquisa bibliográfica, foram utilizados autores que tratam de gênero, violência simbólica e sexualidade (Scott, 1995; Bourdieu, 2002; Foucault, 1988. Quanto à pesquisa documental, a partir da análise de conteúdo (Bardin, 2011), pretende-se analisar a participação de Thiago Schutz no programa *Morning show* em 26 de junho de 2023, por meio da gravação disponível no *YouTube*. O programa teve a duração de duas horas e dois minutos, sendo que foram dedicados 35 minutos para o debate entre o *coach* Thiago Schutz com os comentaristas do programa e a convidada feminista Rozana Barroso.

Com base em Bardin (2011), a Análise de Conteúdo, aqui acionada, é feita por três etapas: (a) pré-análise em que se familiariza com o corpus a ser analisado – no caso o programa que foi veiculado em 26 de junho de 2023, concentrando nos 35 minutos dedicados ao debate; (b) fase de categorização – quando, a partir da leitura flutuante, consegue definir categorias para nortear a análise; (c) fase de inferências quando se estabelece o diálogo entre as evidências empíricas e as teorias trabalhadas.

Foram definidas como categorias de análise são: (a) “masculinismo” *versus* feminismo; (b) há um reforço de visões misóginas ou se procura abrir espaço para questionamos; (b) a atuação dos participantes a partir da compreensão de Goffman (2013) sobre as técnicas de encenação e de representação teatral. Deve-se salientar que a *Jovem Pan* adota uma perspectiva conservadora, mesmo que promova debates.

5.2 A trajetória de Thiago Schutz

No Brasil, o famoso nome “redpillado” e a própria atenção para o crescimento do movimento, ocorreu com Thiago Schutz, que já divulgou pensamentos de Tate em sua página no *Instagram*. O influenciador de masculinidade Thiago da Cruz Schutz, ou Thiago Schutz, como se apresenta nas plataformas de redes sociais, ganhou destaque nacional após na madrugada de 27 de fevereiro de 2023, ameaçar de morte a atriz e humorista Livia La Gatto⁵⁷,

⁵⁷ Livia La Gatto é uma atriz e roteirista nascida em São Paulo. Se destaca no *Instagram* através de críticas humorísticas em favor das minorias, como contra o machismo e o racismo, além comentar assuntos da atualidade. Sua conta tem mais de 290 mil seguidores.

através do *Instagram*, com a seguinte mensagem: “Você tem 24 horas para retirar seu conteúdo sobre mim. Depois disso é processo ou bala. Você escolhe”. A motivação para tanto partiu de um vídeo irônico postado pela atriz, em que ela debochava de homens que promovem discurso de ódio contra as mulheres, nele havia uma referência direta a um vídeo de Thiago Schutz viralizado nas redes dias antes.

Contudo, antes da ameaça, Schutz já havia ganhado visibilidade com outro episódio polêmico, em 31 de janeiro, o *coach* postou em seu perfil profissional no *Instagram*, Manual *Red Pill* Brasil⁵⁸, um recorte de cerca de 50 segundos de uma gravação feita anteriormente para o *Buteco Podcast*⁵⁹. O influenciador disse que se, numa situação hipotética, um homem estiver ingerindo determinada bebida, por exemplo, o Campari⁶⁰, ao chegar perto dele uma mulher e lhe oferecer uma cerveja, ele não pode aceitar. Segundo a explicação de Thiago, “a mulher tem muito essa coisa de tentar moldar o cara; tentar colocar o cara debaixo dela, mas isso não é na maldade, é como se fosse um teste realmente, né? Tipo assim, deixa eu ver quanto esse cara segura a opinião dele” (Schutz, 2023). Isso lhe rendeu o apelido de “calvo do Campari”. Por causa da associação com o machismo de Schutz, a marca Campari emitiu uma nota para afirmar que não tem nenhum vínculo com o influenciador e que “se solidariza com todas as mulheres que foram envolvidas nesse caso de misoginia e ameaças, e rechaça veementemente toda atitude preconceituosa e violenta manifestada por este influenciador.” (Campari, 2023).

Em entrevista à *Universa*⁶¹ da *UOL*, em novembro de 2024, “Livia La Gatto conta descaso ao denunciar ameaças de coach: 'Volta depois'”, a atriz relembra sua reação inicial à mensagem de Schutz: primeiro, desacreditou e achou engraçado. No entanto, quando as ligações começaram, o medo se tornou real. “não é possível (...) alguém vai bater na minha porta daqui a pouco (...) eu fiquei com um medo físico mesmo.” (La Gatto, 2024). Com a repercussão do caso após a denúncia, Livia ainda teve que enfrentar mais ameaças de homens ‘redpilados’ “Esse exército que veio dá muito mais medo do que alguém que diz 'é só meu jeitinho de falar', que incentiva esse ódio de gênero, essa violência de gênero” (La Gatto, 2024). Livia relata que, ao procurar a delegacia da mulher mais próxima de sua casa, foi questionada se o agressor era um familiar ou se apresentava hematomas. Em seguida, foi dispensada sob a justificativa de que a delegacia estava muito cheia. Sem conseguir registrar a

⁵⁸ O nome do perfil foi alterado recentemente para Thiago Schutz.

⁵⁹ O *Buteco Podcast* é um canal no *YouTube* e conta com mais de 4 milhões de inscritos.

⁶⁰ Campari é um *bitter* servido como aperitivo. É fabricado pelo Grupo Campari, de Milão, Itália.

⁶¹ A *Universa* é uma plataforma de conteúdo feminino do site de notícias *UOL*. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2024/11/05/livia-la-gatto-sobre-ida-a-delegacia-para-denunciar-ameaca-volta-depois.htm>

denúncia presencialmente, recorreu ao sistema online, mas as ameaças continuaram. Apenas quando o caso ganhou repercussão midiática, advogados entraram em contato com ela, o que possibilitou que fosse ouvida ao procurar outra delegacia e, enfim, receber uma medida protetiva contra Schutz. A apresentadora Titi Müller fez referência à escritora Margaret Atwood⁶² ao comentar uma frase que, segundo ela, sintetiza o caso de Livia “Homens têm medo que as mulheres riam deles. Mulheres têm medo que os homens as matem”, mencionada pela primeira vez por Margaret Atwood em sua palestra intitulada *"Writing the Male Character"*, proferida em 9 de fevereiro de 1982 na Universidade de Waterloo. Embora a frase não tenha sido dita exatamente dessa forma, ela ficou conhecida assim. A sua origem vem de uma conversa da autora com um amigo homem, que afirmou que os homens temem que as mulheres riam deles, enquanto ao perguntar às alunas o porquê de as mulheres se sentirem ameaçadas pelos homens, elas responderam que têm medo de serem mortas.

Além do episódio com Livia La Gatto, Schutz consolidou sua notoriedade no cenário *Red Pill* por meio de livros, redes sociais e palestras que reforçam a lógica de gênero observada nos episódios narrados. Thiago Schutz, de nome verdadeiro Thiago da Cruz Schutz, nasceu em 18 de junho de 1988, é natural de Salto no interior de São Paulo. Atualmente tem 450 mil seguidores em seu perfil do *Instagram*, antigo *Manual Red Pill* (o nome da conta foi alterado para: Thiago Schutz - em novembro de 2023). Outro perfil que leva o nome do influenciador, com postagens mais pessoais, thiago.c.s tem quase 50 mil seguidores. Segundo a apresentação em seu site, Schutz estudou Engenharia Elétrica e Publicidade e Propaganda. É autor dos seguintes livros: “*Red Pill 2.0*”; “*Pílulas de Realidade*”, que conforme o referido site, é a “*Bíblia dos homens mais vendida do Brasil*”; “*O Livro das Red Flags: os comportamentos femininos que podem arruinar a vida do homem moderno*”, que teve mais de 1000 downloads em 24h desde o dia do seu lançamento; “*Pílulas de Realidade 2*” e o mais recente “*Choque de Realidade*”. Schutz é divorciado e decidiu fundar a página *Manual Red Pill* em janeiro de 2021, quando terminou um namoro.

Consta no site que Thiago presta mentoria individual e em grupo para homens que têm problemas relacionados à interação com as mulheres ou a falta de propósito em suas vidas. Schutz também é apresentador do podcast *Pink & Pill*, que vai ao ar, semanalmente, no *YouTube* e tem mais de 30 mil inscritos. Além disso, em 28 de dezembro de 2024, Schutz fez

⁶² Escritora canadense, autora do livro *O conto da Aia*, uma distopia que se passa na República de Gilead, um regime teocrático onde as mulheres são privadas de direitos e divididas em castas. A protagonista, Offred, é uma aia, forçada a gerar filhos para a elite governante. Sob vigilância constante, ela luta para preservar sua identidade e encontrar formas de resistência. A obra critica o autoritarismo, o fundamentalismo religioso e a opressão feminina.

um *story* afirmando que cerca de 12% do seu público de seguidores era mulher, tendo por volta de 60 mil seguidoras acompanhado seu conteúdo misógino. Em fevereiro de 2024, ao entrar em contato pelo *WhatsApp* disponível para saber mais sobre as mentorias, foi informado que uma sessão única de 60 minutos custava R\$710,00, enquanto 4 sessões em um mês saiam por R\$2200,00, ambos dariam direito a uma espécie de retorno, uma sessão de 40 minutos para alinhar os “resultados” obtidos. Os cursos promovidos têm a intenção de ensinar os homens a seduzir as mulheres e serem mais racionais e menos emocionais, o valor por curso era de R\$197,00. Numa nova consulta feita em janeiro de 2025, os valores para as sessões foram mantidos e para conversar pessoalmente com o *coach* em São Paulo capital, por apenas 1h30, o valor cobrado era de R\$ 1.210,00. O site Elite masculina também passou por uma atualização, agora para ter acesso por 30 dias a MasterClass: Como Superar Sua Ex; Como Conquistar a Mulher que Quiser; Como Consertar Seu Relacionamento e cursos Construindo Valor Masculino; Networking de Elite; além dos em breve: Red Pill & Dinheiro; Linguagem Corporal; e Atrair Mulheres, é necessário desembolsar R\$97,00 ou R\$297,00 para ter acesso vitalício. Em vista disso, em 17 de dezembro de 2024, Schutz postou um *story* criticando a procura de psicólogos, uma forma de atrair mais homens para as suas mentorias e também para o seu livro mais novo, Choque de Realidade, que é vendido como um guia para que os homens se livrem da depressão, do medo e da insegurança.



Figura 1 – Thiago Schutz oferece motivos para conversar com ele ao invés de buscar a ajuda profissional de um psicólogo.

Segundo informações do site *Splash* (2023), atualizadas no mês de novembro, Thiago Schutz faliu e pode perder a monetização que recebe a partir dos vídeos do *YouTube*. Isso porque, em junho de 2017, o coach foi processado por uma gráfica. Na época, Schutz reconheceu oficialmente dever R\$ 18,5 mil e fez um acordo de pagamento da dívida. A negociação fixou uma entrada de R\$ 2,6 mil e outras 6 parcelas consecutivas do mesmo valor. No entanto, do valor total, Thiago quitou apenas R\$ 4,9 mil. A partir da soma de juros e encargos, a dívida atual chega a R\$ 14,5 mil. Para obter o restante do pagamento, a gráfica fez à justiça um pedido para que os ganhos de Thiago em seu canal oficial no *YouTube* sejam penhorados. A defesa do *coach* declarou que a justiça ainda não autorizou o bloqueio dos ganhos do *influencer* e afirmou que se trata de um "caso comum". Desse modo, supõe-se que um dos motivos para a mudança na conta do *Instagram* de Schutz, ocorrida na mesma época que a reportagem teve acesso ao processo, possa ser de ordem financeira.

Em relação ao potencial da *Red Pill*, no livro *Red Pill 2.0* (Schutz, 2022), na parte 1 sobre o cenário atual da sociedade, Thiago escreve sobre a ascensão da *Red Pill*. “Homens que tiveram suas vidas prejudicadas por uma mulher, em maior ou menor nível, não são a minoria” (Schutz, 2022, p.23), esta é a frase de abertura do capítulo, que cita também o aumento dos pedidos de divórcios pelas mulheres para culpabilizá-las pelos términos. Schutz considera que os discursos nas redes sociais sobre empoderamento feminino ou a “aparição de um homem melhor” faz com que as mulheres da nova geração se comportem como crianças no quesito relacionamentos.

O autor elenca também nove pontos que validam o crescimento do movimento. O primeiro é a “Propagação de páginas e canais *Red Pill*”, Thiago aponta que muitas páginas já falam abertamente sobre isso, mas outras ainda não se denominam como parte do movimento, apesar da essência do conteúdo ser a mesma. Em segundo lugar, “A mídia treme com a *Red Pill*”, onde ele alega que as tentativas da mídia em desacreditar a filosofia *Red Pill* precisa ser combatida e que ela acontece porque a mídia incentiva as mulheres a serem vadias e essa é uma ideia que vende. Assim, “homens *redpillados* passam a não tolerar mais comportamentos ruins das mulheres que, por sinal, tem sido pregado e dissipado como o novo padrão. Ser uma vadia se tornou bonito aos olhos da mídia” (Schutz, 2022, p.25).

Já em terceiro, está “Homens e Mulheres desejam a masculinidade”, no qual ressalta que a força masculina em equilíbrio é benéfica para homens e mulheres. Para confirmar isso, cita que filmes e séries que evidenciam o poder e o sucesso dos homens são bem recebidos

pelo público, como o filme *Top Gun: Maverick*⁶³, que alcançou mais de um bilhão de dólares em bilheteria. Em sequência, tem-se “Homens estão se tornando protagonistas”, onde Schutz afirma que os homens que consomem a filosofia da pílula vermelha de forma saudável, estão mais felizes e conseguem ajudar outros homens com esses conhecimentos.

No quinto tópico, “Homens entendendo a verdadeira dinâmica sexual”, declara que há um novo entendimento que deixou de colocar as mulheres como ponto central. Há um rompimento com a ideia de alma gêmea e pureza feminina, que ajuda os homens a não aceitarem mais comportamentos ruins vindos delas. Em sexto, “Homens estão tendo mais sucesso com as mulheres”, Schutz diz que os homens que se reconectam com a masculinidade, aumentam o seu valor sexual de mercado e conseguem ser mais atraentes.

Em sétimo lugar aparece “Homens estão saindo da toca”, ou seja, estão mais abertos para vivenciarem encontros presenciais sobre masculinidade, a *Red Pill* propicia maior união entre os homens. Há ainda, “Conhecimentos perdidos sobre a *Red Pill* estão sendo resgatados”, onde cita a retomada de leituras como a Bíblia e da literatura clássica, além do ensinamento de pais para filhos para aprenderem a “filtrar” a mulher certa. Por último, “Homens sendo curados de depressão e outras doenças”, baseado em relatos de seguidores e amigos sustenta que a *Red Pill* deve agir como um complemento à terapia.

Em junho de 2024, após vídeos viralizarem no *TikTok*, Schutz assumiu o relacionamento amoroso com a perita criminal Isabela Magoga, uma mulher que usa cabelo curto e tem diversas tatuagens, inclusive os dois moraram juntos. Apesar de o estilo de Isabela (tatuagens, cabelo e indumentária) ir, de certa forma, contra às ideias de feminilidade cultuadas por Schutz, ela se dizia submissa ao parceiro e defendia seus conteúdos. Em novembro, chegou ao fim o relacionamento amoroso do *coach*. Em 14 de janeiro de 2025, Schutz postou, em seu *Instagram*, um *reels* (já deletado), explicando que o relacionamento com Isabela teria durado cerca de 1 ano e meio e que agora Magoga estaria dizendo que o *coach* a teria agredido e que teria testemunha. Schutz nega que o ocorrido e menciona pagamentos para Isabela para custear remédios e psiquiatra. No perfil do *Instagram* de Isabela, que é voltado para o seu trabalho como cabelereira, não foi encontrado nenhum vídeo ou story sobre a separação, nem no perfil pessoal que é fechado e apenas seguidores aceitos podem acompanhar os conteúdos. No *TikTok* também não foi encontrada nenhuma menção sobre a suposta agressão e nem mesmo em sites de fofocas ou na mídia em geral.

⁶³ *Top Gun: Maverick* é um filme estadunidense lançado em 2022. Contempla os gêneros de ação, aventura e drama. Estrelado por Tom Cruise, o filme é uma sequência de *Top Gun* de 1986. A história envolve *Maverick* confrontando seu passado enquanto treina um grupo de jovens graduados na Escola Aeronáutica *Top Gun*, incluindo o filho de seu falecido melhor amigo, para uma missão perigosa.



Figura 2 – Thiago Schutz fala sobre acusação de agressão feita pela ex-namorada Isabela Magoga

5.3 Análise da participação de Thiago Schutz no *Morning Show*

O programa *Jovem Pan Morning Show* (também conhecido como Morning Show) é um programa multiplataforma brasileiro criado por Tutinha, presidente da Jovem Pan, e Marcelo Eduardo, Diretor de Programação da emissora na época. É transmitido pela rádio *Jovem Pan FM* e pelo canal *Jovem Pan News*. Atualmente, é apresentado por Paulo Mathias e tem a colaboração de Felipeh Campos. É baseado num modelo de programa norte-americano. Em 27 de outubro de 2021, passou a ser transmitido pelo canal de TV Jovem Pan News, em simultâneo com a rádio FM. A emissora Jovem Pan, que sedia o programa Morning Show, possui viés ideológico de direita e, inclusive, seus comentaristas apoiaram abertamente os atos golpistas que tentaram derrubar os três poderes em 8 de janeiro de 2023, com a invasão em Brasília.

No dia 26 de junho de 2023, Thiago Schutz, influenciador e membro do movimento *Red Pill*, participou de um debate com a bancada do *Morning Show*, com a duração de 34min. 40s. Durante a discussão, foram abordados os eventos que o tornaram conhecido nas redes sociais, como a polêmica envolvendo "a cerveja e o Campari", bem como suas declarações sobre mulheres mais velhas terem "menos valor". O debate contou também com a perspectiva feminista representada por Rozana Barroso.

Além do programa a ser analisado, Schutz já marcou presença no *reality show* de relacionamento *O Crush Perfeito*⁶⁴, da Netflix, em que fracassou na busca por conquistar uma mulher. Mas a maioria dos programas que frequenta são *podcasts* com transmissão no *YouTube*, como *Buteco Podcast* (já citado anteriormente), *Life Cast*⁶⁵, Ricardo Ventura⁶⁶, entre outros, mas não foi encontrada participação em TV aberta. Após o ocorrido com Livia La Gatto, o *coach* ficou conhecido como “o calvo do Campari”.

5.3.1 Masculinismo versus Feminismo

Para desenvolver a análise de conteúdo, focamos em duas categorias de análise. Em primeiro, o confronto entre a ideia de masculinismo versus feminismo, respectivamente com as defesas feitas por Thiago Schutz e Rozana Barbosa. A segunda categoria prioriza a questão da representação teatral, conforme aponta Goffman (2013), tanto em relação à atuação dos participantes, à entonação da voz, ao cenário e aos ruídos provocados por outros participantes do debate. A terceira categoria foca no debate sobre violência simbólica contra as mulheres e as questões sobre a sexualidade

Como primeira categoria de análise, pretende-se verificar como se efetivaram os embates entre o masculinismo defendido por Schutz e o feminismo na visão de Rozana Barbosa. No programa, Thiago Schutz, representante do movimento *Red Pill*, senta-se ao lado de Rozana Barroso, uma ativista do feminismo. Estão presentes o apresentador Paulo Mathias, que conduz o debate, e mais dois convidados que realizam perguntas e comentários eventualmente; assim como ao fundo por chamada de vídeo aparece a polêmica atriz e

⁶⁴ De acordo com a plataforma de streaming *Netflix*, o *reality* consiste em pessoas de diferentes sexos e orientações sexuais que deixam os aplicativos de namoro para buscar um novo amor cara a cara. Estreado em 2020, a produção possui apenas uma temporada com seis episódios.

⁶⁵ O *podcast*, que foi criado em 2022, segundo a biografia no *YouTube* é sobre desenvolvimento mental, emocional, espiritual e físico.

⁶⁶ Iniciado em 2020, o canal mostra partes de assuntos que rolaram ao vivo em entrevistas, *podcasts*, análises, entre outros lugares que Ricardo Ventura compartilha seus 25 anos de experiência como estudioso da mente humana.

influenciadora bolsonarista Antônia Fontenelle⁶⁷. Questionado sobre o que é a *Red Pill*, o influenciador diz “conseguir enxergar a dinâmica do sexo e da vida como ela é, não como a gente gostaria que fosse” (Schutz, 2023). Também esclarece que o movimento não tem nada contra as mulheres e, como se pudesse comprovar isso, cita que namora e que a respectiva parceira está nos bastidores da plateia acompanhando-o.

Apresentador (Paulo Mathias): Bem, eu sei que vocês se odeiam, mas eu queria que vocês explicassem o movimento que vocês representam. Quero que você explique em um minuto o que é Red Pill.

Thiago Schutz: Muito bom! Achei que você fosse deixar para as mulheres falarem primeiro, afinal as damas primeiro, mas vamos lá. Red Pill – direto e reto – encara a vida e os relacionamentos como eles são na realidade e não como a gente gostaria que fosse. Este é o primeiro ponto importante. Nesse meio a gente vai colocar que as dinâmicas do sexo e dos relacionamentos, quer dizer logo de cara – e isso não significa que a gente tem nada contra as mulheres até porque eu namoro -, que a gente é um pouco mais racional nos relacionamentos (Schutz, *Morning Show*, 26 de março de 2023).

Fica evidente, mesmo que numa fala rápida e cheia de cortes, até pelos ruídos causados por terem vários convidados, que Schutz aciona estereótipos que reforçam a visão machista e androcêntrica. Primeiro, ele já sinaliza para uma visão tradicional até na forma de homens e mulheres dialogarem, ao enfatizar que “as damas primeiro”. Isso, supostamente, pode parecer gentileza, mas é uma demonstração de que, na visão misógina, entende-se que, por serem mais frágeis, deve-se dar a voz primeiro às mulheres, até porque, de forma latente, quem fica com a fala final são os homens. Em seguida, o influenciador remete a outro lugar comum na suposta diferença de sexos, a de que os homens são mais racionais, inclusive “nos relacionamentos e nas dinâmicas de sexo”. Isso tem implicações na forma como os homens podem ter envolvimento além das relações monogâmicas, até se supostamente só envolver “relação sexual”, porque são racionais e não se envolvem afetivamente. Já às mulheres, na visão de Schutz, há uma maior sensibilidade, vista de uma forma negativa, até como uma forma repressora em relação à sexualidade (Foucault, 1988).

Rozana, por sua vez, é defensora da educação, da luta antirracista e do movimento emancipatório do povo, em especial, o feminino, principalmente negro. Quando é convocada a falar do movimento feminista pelo apresentador, ela apresenta um posicionamento crítico em relação ao masculinismo. Diferente da postura do influenciador digital que, para falar do

⁶⁷ Antônia Fontenelle de Britto é uma *YouTuber*, vlogueira, atriz e apresentadora brasileira. Entre polêmicas que envolvem o seu nome, estão ter sugerido que o também *YouTuber* Felipe Neto fazia uso de drogas ilícitas e por difamar a atriz Klara Castanho, esta que foi estuprada e entregou o bebê fruto do abuso para a adoção, teve o caso exposto na internet por Leo Dias, Adriana Kappaz e a própria Fontenelle.

masculinismo, recorre até a questões pessoais, como o fato de namorar uma mulher, a líder feminista foca num debate voltado para a dimensão pública e coletiva.

Apresentador (Paulo Mathias): Rozana, o que é feminismo na sua ótica?

Rozana Barbosa: Eu sou uma grande apaixonada por debates até porque as nossas divergências podem levar a lugares de grandes reflexões. Sou Rozana, sou ativista da educação, ativista da luta antirracista, sou feminista, mais conhecido como feminismo popular, feminismo emancipatório. A luta que pensa não só na luta do povo como um todo, mas pensa em especial nas mulheres, nas mulheres negras, que estão inseridas nas estatísticas de desemprego, de fome, nas estatísticas de mulheres que ganharam metade do que os homens ganham no mercado de trabalho exercendo as mesmas funções. (...). Pensamos nas mulheres que são inclusive maioria no Brasil. (Rozana Barbosa, Morning Show, 26 de junho de 2023).

Em outro momento, quando o apresentador coloca em pauta o significado de “macho *alfa* e macho *beta*”, Thiago diz que o homem tem um pouco dos dois, sendo o primeiro representante da independência e o segundo provisão e proteção, associado ao romantismo. O problema refere-se ao fato de que, se o homem for mais *beta*, acredita-se que vai agradar às mulheres e não alcança o resultado esperado. Além disso, apesar de Schutz não admitir que a *Red Pill* seja uma forma de supremacia masculina e ódio às mulheres, reforça que determinadas tarefas devem ser exercidas pelos homens, como o trabalho braçal, por um viés biológico, uma vez que o homem tem mais testosterona que a mulher.

Tai posicionamento pode ser colocado em xeque a partir dos argumentos de Foucault (1988), que estuda como a questão da sexualidade é uma construção social, cultural e histórica, inclusive as supostas clivagens entre o masculino e o feminino. Trata-se, conforme aponta Bourdieu (2002), de uma visão androcêntrica, que busca naturalizar a dominação masculina, como ocorre nas falas do influenciador em que defende que algumas atividades são biologicamente propícias ao homem. Isso se reflete, por exemplo, não somente em trabalhos braçais, mas no campo político, nos esportes, no mercado de trabalho de uma forma geral, em que se trabalha com a ideia de que é preciso ser mais racional e menos sensível, o que seria uma diferença também biológica entre homens e mulheres. As mulheres ainda são minoria na política, justamente pelos discursos misóginos, ocupando hoje, por exemplo, apenas 91 das 513 cadeiras do Congresso Nacional.

5.3.2 A representação teatral e as encenações midiáticas

No livro “A representação do eu na vida cotidiana”, o sociólogo Erving Goffman (2013) ligado ao Interacionismo Simbólico procura entender como se dão as interações

cotidianas entre os indivíduos. O autor argumenta que há uma encenação por parte dos interlocutores, buscando ter maior controle sobre o outro. Isso passa tanto pela entonação da voz, pelo gestual bem como o cenário em que a interação é construída. Hoje, as contribuições de Goffman são muito importantes para entender, por exemplo, as encenações que ocorrem na ambiência midiática.

No embate entre Schutz *versus* Rosana Barbosa, um dos primeiros pontos a ser destacado é a entonação da voz. Thiago Schtutz que, em seus vídeos e postagens nas redes sociais, assume posturas mais agressivas em relação às mulheres, ao ser colocado numa situação de confronto midiático, compartilhando o mesmo cenário com uma líder feminista, apresenta-se de uma forma bem diferente. Tanto os apresentadores quanto Rozana questionam o discurso calmo de Schutz, pois é notório para todos que nas redes sociais o tom de voz é mais alto, os gestos são mais agressivos, e o vocabulário apresenta palavrões e ofensas. A justificativa do *coach* para isso é que, quando está sendo entrevistado apenas por homens - e nesse ponto também pode-se considerar quando grava para o público-alvo (grande maioria masculino) -, consegue se expressar livremente, mas quando conversa com mulheres, abaixa o tom, o que aponta considerar o feminino frágil demais para conversar francamente e reforça a questão da agressividade como forma de socialização masculina apontada por Nolasco (2001).

Se Schutz justifica o tom ameno por estar de frente com uma mulher, que, na sua opinião, já ocupa uma posição mais fragilizada, tal posicionamento perde força, quando se comparam a argumentação construída pelos dois. Enquanto ele tem falas quebradas e é constantemente interrompido em tom de brincadeira pelos outros participantes, Rozana Barbosa constrói uma linha de pensamento racional, baseada em posições claras e muito vinculadas a um projeto coletivo de emancipação das mulheres. Ao citar que namora e que a namorada estava presente, Schutz antecipou-se a possíveis questionamentos sobre a sua sexualidade, como se estivesse numa situação de vulnerabilidade. Isso reforça a crise da masculinidade apontada por Nolasco (2001).

Pode-se dialogar com as contribuições de Goffman (2013) sobre a vida social como uma teatralização. Na verdade, entende-se que até para buscar um certo domínio nas interações os interlocutores buscam estratégias para acionar melhor as técnicas no diálogo. No caso de Thiago Schutz, estrategicamente, para tentar reforçar o discurso misógino de que as mulheres são mais frágeis, recorre ao gestual e a própria entonação de voz. A postura calma e a voz baixa são formas teatrais usadas, primeiramente, para reafirmar o seu cuidado com o “sexo frágil”. Por outro lado, há nesta interação outra vertente machista em relação às

mulheres de que, em caso de debates, tendem a ser mais agressivas e, muitas vezes, perdem o controle, o que apontaria para a suposta “histeria feminina”.

Nesta versão machista, os homens são racionais e conseguem ter frieza e controlar uma postura de serenidade, mesmo em embates como o que estava ocorrendo. Mas, no caso em análise, Rozana manteve-se também calma, mas assertiva em suas afirmações, o que desconstrói esta perspectiva misógina. O próprio influenciador, surpreso com a postura da feminista, aproveita para elogiar Rozana, porque achava que ela era extremista e não teria espaço de fala no programa. Ainda que com este cuidado com a imagem passada para o público, Thiago expõe a misoginia presente em seu discurso. Ou seja, Thiago tem a sua estratégia anulada ao não se efetivar um tom agressivo da debatedora. Ao contrário, mostrou-se serena e aberta à interlocução, mesmo diante das falas misóginas do influenciador.

Cabe ressaltar que tal comportamento é estratégico para não ser “cancelado”, como no caso do Campari e da ameaça contra Livia La Gatto. O próprio Schutz sinaliza saber que a transmissão atinge em determinado momento mais de 17 mil pessoas, sendo que tal público pode não estar familiarizado com o universo da machosfera. Argumenta que o bate-papo é uma oportunidade de desmistificar a *Red Pill* como agressiva. Há, recorrendo à perspectiva de Goffman, uma recorrência a diferentes máscaras sociais. Diante de um público predominante masculino, ele tende a tomar posturas mais agressivas e misóginas. No entanto, num debate mediatizado, com um público mais diversificado, precisava recorrer a uma outra representação, a de um debatedor calmo, inclusive no tom de voz.

Quanto ao cenário do *Morning Show* e ao perfil dos participantes, identifica-se uma situação construída com viés claramente misógino em que Rozana Barbosa se vê sentada no sofá em meio a quatro outros homens que parecem combinar até mesmo o gestual de sentar (todos os quatro sentam com a perna cruzada e com as mãos sob as pernas, num claro movimento de sintonia masculina). Nos 35 minutos de debate, as falas de Schutz são cortadas de forma constante, em tom de brincadeira, revelando que a fachada aponta para uma certa infantilização, como se fosse o “Clube do Bolinha”, em que os homens, mesmo num debate sério, fazem piadas, interrompem o pensamento do debatedor, mas sem qualquer prejuízo à sua performance. Quando o foco é na fala de Rozana Barbosa, há uma mudança de fachada, em que o tom descontraído é substituído por um silêncio diante das falas da líder feminista. Mas não por concordarem com os seus argumentos, mas justamente para demarcar uma certa postura isolada diante de um grupo de homens que dominam a cena.

5.3.3 Violência simbólica contra as mulheres e as questões sobre a sexualidade

Durante a exibição do programa, o influenciador afirma que a *Red Pill* não é contra as mulheres. Entretanto, quando questionado por Antônia Fontelle sobre a mulher de mais de 40 anos não servir mais para relacionamentos, na visão do movimento, Schutz escorrega e tenta fugir. Quando responde é etarista e misógino, pois estimula a rivalidade feminina ao dizer que as mulheres mais velhas se incomodam com os corpos das mais novas e que Fontenelle é uma mulher “fora da curva”, por aparentar ser mais jovem do que realmente é. O *coach* não diz que os homens devem procurar por mulheres mais novas ou com aparência mais jovem, mas esta é a mensagem que fica implícita.

Schutz também faz uma ressalva que, diferentemente dos *Incel* e *MGTOW*, a *Red Pill* defende o interesse amoroso pelas mulheres, mas que sejam mulheres “certas”, que esse é o objetivo do movimento por meio dos pilares que considera essenciais: relacionamento, dinheiro e saúde, com foco na família. Cita sem fonte específica que, de cada 10 divórcios, 7 são iniciados por mulheres, ou seja, elas que são as vilãs que não gostam de homens e praticam o ódio aos homens, a chamada misandria, que seria o oposto de misoginia. Rozana rebate o pensamento e cita estatísticas de violência contra as mulheres, espancadas a cada 10h ou 4h, de modo que o número de divórcios pode representar a libertação de tantas mulheres que passam por violência doméstica e/ou psicológica. Observa-se, novamente, como Rozana consegue desconstruir a visão naturalizada e misógina de que as mulheres não estão preparadas para o debate público, por serem muito emotivas. De forma serena, ela aciona dados para se contrapor a uma fala sem fundamentos comprovados do influenciador.

Quando a mulher é colocada neste papel de vilã, uma forma de violência simbólica (Bourdieu, 1998) enraizada, pois a mulher que é “a louca e histérica” (Foucault, 1988), o *coach* posiciona-se como alguém para defender a perspectiva masculina, porque muitos homens têm sofrido com o uso errado de determinadas leis, que favorecem as mulheres, como a Lei Maria da Penha⁶⁸ e casos de alienação parental⁶⁹. Rozana alerta que a lógica *Red Pill* é pautada em uma inversão, pois casos em que há mau uso da Lei Maria da Penha, em um país tão violento contra as mulheres como dados citados ao longo deste artigo comprovam, são a minoria e pode-se também citar que a própria lei já foi usada para ajudar homens que

⁶⁸ A Lei Maria da Penha (lei nº 11.340/06) trouxe regulamentações específicas em relação à punição e tratamento da violência doméstica e familiar contra as mulheres. A pena varia de um mês a 30 anos de prisão.

⁶⁹ A Lei de alienação parental (lei nº 12.318/10) considera o ato de alienação parental a interferência na formação psicológica da criança ou do adolescente promovida ou induzida por um dos genitores, pelos avós ou pelos que tenham a criança ou adolescente sob a sua autoridade, guarda ou vigilância para que repudie genitor ou que cause prejuízo ao estabelecimento ou à manutenção de vínculos com este.

passaram por situação de violência. Segundo reportagem da revista *Az Mina*⁷⁰, não há dados sobre o volume de denúncias caluniosas contra os homens. Assim, não é possível afirmar categoricamente que os homens são prejudicados pela lei Maria da Penha.

Ademais, a lei de alienação parental hoje é muito questionada e diversos profissionais defendem que seja revogada, porque homens que respondem por violência e falta de pagamentos de pensão alegam a alienação parental para que as denúncias de mulheres sejam enfraquecidas. Segundo o *podcast* Café da Manhã⁷¹, um relatório do Conselho Nacional de Justiça de março de 2023 constatou o uso indevido da lei como estratégia de defesa. Além disso, existe um estudo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Tribunal de Justiça gaúcho, revelando que, em cerca de 90% dos casos, as mulheres eram acusadas de alienação. Nota-se que os homens que se dizem encurralados pela existência de leis que protegem as mulheres articulam-se para tentar burlar as leis, alguns do universo da machosfera, como divulgado em entrevista para a *BBC News Brasil*, em maio de 2023, tem apenas encontros filmados ou deixam câmeras escondidas em casa para evitarem serem enquadrados nas leis de violência e assédio contra a mulher.

O debate sobre gêneros vincula-se de forma recorrente à discussão sobre sexualidades, mesmo que não seja de forma explícita, até porque há um certo receio de falar sobre o assunto a partir do viés repressor da sociedade patriarcal. Durante a conversa que manteve com Fontelle sobre etarismo, Thiago menciona que o valor sexual de mercado da mulher é na faixa etária dos 22 aos 25 anos, pois chamam mais a atenção no quesito corporal. Embora Schutz ressalte a atenção dos homens para os corpos femininos mais jovens, acusa as mulheres de se colocarem como objetos para eles por meio do uso de roupas curtas e participação em plataformas como o *OnlyFans*⁷², onde fotos e vídeos íntimos são vendidos. Nesse aspecto, busca-se um corpo feminino que seja jovem e atraente, mas que esteja escondido do olhar de outros homens.

Fontelle também questiona a acusação feita por Vanessa de Oliveira (ex-garota de programa e *coach*), que teria sido *raqueada* por Schutz. Além de negar ter feito isso, ele afirma que Vanessa “pegou birra”, porque ensina os homens a não serem inocentes. Schutz deixa implícito o embate entre os conteúdos divulgados por Vanessa, que foca no empoderamento feminino, com dicas de relacionamento e autoestima que incluem a

⁷⁰ *Az Mina* é uma revista feminista independente que nasceu em 2015 com um financiamento coletivo.

⁷¹ Café da Manhã é um podcast brasileiro mantido pelo jornal *Folha de S. Paulo* em colaboração com a plataforma de streaming Spotify que estreou em 1 de janeiro de 2019.

⁷² OnlyFans é um serviço de conteúdo por assinatura com sede em Londres, no Reino Unido. Criadores de conteúdo podem ganhar dinheiro de outros usuários do site que assinam seu conteúdo. É popular na indústria de entretenimento adulto, mas também hospeda criadores de conteúdo de outros gêneros.

performance sexual, baseada em sua própria experiência como garota de programa durante 5 anos.

Mais uma vez, a mulher é vista como malvada e sem moral, pois quer se aproveitar dos homens e utiliza artifícios relacionados com a sexualidade para manter o interesse deles. Entra-se novamente na dualidade explorada por Foucault (1988), busca-se o sexo, mas há todo um discurso de controle ao redor dele. Schutz reforça que ensina os homens a escolherem uma mulher não apenas pela aparência física, mas também pela inteligência e capacidade de desenvolver uma conversa. Não chega a citar a importância de ter tido poucos parceiros sexuais, não ser mãe solteira ou, por exemplo, não ter tatuagens. Mas ao longo do programa explora, ainda que de forma mais sutil, o estereótipo de gênero “bela, recatada e do lar”, ou seja, a importância de o homem saber escolher a mulher certa, aquela que é “para casar”.

6. REDES SOCIAIS E MASCULINISMO: UMA ANÁLISE DO CONTEÚDO PRODUZIDO POR THIAGO SCHUTZ NO *INSTAGRAM*

Foram coletados 54 vídeos e 2 imagens do *Instagram* do *influencer*, entre os dias 1º e 15 de fevereiro de 2025, e as informações apresentadas correspondem aos dados obtidos em 15 de abril do mesmo ano. A coleta foi feita através do link dos vídeos, que foram baixados pelo site *saveclip*. O recorte no mês de fevereiro justifica-se por ser no mês que Schutz “viralizou” nas redes em 2023. A tabela proposta visa realizar uma análise de conteúdo com base na metodologia de Bardin (2011). A princípio, tem-se uma análise quantitativa que se refere ao levantamento de dados objetivos sobre os vídeos de Thiago Schutz, como curtidas, hashtags e temas principais. Estão à mostra a data de publicação, a ordem de postagem vídeo, as curtidas e visualizações, um resumo do conteúdo e as principais temáticas abordadas. As legendas foram desprezadas porque em sua maioria apresentam uma frase de gancho para a temática e depois completadas com: “Encaminhe esse vídeo para um amigo que precisa ouvir essa mensagem. Para ter acesso aos meus livros, cursos e mentoria, clique no link da bio ou me chame no inbox.” (Schutz, 2025, *online*). Essa estrutura facilita a identificação de tendências e padrões nos discursos do influenciador, sendo o primeiro passo para a análise de conteúdo por categorias a seguir.

Quadro 1 – Dados de Postagens Analisadas: Thiago Schutz (1º a 15 de fevereiro de 2025)

Data	Formato Curtidas Visualizações	Conteúdo	Temática
01/02	Vídeo (2074 curtidas) e (90,9 mil visualizações)	Vídeo respondendo sobre reatar com a ex que terminou há 2 anos. O <i>coach</i> diz que isso é sinal de falta de autoestima e que o homem não deve aceitar, pois ela já viveu várias experiências nesse tempo, como ter transado com outros homens	Relacionamento
01/02	Vídeo (2239 curtidas) e (121 mil visualizações)	Schutz reage a um vídeo em inglês, em que um homem pergunta a uma mulher se altura importa quando se trata de homens. Quando ela responde que sim, pede para ela retirar a maquiagem, mas a moça nega. Seu objetivo era fazer um julgamento “natural”, inclusive ele já fez vídeos com balança para pesar as mulheres. Schutz finaliza dizendo que gostou da ideia e brinca que vai aderir à ideia.	Comportamento feminino e masculino
01/02	Vídeo (2992 curtidas) e (87,7 mil visualizações)	Thiago analisa que homens que tem um perfil mais “foda-se”, são mais admirados por mulheres e mais respeitado por homens. Sabem quando ativar o seu lado bom e o seu lado ruim, tudo depende do comportamento da mulher. Não é explícito, mas sugere um joguinho de poder, como ficar dois dias sem conversar como punição.	Comportamento masculino

01/02	Imagem (988 curtidas)	Mulheres, o cara que você deseja está nesse momento saindo com no mínimo 5 mulheres ao mesmo tempo. E nenhuma delas é você. Espero de ter ajudado.	Comportamento masculino
02/02	Vídeo (1466 curtidas) e (95,9 mil visualizações)	Schutz responde a uma pergunta sobre como descobrir o passado de uma mulher. Diz que não se deve perguntar diretamente com quantos homens ela transou, porque ela vai achar que o homem é louco, e vai mentir. Ele afirma que nada é 100%, mas que existe um “macete” que vai contar (e outro que só ensina no curso), perguntar a idade, quantos parceiros ela teve e o que fez de mais legal quando estava solteira.	Comportamento feminino
02/02	Vídeo (880 curtidas) e (40,6 mil visualizações)	Schutz começa “filosofando” que os homens que sabem tratar bem as mulheres, “trobam” com as ruins, enquanto os que não sabem “trobam” com as mulheres boas. Segundo ele, o primeiro perfil não sabe filtrar a “mulher de valor”, e, portanto, será explorado. Já o homem com lábia, que sabe manipular, acaba quebrando o coração de uma mulher boa.	Relacionamento
02/02	Vídeo (1533 curtidas) e (47,9 mil visualizações)	O <i>coach</i> afirma que a visão sobre o valor de um homem é relativa, e varia de mulher para mulher. Defende que o homem não deve tentar se encaixar para agradar a mulher, pode ajustar comportamentos no caminho, mas jamais virar outra pessoa para agradá-la. Traz um exemplo polêmico: às vezes, uma mulher pode enxergar mais valor em um bandido do que em um policial.	Comportamento feminino e masculino
03/02	Vídeo (5134 curtidas) e (161 mil visualizações)	Schutz comenta o caso de um homem que descobriu a traição da noiva após ela adoecer, ir para o hospital e ele precisar usar o celular dela. Ele afirma que “nada mais o surpreende” e critica a ingratidão feminina. Finaliza dizendo que isso não é exceção e que “a quantidade de vagabunda que tem hoje é muito maior do que vocês podem imaginar”.	Relacionamentos Comportamento feminino
03/02	Vídeo (498 curtidas) e (26,3 mil visualizações)	O <i>influencer</i> afirma que, ao criticar um comportamento negativo de uma mulher, não está dizendo que os homens são santos. Como exemplo, menciona que, no primeiro encontro, se o homem sugerir dividir a conta, ele considera um erro. Independentemente de ter ou não beijo ou sexo, o homem deve ser cavalheiro. Segundo ele, esse gesto já pode indicar se, no futuro, a mulher poderá contar com o parceiro financeiramente.	Comportamento masculino
03/02	Vídeo (1593 curtidas) e (64,2 mil visualizações)	Schutz participa de uma entrevista com o influencer @carecajow e é questionado sobre quanto uma mulher precisa ganhar para namorar com ele. Para casar, a parceira deve preencher os seguintes requisitos: ganhar entre 20 e 25 mil reais, saber lavar, cozinhar (porque não gosta de casa suja), ser boa de cama e não ter amigos homens.	Relacionamento Comportamento feminino
03/02	Vídeo (963 curtidas) e (42,9 mil visualizações)	Schutz diferencia <i>red flags</i> de limites pessoais. Diz que homens também têm <i>red flags</i> (como fumar baseado diariamente), e que mulheres com características como feminismo, ciúmes extremo, agressividade e péssima figura paterna, também são exemplos. Ressalta que o homem precisa se conhecer e saber seus próprios limites nas relações.	Comportamento feminino e masculino Relacionamento
04/02	Vídeo (1842 curtidas) e (97 mil visualizações)	O <i>coach</i> responde à pergunta: “Mulher que não foi rodada é pra casar?”. Afirma que o homem nunca terá 100% de certeza e que ser “rodada” é uma das <i>red flags</i> . Cita outros sinais de alerta, como narcisismo, problemas psicológicos e comportamento agressivo. Defende que os homens precisam ter mais filtros e aproveita para divulgar seu livro, que, segundo ele, traz 35 <i>red flags</i> a serem observadas.	Comportamento feminino
04/02	Vídeo	Schutz reage ao vídeo de uma moça que descreve o tipo de	Comportamento

	(30,5 mil curtidas) e (659 mil visualizações)	homem solteiro impossível de não ser desejado: trabalhador, focado, com visão de futuro, respeitoso com todas as mulheres, inteligente e divertido. O <i>influencer</i> concorda com a descrição e conclui dizendo que, quando esse homem aparece, as mulheres o colocam na " <i>friendzone</i> " e o chamam de amigo.	masculino
04/02	Vídeo (911 curtidas) e (37,6 mil visualizações)	Para ele, há uma manobra social em curso que coloca homens e mulheres, mas principalmente eles, em um estado semi-letárgico, levando a quadros de depressão e ansiedade. A solução, acredita, não está em dobrar a dose de remédios, mas em reduzir os níveis de dopamina, eliminar distrações, sentir-se útil e manter-se ocupado: trabalhar e treinar o dobro, para fazer a testosterona circular no sangue.	Comportamento masculino
04/02	Vídeo (86 curtidas) e (10,1 mil visualizações)	Na visão do influenciador, é impossível encontrar alguém idêntico a si mesmo. O ideal é buscar compatibilidade de valores, mas sem tentar mudar a singularidade do outro. Dá o exemplo de um homem que sempre usou barba e, desde o início do relacionamento, a mulher pede para ele tirar. Se ele ceder, pode acabar infeliz e reclamando com ela depois.	Relacionamento
05/02	Vídeo (3449 curtidas) e (256 mil visualizações)	A pergunta da vez envolve uma esposa que não mantém relação sexual anal com o marido. Schutz afirma que ela provavelmente faz isso com outro homem por quem sente tesão e desejo, e comenta que, se aparecesse um cantor ou ator famoso, ela não faria " <i>frescurinha</i> ".	Comportamento feminino
05/02	Vídeo (2520 curtidas) e (141 mil visualizações)	O vídeo comentado pelo <i>coach</i> começa com um homem dizendo que trouxe remédio para dor de cabeça da mulher, mas ela responde que não está doente. Ele reage com um "hmm". Schutz explica que muitas mulheres usam essa desculpa para evitar sexo e lista outras como menstruação, sono e cansaço. Então direciona o discurso às mulheres, destacando as qualidades do homem em questão, e afirma que, se o esforço para transar é tão grande, é melhor permanecer solteira. Finaliza dizendo que é melhor "dar para o marido do que para 20 caras de procedência duvidosa".	Comportamento feminino
05/02	Vídeo (1117 curtidas) e (39,7 mil visualizações)	Personal trainer: para Schutz, essa é a profissão que mais "come" mulher. Instiga os homens a testarem na roda de amigos que têm a profissão, perguntando, e a resposta vai ser: todo dia. Diz que as mulheres dão abertura, se oferecem, que as casadas conversam sobre o relacionamento, e que já criou muito alvoroço ao falar que isso também acontece muito em hospital. Destaca que é preciso prestar atenção em "como o mundo funciona".	Relacionamento Comportamento feminino
05/02	Vídeo (908 curtidas) e (54,6 mil visualizações)	Schutz comenta sobre homens que se perdem quando a ex-namorada reaparece após um tempo. Compartilha seu próprio posicionamento com suas ex: nunca voltaria para nenhuma delas, e acredita que a mulher precisa ter isso claro. Segundo ele, os homens possuem uma mentalidade escassa, e quando a antiga parceira reaparece, ficam balançados emocionalmente.	Comportamento masculino
06/02	Vídeo (990 curtidas) e (82,7 mil visualizações)	A pauta é o namorado estar inseguro porque a mulher ganha mais do que ele. O <i>coach</i> considera essa insegurança normal, pois, segundo ele, os homens nasceram para conquistar o mundo em termos de dinheiro, poder e mulheres. Sugere que a mulher pergunte ao parceiro sobre ambição e o que ele está fazendo para ganhar mais, podendo até investir financeiramente nos projetos dele.	Comportamento masculino e feminino Relacionamento
06/02	Vídeo (4788 curtidas) e (248 mil visualizações)	Um vídeo de uma moça "sentando", em movimentos sensuais, porque tem curiosidade de saber se "senta bem" aparece na tela. Schutz ironiza e mostra outro vídeo, com uma mulher vestida em trajes mais requintados em uma	Comportamento feminino

		cadeira, dizendo que a outra deve fazer o mesmo se quiser aprender a sentar bonito e com elegância.	
06/02	Vídeo (3173 curtidas) e (86,6 mil visualizações)	Schutz abre o vídeo dizendo que nunca viu a <i>Red Pill</i> errar. Comenta que a dinâmica entre médico e enfermeira se baseia na hipergamia, já que a mulher sempre olha “de baixo pra cima”, buscando um homem com maior status. A médica, por exemplo, olharia para o dono do hospital. Segundo ele, a comissária de bordo pode admirar mais o piloto do que o namorado. Finaliza que não é preciso mudar a mulher, mas saber disso.	Comportamento feminino
07/02	Vídeo (1088 curtidas) e (55 mil visualizações)	Um homem relata que a mulher disse que, para ficar com ela, ele precisaria parar a sua vida. Ele respondeu com um “mandou pra...”. O influenciador concorda com a reação, afirmando que está absolutamente certo. Para ele, a mulher está “no mundo da lua”, pois o homem não deve abrir mão de sua própria vida para estar com ela.	Relacionamento
07/02	Vídeo (7943 curtidas) e (208 mil visualizações)	Em sua fala, um homem aponta que a preocupação dos homens com o passado sexual de suas parceiras muitas vezes reflete insegurança, baixa autoestima e falta de amor próprio. Em resposta, Thiago Schutz traz à tona uma pesquisa que, segundo ele, relaciona a liberdade sexual feminina à instabilidade nos relacionamentos. Apesar de não citar fontes ou autores, o estudo mencionado parece ser “Counterintuitive Trends in the Link Between Premarital Sex and Marital Stability”, de Nicholas H. Wolfinger, publicado no blog do Institute for Family Studies (IFS). Para Schutz, a red pill é fundamentada em ciência, estatísticas e racionalidade, embora seus livros e vídeos não apresentem as fontes completas que sustentem tais afirmações.	Comportamento feminino Relacionamento
07/02	Vídeo (1125 curtidas) e (43,5 mil visualizações)	Schutz defende que o relacionamento não deve ser a prioridade do homem. Ele afirma que, quando a mulher diz querer passar o tempo todo assistindo série com ele, isso não é uma verdade genuína, mas sim um teste inconsciente. Na visão dele, ela está, na verdade, querendo que o homem dedique menos tempo a ela. Para ilustrar, faz uma comparação com a personagem Mary Jane, sugerindo que ela quer ser a Mary Jane do Homem-Aranha, com o mínimo de tempo possível de dedicação dele.	Comportamento feminino Relacionamento
08/02	Vídeo (1673 curtidas) e (89,1 mil visualizações)	O homem deseja namorar uma mulher bonita, mas ela não quer. Schutz argumenta que, na realidade, é a mulher quem deveria estar preocupada com o namoro. Aponta uma inversão de papéis, observando que, há alguns anos, o homem só precisava se preocupar com sexo, enquanto a mulher se perdia em idealizações românticas. Para ele, os homens têm mais benefícios ao não estarem em relacionamentos, e cabe à mulher demonstrar o desejo de se comprometer primeiro.	Relacionamento
08/02	Vídeo (1354 curtidas) e (40,8 mil visualizações)	Schutz afirma que, atualmente, não existem leis favoráveis aos homens e que o sistema judiciário está todo voltado contra eles. Ele defende que a proteção masculina depende exclusivamente de cada homem, que precisa saber como se proteger. Para o <i>coach</i> , muitos homens têm receio de se relacionar porque não enxergam benefícios nisso. E, com ironia, ele conclui: “Qual a chance de um homem perder 500 mil? Só casar.”	Relacionamento
08/02	Vídeo (1199 curtidas) e (39,1 mil visualizações)	O conceito de VSM (Valor de Mercado Sexual), explicado por Schutz, descreve a atratividade de homens e mulheres no mercado sexual. Para os homens, o que aumenta o valor é o dinheiro, enquanto para as mulheres, é a beleza física e o corpo. Quando uma mulher possui um carrão, ela é vista de	Comportamento feminino e masculino

		forma diferente, quase como se fosse "outro homem". Por outro lado, um homem bonito sem dinheiro não é tão valorizado.	
09/02	Vídeo (1020 curtidas) e (103 mil visualizações)	Homem narra situação em que a ex tentou contato duas vezes, mas recusou. Em seguida, veio o bloqueio e depois o desbloqueio. Pediu conselho sobre a atitude tomada. O <i>coach</i> afirma que foi perfeito, pois o bloqueio seria uma forma de chamar atenção, e o desbloqueio, uma abertura para receber mensagem.	Relacionamento
09/02	Vídeo (2422 curtidas) e (107 mil visualizações)	Separado aos 48 anos, questiona se é melhor viver na solidão e afirma que sim. O <i>coach</i> diz que, quando se está com uma mulher bacana, não há motivo para separar, mas, ao estar só, também não há razão para desespero. Reconhece vantagens em se relacionar com mulheres mais novas e mais velhas, considerando ideal uma faixa de 10 anos para mais ou para menos, como forma de aproveitar sem se comprometer com facilidade.	Relacionamento
09/02	Vídeo (559 curtidas) e (27,7 mil visualizações)	Faz analogia da <i>Red Pill</i> com a pílula do filme <i>Matrix</i> (1999) e explica a origem do termo em fóruns de internet nos anos 1990 e 2000. Compara com grupos de Facebook, apontando que o que hoje é discutido abertamente, antes ficava restrito a espaços fechados entre homens. Nesses fóruns, surgiram conceitos como <i>red flags</i> e hipergamia, a partir da percepção de padrões em relatos e experiências de milhares de participantes. Essas observações teriam sido transformadas em estatísticas. Rollo Tomassi, um dos nomes mais conhecidos, compilou essas ideias no livro <i>The Rational Male</i> , que passou a ter maior aderência nos últimos anos diante das decepções amorosas relatadas por muitos homens.	Origem da <i>Red Pill</i>
10/02	Vídeo (1893 curtidas) e (77,3 mil visualizações)	Homem expressa medo de se separar por receio de vê-la sofrer. Schutz reconhece que o sofrimento é inevitável, mas afirma que, se fosse o contrário, a mulher não teria dó: terminaria do dia para a noite e, em menos de uma semana, já estaria com outro. Finaliza com a frase: "ou alguém quebra o seu coração ou você quebra o coração de alguém".	Relacionamento
10/02	Vídeo (1709 curtidas) e (89,5 mil visualizações)	Responde à pergunta sobre confiar ou não em mulher, citando a Bíblia, mesmo dizendo que não é religioso. Menciona o livro de Gênesis e a história de Eva e Adão, atribuindo a ela a culpa por comer a maçã e, com isso, dar início ao pecado. Usa o episódio como exemplo de que não dá para confiar plenamente.	Comportamento feminino
10/02	Vídeo (287 curtidas) e (26,5 mil visualizações)	Cita a natureza feminina ligada à maternidade, ressaltando o papel de mãe, avó e bisavó. Afirma que o conhecimento transmitido pelos anciãos se perde com a maternidade tardia, impedindo que as novas gerações tenham acesso a essa sabedoria vivida.	Comportamento feminino
10/02	Vídeo (1329 curtidas) e (43 mil visualizações)	Aponta que ninguém ensina como se relacionar nem a identificar sinais comportamentais do parceiro que podem prejudicar a vida. Diz que a <i>Red Pill</i> escancara essas questões para evitar que a mulher destrua a vida do homem. Afirma que, no término, o homem sempre sai em pior situação: sem dinheiro, sem os filhos, enquanto a mulher logo encontra outro.	Relacionamento
11/02	Vídeo (1074 curtidas) e (76,4 mil visualizações)	Explica como manter algo apenas casual sem iludir: quando surgir a pergunta sobre relacionamento depois de alguns encontros, não mentir, dizer que não está buscando algo sério. Nesse momento, cabe à mulher decidir se quer continuar. Ainda assim, mesmo com sinceridade, afirma que muitas permanecem na ilusão.	Relacionamento
11/02	Vídeo	Um homem pergunta se foi invasivo ao pegar fotos de uma	Relacionamento

	(1062 curtidas) e (96,6 mil visualizações)	mulher do Instagram, que estava conhecendo, e fazer um vídeo, pois ela disse isso. Schutz responde que, na dúvida sobre fazer algo para uma mulher, é melhor não fazer — menos é mais. Se montou colagens com música romântica, foi bobo.	
11/02	Vídeo (1687 curtidas) e (63,3 mil visualizações)	Comenta sobre mulheres próximas dos 30 ou com 30 e poucos anos que afirmam não querer filhos, dizendo que isso “brocha” os homens, mesmo aqueles que também não desejam ser pais. Para ele, o sonho de ser mãe representa a maior ligação possível e a função natural da mulher na terra. Questiona, de forma provocativa, o que uma mulher estaria fazendo no mundo se abdica disso, e insinua: “OnlyFans?”	Comportamento feminino
11/02	Vídeo (624 curtidas) e (34,1 mil visualizações)	Schutz afirma que, ao traçar um paralelo com a toxicidade, percebe que alguns homens alternam entre tratar bem e tratar mal no relacionamento, e que muitas mulheres encaram esse comportamento com naturalidade. Para ele, mesmo quando a mulher diz que está tudo bem, o homem pode estar manipulando a situação para obter vantagens no relacionamento. Diante disso, o influenciador aconselha que tanto homens quanto mulheres sejam pessoas boas em suas relações. Caso o parceiro cometa um erro, como trair ou decidir terminar, o problema é dele. Essa, segundo Schutz, seria a forma mais madura de lidar com o fim de um relacionamento.	Relacionamento
12/02	Vídeo (1721 curtidas) e (96,3 mil visualizações)	Relata caso de mulher que afirma que o homem só quer sexo. Ela conheceu outra pessoa, mas ainda gosta do primeiro e questiona se deve dar uma chance ao novo. Schutz responde com ironia: será que o outro realmente quer algo além de sexo? Diz que mulheres se assustam com homens sinceros e preferem o “bonzinho” mentiroso, manipulador, que só quer sexo, mas esconde. Para ele, esse perfil é mais perigoso.	Relacionamento Comportamento masculino e feminino
12/02	Vídeo (1816 curtidas) e (86,2 mil visualizações)	Explica que dar flores e chocolates é a receita para a mulher não querer mais ver o homem — a afirmação que teria vindo de um mentorado. O <i>coach</i> diz que mulheres gostam de homem “emocionante”, não “emocionado”. Gestos fofos, típicos de filmes, não funcionam quando não há reciprocidade, pois passam a imagem de carência. Defende que o homem deve observar o que a mulher faz, não o que ela diz.	Comportamento feminino Relacionamento
12/02	Vídeo (694 curtidas) e (46,8 mil visualizações)	Schutz comenta que mulheres de 40, 50 anos muito bonitas geralmente têm dinheiro, não é só genética. Atribui a aparência a cirurgias plásticas. Ao final, um homem reforça que até para o homem se cuidar é preciso ter dinheiro.	Comportamento feminino e masculino
12/02	Vídeo (1653 curtidas) e (57,8 mil visualizações)	Afirma que as redes sociais prejudicaram muito as mulheres, por acreditarem em mentiras vendidas ali. Compram a ideia de uma vida de luxo sem questionar, influenciadas por homens ostentando e por contos de fadas modernos. Diz que, com o dinheiro do homem, tudo parece mais fácil. Lembra que relacionamento é trabalho dos dois lados.	Comportamento feminino
13/02	Vídeo (3245 curtidas) e (133 mil visualizações)	Afirma que mulher que posta muitas fotos no Instagram não é necessariamente infiel, mas, segundo ele, não é o tipo que se deve levar a sério — apenas para sexo. Justifica dizendo que ela seria viciada em atenção masculina, comparando esse comportamento a um vício em crack. Cita ações como chamar a atenção com fotos e abrir caixinhas de perguntas como sinais desse suposto vício.	Redes Sociais Comportamento feminino
13/02	Vídeo (1095 curtidas) e (89,4 mil visualizações)	Lê um comentário: “Te adoro, calvo do Campari!” e aproveita para ensinar o melhor jeito de tomar a bebida. Diz que o modo raiz é simples: um copo, uma rodela de laranja	Bebida

	visualizações)	(opcional), duas pedras de gelo e duas doses de Campari. Crítica as versões “Nutella” com suco de manga ou energético de abacaxi. Pode até ser só o copo e só a bebida — quanto mais puro, mais raiz.	
13/02	Vídeo (12,6 mil curtidas) e (968 mil visualizações)	Mostra um vídeo em que um homem tenta forçar o velocímetro do carro a marcar menos. A frase compara com a situação de voltar para a ex depois de seis meses e ela afirmar que não ficou com ninguém. A trilha sonora reforça a ironia: “quem tá pegando não tá reclamando e tá voltando só pra repetir”.	Comportamento feminino
13/02	Vídeo (1767 curtidas) e (55,3 mil visualizações)	O homem mais velho sinaliza maior controle emocional, é mais centrado, mais firme. Para uma mulher de 20, um de 30 pode parecer um porto seguro. Em situações de risco, como um assalto, ela espera que ele guie. Busca segurança, alguém que absorva o estresse dela, e não o contrário. Finaliza com a frase: “só sabe o que é ser homem, quem é homem”.	Comportamento feminino e masculino
13/02	Vídeo (413 curtidas) e (29,6 mil visualizações)	Schutz comenta que muitos acham que ele não tem embasamento, mas afirma que estuda artigos do meio acadêmico. Cita um deles, que apontava que 90% da qualidade de vida está relacionada à escolha do parceiro. Diz que fuma, e destaca mas destaca como os parceiros influenciam diretamente todos os campos e hábitos da vida.	Relacionamento
14/02	Vídeo (1241 curtidas) e (76,5 mil visualizações)	Relata situação em que o homem pede acesso “às coisas” da parceira, mas ela responde que valoriza a privacidade. Schutz argumenta que esse tipo de dinâmica só faz sentido em casamento ou relacionamento de longo prazo. Interpreta o pedido como sinal de insegurança, por desconfiar de algo no celular dela. Diz que esse tipo de iniciativa deveria partir dela, e que, ao fazer o pedido, o homem se coloca em posição de menor valor, como alguém sem opções sexuais.	Relacionamento
14/02	Vídeo (531 curtidas) e (73,2 mil visualizações)	Responde com ironia e grosseria vídeo sobre se irá ser pai, que não está sabendo, só se for com a mãe de quem perguntou. Na legenda do vídeo diz que é “zoeira” por ser sexta-feira.	Comportamento masculino
14/02	Vídeo (1440 curtidas) e (62,2 mil visualizações)	Fala sobre como um homem deve resolver seus problemas de vida com três figuras-chave: um bom médico, um bom contador e um bom advogado. Thiago, então, ensina a usar uma inteligência artificial que ajuda a montar petições para juizado, cobrando R\$ 19,90. No entanto, a recomendação não é sinalizada como publicidade.	Direito
15/02	Vídeo (935 curtidas) e (55,9 mil visualizações)	Fala sobre como educar adolescentes com hormônios à flor da pele e rebeldia. Mesmo sem ter filhos, relata experiências com mulheres que têm. Defende uma postura firme: “minha casa, mando eu”, exigindo respeito sem espaço para negociação. Afirma que a autoridade do pai precisa ser maior que a da esposa dentro de casa.	Comportamento feminino Família
15/02	Vídeo (1706 curtidas) e (89,2 mil visualizações)	Relata caso de um homem que estava ficando com uma mulher, demonstrou sentimento e ela sumiu. Schutz interpreta que, ao perceber que o homem estava apaixonado, ela perdeu o interesse. Diz que, é melhor falar que odeia do que que ama. Não é para agir assim, mas para entender a lógica: demonstrar demais pode afastar.	
15/02	Vídeo (636 curtidas) e (40,3 mil visualizações)	Fala sobre a admiração masculina quando um homem realiza algo desafiador, como pular de paraquedas. Destaca que essa admiração não vem de diminuir o outro, mas de reconhecer a coragem. Diz que amigos que desmotivam ou dizem que o plano é bobeira servem como filtro, não são verdadeiros aliados.	Comportamento masculino
15/02	Imagem (2727 curtidas)	Trend: Primeiro você começa, depois você melhora. Primeira imagem casamento, segunda de um mendigo. Ambas por I.A	Relacionamento

15/02	Vídeo (399 curtidas) e (33,1 mil visualizações)	Defende que é possível ter um bom relacionamento quando, de cada 10 ações, 7 ou 8 são positivas, tanto para o homem quanto para a mulher. Compara com outras áreas da vida: no início, é normal a pessoa demorar para acertar. O importante é o saldo ser positivo.	Relacionamento
-------	--	---	----------------

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A metodologia adotada parte da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), especialmente no que diz respeito à categorização temática e à identificação de sentidos presentes nos vídeos. No entanto, ao longo do processo, foi possível perceber que muitos significados ultrapassavam o que estava literalmente dito ou mostrado. As ironias, os silêncios, os enquadramentos e até as músicas escolhidas carregam sentidos que ajudam a reforçar certas posições sobre gênero e sexualidade. Por isso, mesmo sem seguir formalmente todos os passos da análise do discurso, me aproximei dessa perspectiva ao considerar os efeitos de sentido produzidos nas falas e nos recursos visuais, entendendo que eles estão atravessados por ideologias e disputas simbólicas. Como aponta Orlandi (2017, p.82), no capítulo “O Dito e o Não Dito”, o discurso não é apenas o que se diz, mas o que se silencia, o que se omite e o que se constrói em uma rede de sentidos que circulam nas práticas sociais. A escolha de manter essa combinação metodológica tem o objetivo de aprofundar a análise sem perder o compromisso com a clareza, com o rigor ético e com a responsabilidade crítica diante do que está sendo discutido.

Para a análise do conteúdo de Thiago Schutz, serão aplicadas as categorias de Bardin (2011), considerando as funções informativa, persuasiva e afetiva. A partir disso, propõem-se quatro eixos de observação: (1) a construção da masculinidade em oposição ao feminino, já que, para o autor, ser um homem "masculinizado" implica estabelecer diferenças substanciais em relação ao papel da mulher; (2) a violência simbólica e o discurso de ódio contra as mulheres, presentes em falas que deslegitimam a figura feminina e reforçam estereótipos de gênero; (3) as técnicas de manipulação e persuasão utilizadas pelo influenciador, incluindo o uso de histórias pessoais, linguagem emocional e argumentos pseudocientíficos para engajar seu público; e (4) as redes sociais como espaço de lutas simbólicas, especialmente no *Instagram*, onde Schutz dissemina suas ideias, molda percepções públicas e ativa sentimentos de pertencimento ou raiva entre seus seguidores. Essas categorias serão analisadas a partir da repetição e predominância de temas, imagens e palavras-chave nos vídeos, a fim de identificar os discursos e os padrões recorrentes. Com isso, busca-se compreender como os conteúdos se articulam na reprodução de desigualdades de gênero e na naturalização de discursos misóginos sob a aparência de verdades sobre relacionamentos.

Para prosseguir com a análise aprofundada, foram escolhidos os 6 vídeos com o maior número de visualizações. Segundo Bardin (2011), é possível utilizar materiais diversos no processo de análise, desde que estejam alinhados ao objetivo da pesquisa e sejam tratados com o mesmo critério metodológico. Por isso, trechos pontuais do livro *Pílulas de Realidade* (2022), tido como “a bíblia dos homens mais vendida do Brasil”, foram usados sempre que se mostraram pertinentes e dialogaram diretamente com os sentidos identificados nos vídeos. A proposta não é analisar “as 50 pílulas” presentes no livro, mas sim recorrer a partes específicas que ajudam a compreender melhor a lógica discursiva presente também nos conteúdos audiovisuais publicados por Schutz. No próprio site do influenciador, a obra *Pílulas de Realidade* é promovida como “o antidepressivo que todo homem precisa para entender as mulheres e trabalhar em seu máximo propósito” (Schutz, 2025, online), refletindo a visão distorcida de gênero que permeia tanto o conteúdo textual quanto audiovisual do autor.

6.1 A mulher como quilometragem: metáforas misóginas

Neste vídeo⁷³, o mais visualizado no período analisado (968 mil), de 13 de fevereiro, Thiago Schutz sequer aparece. O destaque está na comparação entre uma mulher e o velocímetro adulterado de um carro. A frase destaca acima da cena em que um homem reduz o velocímetro, diz: “você voltando pra ex depois de 6 meses e ela falando que não ficou com ninguém”. A trilha sonora reforça a ironia: “quem tá pegando não tá reclamando e tá voltando só pra repetir”, trecho da música *Quem tá pegando*, de Murilo Huff e Wesley Safadão. No contexto original, a música trata de um término em que a mulher critica o desempenho sexual do ex, enquanto ele se defende dizendo que outras mulheres estão voltando para repetir a experiência. No vídeo, a música é ressignificada para sugerir que mulheres mentem sobre seu “histórico sexual” e, ainda assim, continuam sendo desejadas após um suposto “uso”, reforçando a ideia de que a “quilometragem sexual” da mulher é um fator que reduz seu valor.

⁷³ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DGBbQRuRnY/?hl=pt-br>



Figura 3 – Thiago Schutz publica vídeo associando a retomada de relacionamento à "quilometragem" da mulher

Categoria 1: A construção da masculinidade em oposição ao feminino

A narrativa reforça a construção da masculinidade em oposição ao feminino ao apresentar o homem como racional, enquanto a mulher aparece como emocional e manipuladora. Nesse contexto, o homem precisa agir com "esperteza estoica" (Zuckerberg, 2018) para não ser enganado. Além disso, na pílula 30 – O problema da Promiscuidade Feminina, Schutz (2022, p.135) cita o ator Leonardo DiCaprio⁷⁴, hoje com 50 anos, conhecido por se relacionar apenas com mulheres até os 25 anos. O autor utiliza esse exemplo para naturalizar a ideia de que um "homem de valor" teria o direito de escolher a parceira "mais pura" e, conseqüentemente, mais jovem. Na pílula 17 – O muro e a queda da beleza feminina, o influenciador aponta que o auge da beleza feminina ocorre aos 23 anos e que o homem “não precisa ‘salvar’ nenhuma mulher que já passou dos trinta porque a sociedade te diz para fazer isso” (Schutz, 2022, p.83), uma vez que pode conseguir mulheres mais jovens e atraentes. Além da forte carga de misoginia, pode-se relacionar uma perspectiva interseccional, já que as mulheres mais velhas são vistas de forma estigmatizada, o que reforça o etarismo. Incluem-se, neste modelo de mulher ideal, juventude vinculada à beleza, como pode ser analisado a partir do “Mito da beleza”, de Naomi Wolf (1991).

Isso reforça a hierarquia de valor entre os gêneros, na qual a mulher é vista como algo a ser descartado ou renovado, enquanto o homem, mais "desejável", é valorizado apenas por suas qualidades materiais e sua capacidade de escolha. A redução do valor do homem à sua

⁷⁴Leonardo Wilhelm DiCaprio é um ator, produtor, empresário, ambientalista e filantropo americano, vencedor do Oscar de Melhor Ator com o filme O Regresso.

aparência, status social e recursos materiais contrasta diretamente com a desumanização da mulher, que é desprovida de autonomia ou desejo próprio.

Esse tipo de visão ignora a complexidade das relações humanas e ainda favorece a cultura do estupro, que Zanello (2022) chama de cultura da objetificação sexual, o reflexo de uma hierarquia de gênero desigual, onde a mulher é desumanizada e reduzida à sua acessibilidade sexual. Ao mesmo tempo, reforça que os homens têm mais desejo sexual e estão sempre prontos para o sexo, independentemente de qual mulher for, o que impõe uma pressão constante sobre eles. Bola (2020, p. 31) contesta esse mito de que “os homens têm mais libido/os homens pensam mais em sexo”, lembrando que há mulheres que desejam múltiplos parceiros, assim como há homens que se satisfazem com apenas uma pessoa. Ele cita uma frase atribuída a Oscar Wilde⁷⁵: “Tudo no mundo tem a ver com sexo, exceto o sexo, o sexo tem a ver com poder.” Assim, o autor reflete sobre como o desejo sexual, muitas vezes, não é só desejo, mas uma forma de afirmar dominação e superioridade, uma ideia presente nos conteúdos de Schutz.

Categoria 2: A violência simbólica e o discurso de ódio contra as mulheres

A analogia com o velocímetro fraudado reforça a ideia de que as mulheres são naturalmente mentirosas e dissimuladas, configurando uma violência simbólica que sustenta um discurso de ódio contra elas. Schutz, na pílula 5 – Valor Sexual de Mercado, define que para o homem estar bem posicionado no mercado sexual depende do “seu corpo, sua aparência, seu estilo, sua autenticidade, sua personalidade, seu poder financeiro, seu status social, sua confiança” (Schutz, 2022, p.32), enquanto a mulher “a beleza, juventude e fertilidade são os principais fatores que são percebidos pelos homens, indicando que ela possui bons genes para serem passados para os filhos” (Schutz, 2022, p.32). Essa lógica hierarquiza os corpos femininos com base na sua “utilização” prévia, como se houvesse um prazo de validade biológico o que dialoga diretamente com a metáfora da “prateleira do amor” proposta por Zanello (2022), na qual as mulheres são posicionadas conforme sua adequação a um ideal de feminilidade.

Essa prateleira é mediada por um ideal estético, historicamente construído, que é branco, magro e jovem, e quanto mais distante desse ideal, maior a chance de a mulher não ser escolhida para um relacionamento afetivo/romântico e sim preterida

⁷⁵ Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde (1854-1900), foi um influente escritor, poeta e dramaturgo irlandês. Conhecido por sua sagacidade mordaz, pelas vestimentas extravagantes, pela habilidade de conversação e de ditos espirituosos e ricos em sarcasmo, ironia e cinismo

e objetificada sexualmente. Mulheres aprendem que o corpo e a beleza são um capital simbólico e material. (Zanella, 2022, p. 70-71).

A violência simbólica, nesse caso, não se manifesta apenas na fala direta, mas na repetição de códigos culturais que reforçam a desigualdade de gênero como algo natural. Desse modo, o influenciador contribui para a normalização de um imaginário em que as mulheres são constantemente julgadas, rotuladas e hierarquizadas, perpetuando uma cultura de desumanização e silenciamento.

Categoria 3: As técnicas de manipulação e persuasão utilizadas pelo influenciador

Schutz não aparece no vídeo, mas isso não diminui seu controle sobre a mensagem. Pelo contrário: sua ausência reforça o caráter calculado da postagem e fortalece sua autoridade simbólica. Ele manipula o discurso nos bastidores e acumula capital simbólico (Bourdieu, 2003) ao se colocar como estrategista, não apenas como rosto. O humor entra como disfarce: transforma violência simbólica em entretenimento e faz com que falas misóginas sejam recebidas com risos, não com crítica. Ao provocar esse tipo de reação, Schutz reforça a sensação de pertencimento e superioridade entre seus seguidores homens, que se sentem parte de uma causa, mesmo que essa “causa” seja, na prática, um discurso de ódio. A manipulação não é só emocional: é ideológica, estruturada para gerar engajamento e fidelidade.

Categoria 4: As redes sociais como espaço de lutas simbólicas

Com quase 1 milhão de visualizações, Schutz amplia a circulação de um discurso machista camuflado como entretenimento. A bolha *Red Pill* é um reflexo claro de como as redes sociais podem ser usadas para reforçar e expandir narrativas tóxicas. O uso do humor como um “disfarce” faz com que esses discursos ganhem legitimidade, pois são vistos como “piadas”. No entanto, o impacto real é a perpetuação de uma cultura de exclusão e deslegitimação das mulheres, através de um processo de normalização de violência simbólica.

Neste contexto, o vídeo não apenas viraliza, ele também consolida a reputação e a autoridade de Schutz. Como aponta Recuero (2012), a autoridade nas redes é construída a partir da visibilidade, da recorrência e da validação pelos pares. A repetição do discurso, aliada ao alto engajamento, confere poder ao conteúdo, tornando-o mais influente, independentemente da qualidade ou da base argumentativa.

6.2 O bom moço na *friendzone*: distorções sobre desejo feminino

Neste vídeo⁷⁶, com 659 mil visualizações, datado de 04 de fevereiro, Thiago Schutz reage a uma gravação em que uma mulher descreve “o tipo de homem solteiro que é impossível não ser desejado”. Entre os atributos estão: ser trabalhador, focado, ter metas e valores definidos, visão de futuro, não buscar a companhia de diversas mulheres, mas ser respeitoso com todas, inteligente e divertido. Apesar de dizer concordar com a descrição, Schutz conclui que, quando esse tipo de homem aparece, as mulheres ignoram o potencial dele como namorado e se tornam amigos.



Figura 4 – Thiago Schutz reage a vídeo de mulher falando sobre características do “homem ideal”

Categoria 1: A construção da masculinidade em oposição ao feminino

Schutz constrói um estereótipo de masculinidade, onde o homem idealizado é descartado pelas mulheres, o que coloca em oposição a ideia do masculino e do feminino. Esse discurso é aprofundado na pílula 10, “Seja um bom homem, mas não seja bonzinho”, em que Schutz afirma:

Os inofensivos são os primeiros que correm quando o perigo aparece. É por esse e outros motivos que, de maneira geral e inconsciente, as mulheres possuem forte atração por homens frios, que demonstram pouco ou nenhum sentimento e são, de certa forma, um tanto filhos da puta (Schutz, 2022, p.50-51).

É nesse capítulo que fica claro que, na prática, Schutz não concorda com a moça do vídeo, porque para ele, o homem para ser bem-sucedido com uma mulher precisa agir como um homem “desapegado” e “sem regras” até que a mulher prove que é merecedora do seu

⁷⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DFp7c5vxjFc/>

lado “bonzinho”, que paga a conta do jantar, por exemplo. A pílula 29 – “Qual homem ela escolhe” complementa esse pensamento. Segundo Schutz (2022, p. 117), um homem pode ser “10/10” em aparência e físico, mas, se for virgem e sem dinheiro, mesmo tendo uma pequena chance de trair, será preterido por outro igualmente atraente, porém milionário e promíscuo. “Essa situação hipotética serve de análise para que você possa entender que alguns fatores como provisão financeira e número de opções sexuais disponíveis para o homem desempenham um fator de maior importância se comparados à pureza masculina” (Schutz, 2022, p. 118)

Bola (2020, p. 26-27) discute sobre o mito do “cara legal”, porque esse tipo de homem acredita que, por reunir boas qualidades, merece atenção, tempo e esforço das mulheres. O autor afirma: “se elas não gostarem, a culpa recai sem piedade sobre elas”. A reflexão do autor mostra como os homens querem se colocar nesse lugar porque sabem que é preciso se diferenciar dos demais, mas isso não significa abrir mão do privilégio masculino. Pelo contrário, continuam usufruindo dele enquanto se posicionam como vítimas da rejeição.

Categoria 2: Violência simbólica e discurso de ódio contra as mulheres

Como observado na categoria anterior, a mulher é desqualificada ao ser apresentada como incapaz de reconhecer o verdadeiro valor de um homem. Esse discurso, que a coloca como “emocional” e “interesseira”, é uma forma de violência simbólica, pois deslegitima sua autonomia e suas escolhas. Ao afirmar que as mulheres rejeitam o homem “ideal” por motivos superficiais, Schutz não só diminui o poder de decisão das mulheres, mas também reforça estereótipos prejudiciais que as reduzem a simples objetos de desejo, sem levar em conta suas preferências. Essa visão contribui para a manutenção de um discurso de ódio, onde as mulheres são constantemente desvalorizadas e tratadas como incapazes de fazer escolhas racionais sobre suas relações afetivas.

Categoria 3: As técnicas de manipulação e persuasão utilizadas pelo influenciador

Neste vídeo, Schutz aparece em cena de forma calculada. Ao concordar com os atributos positivos descritos pela mulher, gera proximidade com o homem que se acha “bonzinho”, ao mesmo tempo que gera a revolta dele quando afirma que ele é colocado como amigo. Ao utilizar uma inversão proposital de expectativa, provoca sentimentos como raiva e injustiça, que são gatilhos emocionais eficientes para engajar o público masculino, assim o *coach* se posiciona como alguém que revela uma verdade invisibilizada, construída sob a ótica de um sistema patriarcal que posiciona o homem como o “injustiçado”. Bourdieu (2011,

p. 8) afirma que “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Esse tipo de discurso, ao invés de fomentar uma discussão saudável sobre os relacionamentos amorosos, amplia o poder simbólico de Schutz perante o público que ele deseja alcançar.

Categoria 4: As redes sociais como espaço de disputa simbólica

Ao reagir a um vídeo de uma mulher, Schutz busca comprovar o seu próprio discurso, mesmo distorcendo o conteúdo original. A ressignificação dessa fala, ao colocar o homem ideal descrito como uma mentira que as mulheres contam, destaca como o ambiente digital amplifica disputas de sentido. Assim, as expressões, pausas e reações fazem parte de uma performance que parece espontânea, mas é cuidadosamente manipulada para produzir identificação. Parafraseando Goffman (2002, p. 15), ao se apresentar diante dos outros, Schutz procura influenciar a maneira como será percebido. Essa gestão da aparência garante o sucesso da interação e sustenta sua autoridade diante do público, que passa a consumir e comprar mais do seu conteúdo.

6.3 Quando a mulher diz não: desejo, suspeita e controle do corpo

O terceiro vídeo⁷⁷, com 256 mil visualizações, do dia 5 de fevereiro, envolve um homem casado que reclama que a esposa não aceita fazer sexo anal com ele. Schutz responde afirmando que ela provavelmente faz isso com outro homem por quem sente mais desejo. Para embasar seu ponto, diz que, se aparecesse um cantor ou ator famoso, ela “não ficaria de frescurinha”. Desse modo, o *coach* afirma que a negativa da esposa deriva do desinteresse sexual pelo marido, que a escolha sexual feminina depende de status e atração física que pode até mesmo culminar em traição.

⁷⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DFr97JAU-Ug/>



Figura 5 – Resposta de Thiago Schutz sobre relação sexual anal – dúvida da caixa de perguntas do *Instagram*

Categoria 1: A construção da masculinidade em oposição ao feminino

Essa narrativa está profundamente conectada à forma como a masculinidade é construída em oposição ao feminino. Implicitamente, o "não" da parceira é visto como uma afronta à masculinidade do homem, como se a virilidade estivesse diretamente ligada à capacidade de fazer com que ela aceite a vontade do homem. A recusa da mulher não é entendida como autonomia, mas como uma humilhação para o homem, pois ele acredita que existem homens melhores do que ele que conseguiram o sexo anal. Por isso, é preciso criar uma história sobre os motivos que estão por trás do "não". Quando a mulher recusa algo, o problema não está na relação, no desejo ou nos limites da parceira, mas sim, em primeiro lugar, numa falha da mulher em não reconhecer as qualidades do homem que está ao seu lado, e, em segundo, o homem não ser suficientemente bom para ser desejado ou respeitado, talvez por estar sendo "bonzinho demais", como observamos na análise anterior.

É uma masculinidade que se afirma na oposição: se ela diz "não", é porque não te respeita e admira, então você não está sendo homem o suficiente. Esse é um convite mercadológico para o homem seguir os conteúdos de Schutz, comprar seus livros e cursos, aprender a "ser homem". Um exemplo disso está em Zanello (2022, p. 104), quando a autora discute sobre Homens e o Dispositivo de Eficácia, em que os meninos aprendem que para ser homem de verdade é preciso ser um “comedor” sexual e um trabalhador. “Se quem avalia física e moralmente o valor das mulheres, na prateleira do amor, são os homens, quem avalia os homens são os próprios homens nessa casa simbólica. As masculinidades são assim homoafetivas e homossociáveis” (Zanello, 2022, p. 99).

Categoria 2: A violência simbólica e o discurso de ódio contra as mulheres

No vídeo, Thiago Schutz propaga violência simbólica ao invalidar o “não” de uma mulher e associá-lo a promiscuidade ou traição, alegando que ela só se recusa ao sexo porque não sente atração pelo marido e procuraria outro homem mais desejável. Esse pensamento é reforçado na pílula 25, “Principais mentiras que elas contam”, Schutz (2022, p. 113), diz que todas as pessoas mentem, mas que “o sexo feminino é dotado de grande capacidade de contar mentiras com precisão e escondê-las sem deixar rastros, sempre que for conveniente pra elas”, entre as mentiras destacadas, a primeira “eu nunca fiz isso” pressupõe que mulheres sexualmente ativas até os 35 anos já viveram diversas aventuras sexuais, portanto se ela disser algo como “Nunca dei o cu. Desconfie”.

Tanto no vídeo quanto no trecho mencionado, há uma dupla violência: a deslegitimação da palavra da mulher e o desprezo moral por seu comportamento. Schutz coloca em dúvida a autonomia feminina, naturalizando a ideia de que a mulher deve ceder ao desejo masculino. A recusa é tratada como “frescura”, invalidando a decisão da mulher sobre seu próprio corpo. Essa lógica não é isolada, mas sim parte de um padrão cultural histórico que tenta controlar a liberdade feminina. Zuckerberg (2018, p. 108) destaca que tanto os guias de sedução antigos quanto os modernos valorizam a subjetividade masculina sobre a feminina e intensificam os limites das mulheres. A fala de Schutz reflete esse padrão de controle.

Além disso, Bola (2020), reflete sobre a cultura do estupro e o aparecimento de grupos como os *Incel*s, que acreditam que todos os homens merecem e têm direito ao sexo a qualquer momento, independente da vontade das mulheres. Os celibatários involuntários atribuem à liberdade de escolha e egoísmo da mulher, o fato de serem virgens ou não terem namoradas. Enquanto Schutz e esse grupo ignoram o consentimento feminino como uma escolha que não cabe julgamento masculino, o autor ressalta que a palavra consentimento “é a presença de um sim, e não a ausência de um não (...)” (Bola, 2020, p.72).

Categoria 3: As técnicas de manipulação e persuasão utilizadas pelo influenciador

No vídeo analisado, Schutz utiliza linguagem emocional e vulgar, como a expressão “frescurinha”, para gerar reações imediatas e engajamento. Ele também faz suposições sem provas, como afirmar que a esposa, ao negar o sexo anal, provavelmente o faria com outro homem considerado mais atraente. Além disso, recorre a argumentos simplistas e falaciosos, como a ideia de que as mulheres mentem melhor do que os homens, reforçando estereótipos.

Ao mesmo tempo, a sexualidade é tratada como um campo de poder e dominação, seguindo a lógica das relações de gênero. Foucault (1999, p. 99) destaca que, “nas relações de

poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias". Nesse sentido, para Schutz, a sexualidade e as práticas sexuais, como o sexo anal, são manipuladas dentro de um sistema de normas e expectativas sobre o papel da mulher no exercício da sexualidade.

Conforme Butler (2024) explica, o gênero não é algo dado ou natural, mas uma construção social, que pode ser utilizada para ter poder sobre os corpos e as práticas sexuais. Ao reforçar a ideia de que o desejo feminino é baseado em status e atração física, vemos lógica de poder e controle, onde a sexualidade feminina é reduzida a um simples reflexo de normas e hierarquias sociais, enquanto o poder do homem sobre o corpo feminino é reafirmado.

Categoria 4: As redes sociais como espaço de lutas simbólicas

O formato de vídeo curto do Instagram é usado de maneira estratégica para disseminar julgamentos morais sobre o comportamento sexual feminino, simplificando questões complexas de gênero. O *coach* se posiciona como uma autoridade sobre o universo dos relacionamentos, ao mesmo tempo em que fortalece uma narrativa que deslegitima a autonomia das mulheres e transforma o sofrimento masculino em uma suposta injustiça social. Esse tipo de conteúdo, sensacionalista e polarizador, favorece a viralização, alimenta um ciclo de desvalorização das escolhas femininas e cria uma identificação com um público masculino ressentido.

Como afirma John B. Thompson (2002, p. 106), “a mídia se envolve ativamente na construção do mundo social”, ou seja, ela não apenas reflete a realidade, mas participa de sua construção simbólica, influenciando a forma como a sociedade se comporta. O discurso de Schutz utiliza as redes sociais para consolidar estereótipos e ampliar a circulação de ideias que fortalecem a cultura da vitimização masculina e a penalização das escolhas femininas.

6.4 Elegância *versus* sexualidade: a moralidade feminina

Neste *reels*⁷⁸, com 248 mil visualizações, de 6 de fevereiro, influenciador ironiza o vídeo de uma mulher que tem curiosidade sobre o próprio desempenho sexual, mais especificamente sobre “sentar bem”, um termo popular associado ao prazer que uma mulher proporciona durante a relação. Não foi possível identificar o nome/cantor da música ao fundo

⁷⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DFvIkUqOQ1w/>

do vídeo dela, mas as expressões remetem ao ato sexual e a mulher dança de forma sensual com um vestido colado. Para ridicularizar essa fala, Schutz insere outro vídeo para “ensiná-la” como sentar, no qual uma mulher com uma vestimenta considerada mais elegante, se senta em uma cadeira de forma “fina” e recatada.



Figura 6 –Thiago Schutz contrapõe vídeo de mulher sobre “sentar bem”

Categoria 1: A construção da masculinidade em oposição ao feminino

Nesse vídeo, o *coach* reafirma a lógica binária que estrutura a masculinidade e a feminilidade que defende: mulheres que se mostram sexualmente ativas tornam-se alvo de escárnio, enquanto aquelas que performam um comportamento mais “respeitável” são exaltadas como exemplo. Zanello (2022, p. 39) discute como somos socializados por meio de performances de gênero, enquanto os meninos ouvem frases como “pare de rebolar, tá parecendo viado” ou “homem de verdade não faz isso”, as mulheres são interpeladas até na forma de sentar:

Para uma menina, é comum que se diga: ‘sente com as pernas fechadas, você já é uma mocinha’ (...) O se aprende é que menininhas e mulheres que se dão ao respeito devem sentar-se de pernas fechadas, sentar-se de pernas abertas, no caso das mulheres, diferentemente dos homens, adquire em nossa cultura, um caráter/leitura de abertura sexual (Zanello, 2022, p.39).

Esse controle corporal imposto às mulheres é profundamente enraizado na sociedade que persiste até em situações extremas de violência, como o estupro, mas também aparece em contextos como gravidez na adolescência ou até mesmo em relações fora do casamento. É comum ouvir frases como “quem mandou abrir as pernas?”, culpabilizando a mulher pela

situação e tratando-a como responsável, seja por um ato imposto ou por sua “falta de moralidade”.

Em contrapartida, o comportamento oposto é naturalizado nos homens: o “*manspreading*”, uma prática de sentar-se com as pernas excessivamente abertas em espaços públicos como ônibus e metrô, ganhou nome em 2013 na rede social *Tumblr*⁷⁹, tornando-se recentemente alvo de campanhas de conscientização na Espanha e no Brasil. O ato, que para muitos homens pode ser considerado automático ou para não encostar nos órgãos íntimos, representa simbolicamente o direito masculino à ocupação do espaço. Como aponta Bourdieu (1999), os corpos das mulheres são socialmente resignados ao interior, enquanto os dos homens são marcados pelo exterior, pela expansão. Eles podem “se abrir”, e elas devem se retrain.

Categoria 2: A violência simbólica e discurso de ódio contra as mulheres

A cena é carregada de violência simbólica porque transforma a manifestação de desejo ou curiosidade sexual em motivo de ridicularização pública. Schutz ao contrapor o vídeo com a figura da mulher “elegante” que sabe “sentar”, reforça a lógica de qual comportamento feminino é adequado sob a ótica da visão masculina. E, como é possível ver a seguir, o próprio influencer se contradiz.

Na pílula 29 “O problema da validação feminina”, Schutz afirma que os homens não devem curtir, comentar ou responder as fotos das mulheres, mas sim se mostrarem indisponíveis para provarem que estão ocupados demais com si mesmos e seus objetivos, porque segundo ele os homens só recebem esse tipo de atenção se tiverem dinheiro e um físico “em ordem”. “O grande efeito colateral que as redes sociais trouxeram foi o excesso de validação ao sexo feminino, que está beirando níveis estratosféricos, inflando o ego das mulheres, principalmente as medianas, e aumentando o grau de narcisismo feminino.” (Schutz, 2022, p.130).

Anteriormente, na pílula 20 – os 3 poderes de todo homem, o autor já havia aconselhado que “Não importa qual seja sua situação atual, todo homem sempre possui 3 poderes sobre as mulheres, que dependem unicamente da atitude para com elas.” (Schutz, 2022, p.93). O primeiro é “o poder de controlar a atenção dada e ignorá-la”, ou seja, controlar

⁷⁹ O Tumblr é um site de microblog e rede social fundado por David Karp em 2007 e de propriedade da empresa americana Automattic. O serviço permite que os usuários publiquem multimídia e outros conteúdos em um blog de formato curto.

a atenção com base em reciprocidade e ignorar sempre que necessário. Entretanto, ao ridicularizar determinadas mulheres e elogiar outras em seus conteúdos, o próprio *coach* acaba utilizando a lógica da validação seletiva que ele mesmo condena, reforçando, ainda que de forma implícita, a dinâmica de poder baseada justamente na atenção que critica nas redes sociais.

A própria curiosidade da mulher sobre sua performance sexual, pode ser compreendida como um efeito do que Zanello (2022, p. 67) chama de dispositivo amoroso: “No dispositivo amoroso, há uma terceirização da autoestima: o que meninas e mulheres aprendem é que só são desejáveis se houver alguém as desejando.” A necessidade de ser escolhida e de se encaixar nos padrões estéticos e comportamentais esperados vulnerabiliza a mulher, que muitas vezes acaba entrando ou permanece em relações violentas para não retornar à prateleira do amor.

Categoria 3: Técnicas de manipulação e persuasão utilizadas pelo influenciador

Schutz não utiliza uma retórica argumentativa no vídeo, mas a contraposição entre as duas mulheres, acompanhada de deboche, cria uma manipulação visual que transmite claramente a mensagem de que mulheres como a primeira não merecem respeito. Guy Debord (2003, p.14), ao discutir sobre a sociedade do espetáculo afirma “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social mediada por imagens”. Aqui o influenciador expõe socialmente os comportamentos femininos através das imagens, ou melhor, dos vídeos, transformando julgamento público em uma forma de espetáculo, onde as mulheres são avaliadas com base em padrões estereotipados que ecoam pelas redes sociais. Essa manipulação visual reforça a lógica de controle e conformidade com os valores patriarcais defendidos por Schutz, utilizando o espetáculo como um meio de legitimar tais normas.

Categoria 4: As redes sociais como espaço de lutas simbólicas

O Instagram, como plataforma de disseminação de conteúdo, amplifica o alcance e o efeito performático das postagens. Nesse contexto, Castells (2005, p. 22) explica que “os sistemas de comunicação mediáticos criam os relacionamentos entre instituições e organizações da sociedade e as pessoas no seu conjunto, não enquanto indivíduos, mas como receptores coletivos de informação”. Schutz se apropria dessa dinâmica ao usar as redes sociais para reafirmar percepções coletivas sobre comportamento feminino e sexualidade. Ao ridicularizar a mulher no vídeo original e apresentar a mulher “adequada” como exemplo, ele

reforça um estereótipo que privilegia uma visão conservadora da feminilidade, transformando as redes sociais em um espaço simbólico de disputa de sentidos.

Os comentários exemplificam essa disputa. Enquanto alguns reforçam a visão conservadora “Se eu senti vergonha alheia dela, imagina as mulheres kkkkk”, outros questionam essa postura “Ah, sai pra lá! Maior discurso de cara que tem pegada fraca rs. Dama, a mulher tem que ser só na sociedade”, revelando como as redes atuam como campo de confronto entre diferentes visões sobre o papel da mulher.

6.5 Liberdade sexual e instabilidade conjugal: a manipulação da ciência

No vídeo⁸⁰, que consta com 208 mil visualizações, datado de 07 de fevereiro, Schutz rebate a fala de um homem que associa o incômodo masculino com o passado sexual das parceiras a traços como insegurança, baixa autoestima e ausência de amor próprio. Como resposta, o influenciador resgata uma pesquisa que, segundo ele, comprovaria que quanto maior a liberdade sexual feminina, menor a estabilidade dos relacionamentos. Embora não mencione autores ou fontes completas, o estudo citado parece se referir ao artigo *Counterintuitive Trends in the Link Between Premarital Sex and Marital Stability*⁸¹, de Nicholas H. Wolfinger, publicado no blog do Institute for Family Studies (IFS) em junho de 2016. A fala reforça o argumento recorrente de que a *Red Pill* está amparada pela ciência, estatísticas e racionalidade, mas como veremos a seguir, o estudo foi distorcido para encaixar nos propósitos do influenciador.

⁸⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DFxp30wx8wu/>

⁸¹ Disponível em: <https://ifstudies.org/blog/counterintuitive-trends-in-the-link-between-premarital-sex-and-marital-stability/>



Figura 6 – Thiago Schutz contrapõe argumento de homem sobre o passado sexual das mulheres

Categoria 1: A construção da masculinidade em oposição ao feminino

Schutz, ao utilizar uma pesquisa que vincula a liberdade sexual feminina ao término de relacionamentos, reforça a construção de uma masculinidade em oposição ao feminino, onde a liberdade sexual da mulher é vista como uma ameaça à estabilidade da relação, enfraquecendo a masculinidade do homem, que perde o controle sobre o comportamento da parceira. Para ele, a mulher deve seguir normas rígidas de comportamento sexual, enquanto o homem deve ser o controlador dessa dinâmica. Na pílula 33- Casamento nos dias atuais, Schutz (2022, p.145) menciona que é fácil para as mulheres conseguirem parceiros sexuais, mas que “Namoro e casamento somos nós quem escolhemos, não elas. As mulheres vão se casar com quem elas conseguirem”.

Esse posicionamento pode ser relacionando com o estudo que comprovaria o argumento do *coach*, que embora não nomeado diretamente por Schutz, parece ser "*Counterintuitive Trends in the Link Between Premarital Sex and Marital Stability*", de Nicholas H. Wolfinger. O estudo, uma análise multivariada, foi realizado com dados de coletados em 2002, 2006-2010 e 2011-2013, extraídos do National Survey of Family Growth (NSFG), uma pesquisa nacional de crescimento familiar. O número de parceiros sexuais antes do casamento foi cruzado com a probabilidade de divórcio em uma análise desde a década de 1980 até os anos 2000. Um ponto de alerta nesse estudo foi a exclusão dos dados dos homens porque o NSFG não tinha os dados completos do comportamento sexual dos homens antes do casamento e, como o próprio autor afirma, "men tend to recall their marital histories less reliably than women"(Wolfinger, 2016, online) - os homens tendem a lembrar suas histórias

matrimoniais com menos precisão do que as mulheres, tradução nossa - o que comprometeria a validade dos dados se fossem incluídos.

Além disso, o próprio autor admite que a diferença entre as taxas de divórcio das mulheres que tiveram dez ou mais parceiros e das que tiveram dois não é estatisticamente significativa nos casamentos da década de 2000, o que enfraquece a ideia de uma relação direta e determinante entre número de parceiros e estabilidade conjugal. Assim, o influenciador ignora a possibilidade de que a preocupação excessiva dos homens com o passado sexual de suas parceiras pode refletir insegurança e baixa autoestima, como sugere o homem no vídeo analisado.

Ao invés de refletir sobre a masculinidade, ele reafirma um modelo baseado no controle, no qual a mulher deve ser vigiada, contida e responsabilizada pelas “falhas” da relação. A ideia remete ao processo que Michel Foucault (1999, p.100) descreve como a histerização do corpo feminino: “processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado — qualificado e desqualificado — como corpo integralmente saturado de sexualidade”, ou seja, um corpo patologizado pelas práticas médicas e objeto de vigilância pela sociedade e, como, defende Schutz, principalmente pelos próprios homens.

Categoria 2 - A violência simbólica e o discurso de ódio contra as mulheres

A vinculação entre a liberdade sexual feminina e o fracasso conjugal, como propõe Thiago Schutz, é uma forma de violência simbólica e ódio às mulheres, porque reforça a responsabilidade unilateral delas para o relacionamento ser bem sucedido, com início na castidade feminina antes mesmo do matrimônio. Pierre Bourdieu (2002), mostra que essa violência ocorre quase de maneira invisível, agindo através do senso comum que naturaliza a dominação masculina e contribui para a manutenção da desigualdade entre os sexos.

Como discutido anteriormente, Schutz distorce o estudo para embasar seus argumentos. Um aspecto interessante da pesquisa é que mulheres que se casam virgens e tem menos probabilidade de se divorciarem, têm mais chances de frequentarem à igreja ao menos uma vez por semana; o autor até menciona que essa descoberta faz sentido considerando que pessoas que frequentam à igreja tem taxas de divórcio mais baixas. Apesar disso, reflete que a religião não parece ser uma explicação relevante para os índices de divórcio entre mulheres com múltiplos parceiros, mas essa conclusão desconsidera a força da religiosidade. Mulheres religiosas, socializadas desde cedo em valores de pureza, submissão e permanência conjugal “até que a morte os separe”, tendem a ter menos parceiros sexuais e a permanecer em casamentos mesmo diante de problemas no relacionamento. Assim, a menor taxa de divórcios

nesse grupo pode estar menos relacionada ao número de parceiros e mais ao conjunto de crenças religiosas que carregam.

O estudo também aponta outras variáveis relevantes. Mulheres latinas e do grupo classificado como “Outros” apresentaram, em média, menos parceiros sexuais e menores taxas de divórcio que mulheres brancas e negras, que demonstraram comportamentos sexuais semelhantes antes do casamento. Outro fator observado foi a estrutura familiar: mulheres que cresceram sem a presença de ambos os pais tendem a ter mais parceiros sexuais e são mais propensas ao divórcio. Apesar desses dados, o próprio Wolfinger alerta para a necessidade de dados psicossociais mais aprofundados para que se compreenda melhor a relação entre número de parceiros e estabilidade conjugais, o que evidencia os limites da pesquisa e enfraquece sua utilização como justificativa para argumentos moralistas como os de Schutz.

Além disso, ao afirmar que mulheres virgens têm menor probabilidade de se divorciarem, o estudo utilizado por Schutz desconsidera que a ausência de experiências sexuais anteriores pode estar diretamente relacionada à aceitação de uma vida sexual insatisfatória, muitas vezes por falta de parâmetro para comparação ou por valores religiosos que desencorajam a busca pelo prazer. Esse é um aspecto que perpassa a insegurança e o ego masculino, porque ao ser comparado o homem teme que seja inferior a outros parceiros sexuais.

O influenciador tenta vincular a virgindade e a pureza sexual feminina à estabilidade conjugal, mas ignora os múltiplos e complexos aspectos que realmente influenciam um relacionamento saudável. A partir da perspectiva da *Red Pill*, ele adota uma visão simplista, associando diretamente a quantidade de parceiros sexuais às separações, sem considerar fatores culturais, econômicos, sociais, religiosos e até mesmo contextos de violência ou insatisfação sexual. Como já refletido, existem muitos outros aspectos que contribuem para um casamento duradouro, incluindo o silenciamento das mulheres. Uma pesquisa de Brewer e Hendrie (2011), realizada com 71 mulheres heterossexuais, revelou que 66% das participantes fingem orgasmos para acelerar a ejaculação do parceiro. Além disso, 92% das mulheres afirmaram que a técnica utilizada no relacionamento aumentava a autoestima de seus parceiros. E, ainda, 68% disseram que continuariam em um relacionamento com um parceiro sexualmente satisfatório, mesmo sem atingir orgasmos. Esses dados revelam como as mulheres continuam sendo socializadas para priorizar o prazer e o bem-estar do outro, muitas vezes negligenciando suas próprias necessidades. Esse comportamento não é uma escolha consciente, mas uma resposta às pressões culturais que exigem que as mulheres atendam às expectativas do parceiro. O sexo heterossexual, assim, continua marcado por desigualdade,

silenciamento e um esforço constante para manter a harmonia do relacionamento, mesmo que isso signifique negar as próprias necessidades.

Categoria 3 - As técnicas de manipulação e persuasão utilizadas pelo influenciador

No vídeo, Thiago Schutz recorre a uma técnica de persuasão que combina elementos pseudo-científicos com um apelo emocional, criando uma narrativa que se apresenta como “verdade absoluta”. O influenciador menciona de forma vaga uma pesquisa, sem citar autores ou fontes; a única referência visível no vídeo é a logo do IFS (Institute for Family Studies). Ele ainda sugere que seus seguidores pesquisem “sexual partners and divorce search” (pesquisa sobre parceiros sexuais e divórcio) no *Google* e peçam a uma inteligência artificial para ter um resumo com os “pontos-chave”. “Meu irmão, *Red Pill* é pesquisa, ciência, estatística e racionalidade desprendida de sentimento”, diz ele, mas, na realidade, ao simplificar e fragmentar o estudo, o que ele promove é uma versão distorcida da ciência, que serve mais para reforçar uma ideologia machista do que para comprovar dados objetivos.

Ao ocupar o lugar social do especialista, Schutz demonstra o que Pierre Bourdieu (2011) conceitua como poder simbólico, uma imposição de uma visão de mundo como legítima, sem necessidade de coerção, baseada no reconhecimento social da sua autoridade. Em *A dominação masculina* (2002), Bourdieu também mostra como esse poder atua para naturalizar desigualdades. Ao transformar a vida sexual das mulheres em uma métrica para medir a estabilidade conjugal, o influenciador opera uma redução moralizante, que ignora tanto a complexidade das relações humanas quanto os próprios limites metodológicos da pesquisa, que não considera dados masculinos e apresenta variações significativas ao longo das décadas analisadas.

Como escreve Guy Debord (1997, p. 39), “o espetáculo não canta os homens e as suas armas, mas as mercadorias e as suas paixões”. O discurso de Schutz converte afetos, histórias e corpos em produtos avaliados por sua suposta funcionalidade simbólica. A mulher “com passado” torna-se uma mercadoria usada, fora do padrão ideal. Sua retórica não promove debate sobre os relacionamentos, ela simplifica, dramatiza e vende certezas fáceis que alimentam o espetáculo e reforçam desigualdades estruturais sob a aparência de objetividade científica.

Categoria 4 - As redes sociais como espaço de lutas simbólicas

No contexto das redes sociais, especialmente no *Instagram*, onde Thiago Schutz dissemina suas ideias, ele contribui para a polarização e reforço de valores conservadores e controladores. Ao compartilhar uma ideia como a de que a liberdade sexual feminina resulta em instabilidade nos relacionamentos, Schutz incentiva uma visão de mundo onde o controle masculino sobre a mulher é visto como necessário para garantir a "estabilidade". Ele cria um ambiente simbólico onde a submissão das mulheres à visão tradicional de casamento e relacionamento é promovida como ideal, desafiando o empoderamento feminino e a liberdade de escolha. É um tipo de discurso reforça a construção de um espaço de lutas simbólicas no qual os seguidores são incentivados a adotar atitudes rígidas sobre o papel da mulher na sociedade e na relação afetiva, muitas vezes ignorando a complexidade e a autonomia individual das mulheres.

De acordo com Manuel Castells (1999), à medida que as redes se tornam múltiplas e interconectadas, os códigos que regem sua comunicação e as relações entre essas redes passam a exercer um papel central na maneira como as sociedades se organizam, se orientam ou se perdem. A fusão entre transformações sociais e avanços tecnológicos, especialmente no campo da informação, estabelece um novo alicerce para todas as atividades sociais. Como destaca o autor: “Essa base material construída em redes define os processos sociais predominantes, consequentemente dando forma à própria estrutura social” (Castells, 1999, p. 567). Assim, a atuação de Schutz ilustra como as redes digitais se tornaram arenas centrais de disputa simbólica: ao manipular códigos e conexões específicas, ele orienta percepções, fortalece visões conservadoras e molda diretamente a estrutura simbólica e social de seus seguidores.

6.6 Vagabundização e ingratidão: a construção da traição feminina

Neste vídeo⁸², com 161 mil visualizações, de 3 de fevereiro, Thiago Schutz relata o caso de um homem que descobriu a traição da noiva após ela adoecer, ser hospitalizada e ele precisar acessar o celular dela. O *coach* traça um perfil hipotético do homem como generoso, fiel, e disposto a abrir mão da vida de solteiro e de “opções sexuais” para casar com a mulher para dramatizar a situação e provocar indignação em outros homens. A partir disso, ele conclui que “nada mais o surpreende” e transforma o episódio em evidência da suposta ingratidão feminina. O caso é generalizado para sustentar a ideia de que as mulheres são

⁸² Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DFm0XvzxHqG/>

naturalmente interesseiras, traidoras e desleais. Ao final, Schutz afirma: “a quantidade de vagabunda que tem hoje é muito maior do que vocês podem imaginar”.



Figura 7 – Resposta de Thiago Schutz a relato de traição enviado pela caixa de perguntas do Instagram

Categoria 1: A construção da masculinidade em oposição ao feminino

Schutz, ao comentar sobre a traição da noiva, reforça uma visão de masculinidade pautada na desconfiança e na vigilância sobre as mulheres. O uso do termo “vagabunda” e a afirmação de que a traição feminina é cada vez mais comum contribuem para a construção de um ideal masculino que vê a mulher como imoral. Nesse contexto, a traição é interpretada não como uma falha da relação, mas como culpa exclusiva da mulher, que engana o homem mesmo quando ele se mostra generoso, fiel e disposto a abrir mão da vida de solteiro. A masculinidade, aqui, está diretamente ligada à necessidade de defesa e autopreservação diante da “ameaça feminina”, reforçando a oposição entre o papel do homem, como racional, e o da mulher, como impulsiva e moralmente falha.

Essa oposição também está presente na Pílula 27 – Qual mulher ele escolhe, em que Schutz afirma que os homens preferem uma mulher fisicamente atraente, virgem e falida a uma milionária “10/10” no quesito beleza, mas promíscua. Segundo ele, os homens valorizam pureza acima da segurança e que “tirando pequenas exceções, o cérebro masculino é primitivamente programado para ter repulsa quando o assunto é a promiscuidade da sua parceira. Ela pode ser uma puta na cama com ele, mas os homens são territorialistas e não vão aceitar dividir isso com outros homens” (Schutz, 2022, p. 122).

Categoria 2: A violência simbólica e discurso de ódio contra as mulheres

Há violência simbólica no vídeo porque Schutz transforma um relato de traição em um exemplo da suposta ingratidão feminina, reforçando estereótipos de que as mulheres são frias, oportunistas e incapazes de amar. Ao final do vídeo, ele afirma que “a quantidade de vagabunda que tem hoje é muito maior do que vocês podem imaginar”, normalizando um discurso de ódio que não se limita a uma experiência individual, mas recai sobre todas as mulheres.

Esse tipo de generalização vai de encontro à Pílula 4 – As Mulheres são hipergâmicas, que também opera dentro da lógica de que as mulheres estariam biologicamente programadas para se relacionar apenas com homens que ofereçam melhores condições financeiras. Schutz aponta que há milhares de anos as mulheres buscam os parceiros com base em critérios socioeconômicos, que é comum ver homens com mulheres de classes mais baixas, mas o contrário raramente acontece. Cita que existem pesquisas que dizem que 80% das mulheres querem 20% dos melhores homens.

A hipergamia resume-se a encontrar o melhor homem que ela puder para garantir sua sobrevivência e a de seus filhos, ou seja, o homem que tiver a melhor capacidade de provisão e proteção. No geral, uma mulher nunca troca um homem por outro com condições piores, mas sim por outro com as melhores capacidades citadas acima (Schutz, 2022, p. 27).

O influencer conta uma experiência pessoal, que estava saindo com uma mulher após o seu divórcio em 2018. A conexão sexual, intelectual e a parceria eram incríveis, e ele chegou a conhecer os pais da moça, que fisicamente era loira, tinha sorriso perfeito e belo corpo, uma mulher bem posicionada na prateleira do amor, como descreve Zanello (2022). Mas, de repente, as conversas diminuíram, o que gerou nele ansiedade e desespero. A moça então o chamou um dia para conversar e disse: “Nós estamos em momentos diferentes. Nossos relógios não estão alinhados”. Poucas semanas depois, ela estava em outro relacionamento, com um homem com melhores condições financeiras que ele. Ele se apropria da experiência para mostrar aos outros homens que entende sua dor e generaliza o término como sinônimo de interesse da mulher.

A pílula 35 - Mulheres também traem aponta 4 fases da “escalada da traição”, sendo a diminuição da frequência de relações sexuais com o parceiro, reaproximação com amigos do passado, novos hábitos de estilo e *hobbies*, além da falta de paciência com o parceiro e brigas por motivos banais. Para o *coach*, os homens não percebem esses sinais “porque a desonestidade manipulativa da mulher não é natural para a nossa masculinidade. Quando o assunto é manipulação, por questões de sobrevivência, as mulheres tendem a ganhar

facilmente dos homens” (Schutz, 2022, p. 155-156). É perceptível que tanto o vídeo quanto as pílulas se valem da misoginia sob o pretexto de alerta. O que se observa, na verdade é a consolidação de um discurso de ódio baseado em ressentimento e simplificação, em que as mulheres são enquadradas como interesseiras, mentirosas e manipuladora.

Categoria 3: As técnicas de manipulação e persuasão utilizadas pelo influenciador

Neste vídeo, Schutz recorre a uma técnica de manipulação que envolve a construção de uma narrativa emocional e moralmente carregada. Ele se apropria do caso específico de um homem traído para ativar inseguranças comuns entre seu público masculino, especialmente aqueles já marcados por experiências de rejeição ou traição diante de outros “mais bonitos” ou mais ricos. A técnica de persuasão opera a partir da criação de um medo implícito, que leva o público a aderir ao ponto de vista do influenciador sem espaço para questionamento. Como discute Joan Scott (1995), o gênero é uma categoria analítica central para entender como certas diferenças se tornam estruturas de desigualdade, já que relações de poder são historicamente construídas, reiteradas e naturalizadas. Ao apontar o gênero como determinante moral, Schutz reforça estereótipos que associam as mulheres à traição, ao descontrole e à falta de valor, mascarando desigualdades estruturais.

O *coach* ainda afirma “nada mais me surpreende”, uma forma de aumentar desconfiança sobre as mulheres, enquanto “a quantidade de vagabunda que tem hoje é muito maior do que vocês podem imaginar” intensifica o tom ofensivo. Como explica Zanello⁸³ (2015), em sua pesquisa sobre xingamentos atribuídos a homens e mulheres, aplicada em mais 700 pessoas, de todas as faixas etárias e classes sociais, obteve-se o seguinte resultado: os xingamentos contra mulheres costumam incidir sobre sua sexualidade (puta, vagabunda), ou sobre traços de caráter relacionais (farsante, egoísta, mentirosa). Já os voltados aos homens atacam sua produtividade ou virilidade (fracassado, viado, pobre, cafetão).

No discurso do influenciador, esses insultos não apenas manipulam emoções e disciplinam comportamentos, como também estabelecem normas de conduta moral, como a preferência explícita por mulheres virgens, vista na categoria anterior. Nesse caso, a virgindade é elevada a um fetiche de pureza, associando valor à mulher pela ausência de experiências sexuais, o que a coloca em posição de submissão e infantilização. Assim, intensifica-se o engajamento por meio do escândalo, da identificação e da ameaça.

⁸³ Por Que Xingamos Homens e Mulheres de Modo Diferente? | Valeska Zanello | TEDxUniversidadeBrasília
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6kCoRgdeNNc>

Categoria 4 - As redes sociais como espaço de lutas simbólicas

Nas redes sociais, Schutz utiliza o alcance e a visibilidade dessas plataformas para disseminar discursos de desconfiança e contribuir para um ambiente polarizador onde as mulheres são desvalorizadas e estigmatizadas. De acordo com Castells (1999, p.439), "a capacidade da rede das redes (a Rede) é tal que uma parte considerável das comunicações que acontecem na rede é, em geral, espontânea, não organizada e diversificada em finalidade e adesão". Nesse contexto, as redes sociais tornam-se arenas dinâmicas de disputa simbólica, onde narrativas conservadoras ou progressistas se confrontam. Schutz, ao repetir e amplificar discursos moralistas e punitivos contra as mulheres, participa ativamente dessa disputa simbólica, reforçando uma lógica binária e hierárquica entre os gêneros.

Além disso, Henry Jenkins (2009) discute a cultura da convergência, na qual diferentes mídias, públicos e discursos se entrelaçam. Os seguidores de Schutz não apenas consomem seus conteúdos, mas os compartilham, adaptam e ressignificam, potencializando seu alcance e influência. Assim, o *Instagram* torna-se não só palco, mas multiplicador de ideias misóginas, em que a desconfiança masculina é justificada e a figura feminina, tratada como ameaça.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo da pesquisa evidenciou que o discurso de Thiago Schutz, a partir de sua interpretação da *Red Pill*, vai além de simples posicionamento sobre masculinidade ou relacionamentos. Ele demonstra uma performance de identidade masculina que, ao mesmo tempo em que busca reafirmar um ideal de força e superioridade, expõe, de maneira paradoxal, uma crise existencial do homem contemporâneo. Schutz, ao destacar atributos como poder financeiro, controle emocional e domínio sobre as mulheres, não propõe uma masculinidade saudável ou emancipadora, mas reforça o modelo opressor patriarcal. De acordo com a *Red Pill*, a "verdade" libertadora seria a descoberta dessa hierarquia de gênero naturalizada, onde o homem é o detentor do poder e a mulher é objeto de controle. Ao incutir nos homens a ideia de que o sucesso e a valorização de sua masculinidade estão atrelados à dominação e ao controle, o *influencer* reforça estereótipos de gênero e estimula um padrão desumanizador de comportamento, onde as emoções são reprimidas em nome de uma falsa força. Em vez de promover o equilíbrio nas relações, suas ideias perpetuam a desigualdade e os estigmas de gênero, criando um ciclo que prejudica o relacionamento de ambos os sexos.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, como mulher e pesquisadora, mesmo comprometida com os princípios do feminismo e da ciência, senti medo e receio. O caso de Livia La Gatto, que impulsionou essa investigação, não é um episódio isolado, mas simboliza a agressiva reação de um movimento que se sente ameaçado pela desconstrução das normas de gênero e pela liberdade feminina. Embora até o momento eu não tenha sofrido retaliações diretas, é impossível ignorar o histórico de intimidações e violências simbólicas dirigidas a quem desafia esse tipo de discurso. A incerteza quanto às reações que este estudo pode provocar, incluindo, possivelmente, retaliações públicas na internet, revela, por si só, o ambiente de tensão que permeia esse campo de pesquisa. Como mulher que não se encaixa nos padrões da *Red Pill*, mantenho meu compromisso com a verdade e com a resistência, pois o silêncio não é uma opção. Esta dissertação, mais que uma contribuição acadêmica, é um ato de resistência.

Outro ponto relevante observado na pesquisa é o perfil do público que consome o conteúdo de Thiago Schutz, composto por indivíduos que frequentemente se percebem como "patinhos feios", frustrados com suas relações ou com dificuldades para se encaixar nos modelos convencionais de sucesso, seja no âmbito socioeconômico ou relacional. Esse perfil transcende uma faixa etária específica, aparecendo em indivíduos de diversas idades que, ao se sentirem à margem dos padrões estabelecidos, buscam respostas para suas inseguranças e

questionamentos. Contudo, essa pesquisa não teve acesso a dados de recepção específicos de idade, mas as impressões obtidas a partir das dúvidas expressas nas perguntas que Schutz recebe e responde, assim como nas narrativas pessoais e ensinamentos compartilhados em seus livros e vídeos, também são reveladoras. Muitos desses homens lidam com frustrações em diferentes estágios da vida e compartilham a sensação de não pertencimento a um modelo convencional de sucesso. Assim, a sensação de estar "no fundo do poço" os leva a buscar respostas, e a descoberta da *Red Pill*, com sua promessa de uma "verdade libertadora", se apresenta como uma solução sedutora, oferecendo uma explicação simples para suas frustrações e um sentido de pertencimento em um mundo que eles percebem como hostil aos homens.

A série "Adolescência", que lida com os conflitos dessa fase, ilustra como o discurso de Schutz pode se infiltrar nas inseguranças desse público. O humor e a ironia, muitas vezes empregados pelo influenciador, pode mascarar as violências que esse conteúdo pode gerar. A promessa de uma masculinidade "forte" e inabalável pode, em casos mais extremos, alimentar ideias perigosas, como visto em jovens que, ao se sentirem validados por esse discurso, chegam a cometer atos violentos. Embora não se enquadre no movimento *Incel*, a ideologia de Schutz compartilha semelhanças com ele, especialmente no que diz respeito à objetificação das mulheres e à busca por um poder masculino opressor. Isso pode atrair indivíduos vulneráveis, oferecendo-lhes um falso sentido de pertencimento e "empoderamento", sem perceberem os riscos dessa ideologia.

A monetização desempenha um papel central na estratégia de Thiago Schutz. Ao desacreditar psicólogos e outras fontes de apoio emocional nas redes sociais, ele se posiciona como a única alternativa "autêntica" para seus seguidores, criando uma relação de dependência em torno de sua figura. Entretanto, essa retórica não é uniforme: em seus livros, Schutz chega a defender o acompanhamento psicológico como um caminho legítimo de autoconhecimento, revelando uma contradição estratégica. No *Instagram*, onde seu conteúdo é mais emocional e provocativo, a psicologia é apresentada como ineficaz ou como parte de uma estrutura que "enfraquece" os homens e "enaltece" as mulheres.

Como constava em seu site, Thiago Schutz é formado em Publicidade e Propaganda, um aspecto que não pode ser ignorado, pois ele conhece bem os mecanismos de segmentação, linguagem e persuasão, além de poder ter tido contato com teóricos sociais e da comunicação. Mesmo que acredite genuinamente nas ideias que defende, ele adapta o tom conforme o canal e o público, adotando uma retórica mais agressiva nas redes para gerar identificação imediata e engajamento, enquanto nos livros e em debates mais extensos oferece uma versão mais

polida e reflexiva de seu discurso. Cada conselho ou “pílula” é uma oportunidade de venda, entre cursos, mentorias, livros e outros produtos pagos. Sua intenção ao se colocar como oposição à psicologia tradicional nas redes, é se tornar referência e lucrar com a vulnerabilidade de seus seguidores.

Nesse contexto que a midiatização e cultura da convergência exercem papel fundamental na sociedade, o funcionamento das plataformas digitais, baseado na visibilidade, da velocidade, do engajamento algorítmico e da monetização, favorece a propagação de conteúdos polarizados, emocionalmente carregados e de rápida circulação. Schutz compreende e instrumentaliza esses mecanismos ao construir uma persona midiática que responde às dinâmicas da cultura participativa, oferecendo respostas imediatas, narrativas identitárias e soluções simplificadas para problemas complexos. Sua autoridade simbólica não se baseia apenas no conteúdo difundido, mas também na forma como sua mensagem é moldada, otimizada e performada para se adequar aos circuitos de circulação das redes. Nesse processo, o debate de gênero é transformado em espetáculo, e a complexidade das questões é reduzida a slogans impactantes e binarismos retóricos, reforçando o apelo popular de um discurso autoritário disfarçado de emancipação.

Embora discursos associados à chamada *Red Pill* possam, em casos extremos, incentivar a violência física, o que predomina é uma violência simbólica que atravessa as relações interpessoais, molda as expectativas de performance de gênero e reconfigura as dinâmicas de poder nas relações heterossexuais. Nos conteúdos de Thiago Schutz, os recursos narrativos e comunicacionais empregados reforçam hierarquias sexuais tradicionais, apresentando o homem como naturalmente dominante e a mulher como passiva, subordinada e desonesta. Essa estrutura discursiva não apenas reproduz desigualdades históricas, mas também contribui para a legitimação da violência de gênero em um contexto de crescente intolerância e polarização político-social.

O grande perigo, portanto, está na maneira como essas narrativas distorcidas sobre os papéis de gênero podem influenciar e perpetuar uma masculinidade tóxica que, longe de ser libertadora, aprisiona. É fundamental reconhecer o impacto dessas ideias e a urgência de uma reflexão crítica sobre como as redes sociais têm sido um terreno fértil para a disseminação de discursos que mantêm as desigualdades sociais vivas. A popularidade crescente de Schutz, conquistada ao longo desta pesquisa, mais de 120 mil novos seguidores em 2 anos, evidencia o quanto a internet tem servido para a disseminação de discursos misóginos disfarçados de autoajuda. Ao invés de promover uma verdadeira evolução nos relacionamentos amorosos, ele reforça uma visão reducionista e hierárquica, oferecendo respostas fáceis para problemas

sociais complexos. Como Bell hooks observa, "pessoas críticas do feminismo culpam o movimento por toda a insatisfação que a mulher moderna encara. Nunca falam sobre patriarcado, a dominação masculina, o racismo ou a exploração de classe" (Hooks, 2024, p. 163). Esse tipo de discurso, camuflado em autoajuda e acessibilidade, tem o poder de reforçar as dinâmicas patriarcais, perpetuando a desigualdade e criando um ciclo vicioso de violência simbólica, que precisa ser enfrentado urgentemente pela academia, grandes empresas responsáveis pelas redes sociais, políticos e por toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADO. Maioria das mulheres eleitas prefeitas em 2024 é de direita ou centro. *UOL Notícias*, 28 out. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2024/10/28/maioria-das-mulheres-eleitas-prefeitas-em-2024-e-de-direita-ou-centro.htm>. Acesso em: 14 nov. 2024.

AOS Fatos. **Dado que diz que 80% das acusações de estupro são falsas não tem amparo oficial.** Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/dado-que-diz-que-80-das-acusacoes-de-estupro-sao-falsas-nao-tem-amparo-oficial/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

ARENT, M. A crise do macho. In: MATTOS, F. Bojunga; WERBA, G.; STREY, M. N. **Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 119-131.

ALVARENGA, Darlan; GRANDIN, Felipe; PINHONI, Marina; FARIAS, Victor. Mulheres ganham em média 20,5% menos que homens no Brasil. *Portal G1*, 08 de março de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/mulheres-ganham-em-media-205percent-menos-que-homens-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011. 229p.

BAROUKH, Will; FURTADO, Johnattan. *Buteco Podcast* [Reserva]. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/@ButecoPodcastLive/about>. Acesso em: 22.06. 2023.

BAROUKH, Will; FURTADO, Johnattan. Manual Red Pill: os perigos do relacionamento (com Thiago Schutz) I *Buteco Podcast* #092. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34>. Acesso em: 22.06. 2023.

BBC. *O mito sobre o uso do vibrador para tratar histeria feminina.* 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-46444693>. Acesso em: 3 abr. 2025.

BBC NEWS BRASIL. 'Adolescência': como surgiu a sinistra 'machosfera' retratada pela série. *BBC News Brasil*, 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cgl0lxnrlzeo>. Acesso em: 3 abr. 2025.

BBC NEWS BRASIL. Andrew Tate: quem é influenciador misógino e réu por estupro citado em 'Adolescência'. *BBC News Brasil*, 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cvge2n5n8zro>. Acesso em: 3 abr. 2025.

BBC NEWS BRASIL. *Por que 'Adolescência' da Netflix é aclamada como 'coisa mais próxima da perfeição na TV em décadas'.* Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ce9855x4lvgo>. Acesso em: 2 abr. 2025.

BOLA, J.J. Seja homem. [s.l.]: [s.n.], 2018.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160p.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRASIL, Bbc News. Brasil Partido: Em grupos da 'machosfera', homens debatem reação ao feminismo e técnicas de sedução. **BBC News**. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r69GAALUmDA>. Acesso em: 13.05. 2023.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Mulheres recebem 19,4% a menos que os homens, aponta 1º Relatório de Transparência Salarial. *Governo do Brasil*, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Marco/mulheres-recebem-19-4-a-menos-que-os-homens-aponta-1o-relatorio-de-transparencia-salarial>. Acesso em: 29 dez. 2024.

BRAGA, José Luiz. *Circuitos versus Campos Sociais*. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos: Intercom, 2017.

BREAKTUDO. Bruna Volpi. **Site Breaktudo**. 2023. Disponível em: <https://www.breaktudo.com/biografia/bruna-volpi/>. Acesso em: 22.06.2023.

BREWER, Gayle; HENDRIE, Colin A. Evidence to suggest that copulatory vocalizations in women are not a reflexive consequence of orgasm. *Archives of Sexual Behavior*, v. 40, n. 3, p. 559–564, 2011. DOI: 10.1007/s10508-010-9632-1.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?* Tradução de Sérgio Carrara. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Ponto positivo: Acusação falsa de assédio deve ser criminalizada?**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/enquetes/2206922/resultados#:~:text=Ponto%20positivo%3A%20Acusa%C3%A7%C3%A3o%20falsa%20de,ass%C3%A9dio%20no%20Brasil%20s%C3%A3o%20falsas>. Acesso em: 12 fev. 2025.

CAPRICHIO, Redação. Geração Z é a que passa mais tempo conectada às redes sociais no Brasil. Leia mais em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/geracao-z-e-a-que-passa-mais-tempo-conectada-as-redes-sociais-no-brasil/>. **Revista Capricho**. 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/geracao-z-e-a-que-passa-mais-tempo-conectada-as-redes-sociais-no-brasil/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: do conhecimento à ação política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p.241-82, 2013.

CORTES, V. **Ventura em Cortes**. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/@VenturaemCortes/about>. Acesso em: 01.10. 2023.

COSTA, Cristyan. Sentar de pernas abertas agora é considerado machismo. *Revista Oeste*, 2 mar. 2023. Disponível em: <https://revistaoste.com/brasil/sentar-de-pernas-abertas-agora-e-considerado-machismo/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CNN BRASIL. Apesar de maior escolarização, mulheres têm menores rendimentos e participação no mercado de trabalho, diz IBGE. *CNN Brasil*, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/apesar-de-maior-escolarizacao-mulheres-tem-menores-rendimentos-e-participacao-no-mercado-de-trabalho-diz-ibge/>. Acesso em: 29 dez. 2024.

CNN BRASIL. Mulheres vereadoras eleitas. *CNN Brasil*, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/eleicoes/mulheres-veradoras-eleitas/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

CNN BRASIL. Threads, concorrente do Twitter criado pela Meta, será lançado nesta semana. *CNN Brasil*, 3 jul. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/threads-concorrente-do-twitter-criado-pela-meta-sera-lancado-nesta-semana/>. Acesso em: 8 mar. 2025.

DA REDAÇÃO. Livia La Gatto sobre ameaças de coach: 'Fico feliz que pelo humor eu tenha conseguido intimidar um homem'. *Revista Marie Claire*, fevereiro de 2023. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/violencia-de-genero/noticia/2023/02/livia-la-gatto-sobre-ameacas-de-coach-fico-feliz-que-pelo-humor-eu-tenha-conseguido-intimidar-um-homem.ghtml>. Acesso em: 22.06. 2023.

DA REDAÇÃO G1. Livia La Gatto: quem é a atriz e humorista conhecida por fazer sátiras e que acusa coach de ameaçá-la de morte. *Portal G1*, 28 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/02/28/livia-la-gatto-quem-e-a-atriz-e-humorista-conhecida-por-fazer-satiras-e-que-acusa-coach-de-ameaca-la-de-morte.ghtml>. Acesso em: 22.06.2023.

DA REDAÇÃO. Thiago Schutz: quem é o coach que trocou de nome e é acusado por atriz de fazer ameaça de morte. *Portal G1*, São Paulo, 27 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/02/27/thiago-schutz-quem-e-o-coach-apontado-por-ameaca-de-morte-contr-a-atriz.ghtml>. Acesso em: 22 jul. 2023.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DUPUIS-DÉRI, F. Le “masculinisme”: une histoire politique venue mot (en anverems et en français). *Recherches féministes*, v. 22, n. 2, p. 97-123, 2009.

EL PAÍS. O caso Neymar e a cultura da desconfiança das denúncias de estupro no Brasil. *El País*, 11 set. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/10/deportes/1568138277_598190.html. Acesso em: 12 fev. 2025.

EVERYBODYWIKI. Thiago Schutz. 2023. Disponível em: https://pt.everybodywiki.com/Thiago_Schutz. Acesso em: 22.06. 2023.

FAUSTO NETO, Antônio. **Fragmentos de uma Analítica da Mídia**. São Paulo: Annablume, 2018.

FBSP. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. 2024. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/>. Acesso em: 08.01.2024.

FLYNN, Frank; ANDERSON, Cameron. **Heidi Roizen**. Boston: Harvard Business School, 2000. Disponível em: https://leadership-resources.com/wp-content/uploads/2020/11/Heidi_Roizen.pdf. Acesso em: 23 abr. 2025.

FOLHA DE S. PAULO. Conheça livros infantis que ensinam crianças a se proteger de abuso sexual. **Folha Social+**, São Paulo, 16 maio 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-social-mais/2023/05/conheca-livros-infantis-que-ensinam-criancas-a-se-proteger-de-abuso-sexual.shtml>. Acesso em: 3 abr. 2025.

FOUCAULT, M. A. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 77p.

GARÓFALO, N. Lilly Wachowski explica narrativa trans por trás de Matrix. **Omelete**. 2020. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/matrix/matrix-metafora-transsexual-lilly-wachowski>. Acesso em: 15.01.2024.

Ging, D. (2019). Alphas, betas, and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere. **Men and Masculinities**, 22(4), 638–657. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1097184X17706401>. Acesso em: 5 abr. 2025.

G1. Caso Gabi Jacinto: o que a situação da 'esposa troféu' pode ensinar sobre união estável. **Portal G1**, 22 mar. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/educacao-financeira/noticia/2025/03/22/caso-gabi-jacinto-o-que-a-situacao-da-esposa-trofeu-pode-ensinar-sobre-uniao-estavel.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2025.

G1. Estudo identifica crescimento do discurso de ódio contra mulheres na internet. **Jornal Nacional**, 13 dez. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/12/13/estudo-identifica-crescimento-do-discurso-de-odio-contra-mulheres-na-internet.ghtml>. Acesso em: 29 dez. 2024.

G1. Homem que estuprou jovem deixada em rua de BH após show é condenado pela Justiça. **Portal G1**. 26 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/02/26/homem-que-estuprou-jovem-deixada-em-rua-de-bh-apos-show-e-condenado-pela-justica.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2025.

G1. Najila e ex-marido são absolvidos pela Justiça de SP da acusação de fraude no caso Neymar. **Portal G1**, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/11/19/najila-e-ex-marido-sao-absolvidos-pela-justica-de-sp-da-acusacao-de-fraude-no-caso-neymar.ghtml>. Acesso em: 12 fev. 2025.

G1 Tecnologia. 'Acho que a energia masculina é boa e a cultura corporativa estava fugindo dela', diz Mark Zuckerberg. *Portal G1*, 11 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/01/11/acho-que-a-energia-masculina-e-boa-e-a-cultura-corporativa-estava-fugindo-dela-diz-mark-zuckerberg.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2025.

G1 Tecnologia. Meta passa a permitir que doença mental seja vinculada a gênero ou orientação sexual em posts no Facebook, Instagram e Threads. *Portal G1*, 07 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/01/07/meta-passa-a-permitir-que-doenca-mental-seja-vinculada-a-genero-ou-orientacao-sexual-em-posts-no-facebook-instagram-e-threads.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2025.

G1 SP. Thiago Schutz: quem é o coach que trocou de nome e é acusado por atriz de fazer ameaça de morte. *Portal G1*. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/02/27/thiago-schutz-quem-e-o-coach-apontado-por-ameaca-de-morte-contra-atriz.ghtml>. Acesso em: 22.06.2023.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2013. 231p.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. V.1. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GSHOW. Gabi Jacinto: a 'esposa troféu' ganhou R\$ 1 milhão em joias após aceitar união com separação total de bens. *Gshow*, 22 mar. 2025. Disponível em: <https://gshow.globo.com/cultura-pop/famosos/noticia/gabi-jacinto-a-esposa-trofeu-ganhou-r-1-milhao-em-joias-apos-aceitar-uniao-com-separacao-total-de-bens-exigi-um-presente-bom.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2025.

HARTL, J. **1960**: Primeira pílula anticoncepcional chega ao mercado. 2015. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1960-primeira-p%C3%ADlula-anticoncepcional-chega-ao-mercado/a-611248>. Acesso em: 10.01.2024.

HJARVARD, Stig. Midiatização: conceituando a mudança social e cultural. *MATRIZES*, 8(1), p. 21–44, 2014.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

IPEA, A. Brasil tem cerca de 822 mil casos de estupro a cada ano, dois por minuto. 2023. **Portal IPEA**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/porta/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13541-brasil-tem-cerca-de-822-mil-casos-de-estupro-a-cada-ano-dois-por-minuto>. Acesso em: 10.01.2024.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009a.

JAYE, Cassie. **The Red Pill - Men's Rights DOCUMENTARY**. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q7MkSpJk5tM&t=967s>. Acesso em: 15 fev. 2024.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Revista Comunicare**, São Paulo, v. 17, edição comemorativa, p. 46-61, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341983923_Influenciadores_digitais_conceitos_e_praticas_em_discussao. Acesso em: 9 mar. 2025.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. In: CORRÊA, Elizabeth Saad; ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (Org.). **Tendências em comunicação digital**. São Paulo: ECA-USP, 2016. p. 38-59. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315114355_Influenciadores_digitais_o_Eu_como_mercadoria. Acesso em: 9 mar. 2025.

LAWSON, C. E. (2018). Platform vulnerabilities: Harassment and misogynoir in the digital attack on Leslie Jones. **Information, Communication & Society**, 21(6), 818-833. <https://doi.org/10.1080/1369118x.2018.1437203>.

LEAL, A. 'Processo ou bala': agora réu, Thiago Schutz pode ser condenado a até 6 anos de prisão por ameaça e violência psicológica. **O Globo**. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/03/processo-ou-bala-agora-reu-thiago-schutzpode-ser-condenado-a-ate-6-anos-de-prisao-por-ameaca-e-violencia-psicologica.ghml>. Acesso em: 02.08.2023.

LIMA, Edgley Duarte de. **A produção de masculinidades na comunicação institucional da política de saúde do homem no Brasil**: entre fronteiras e sentidos. 2018. 145 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2018.

LIMA, Luciellen Souza. **A Travessia do analógico para o digital**: as mudanças no processo de produção de notícias na TV Paraíba. 2015. 99 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

MAGALHÃES, L. O uso da Lei Maria da Penha como instrumento de vingança é um mito. **Revista AzMina**. 2017. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/o-uso-da-lei-maria-da-penha-como-instrumento-de-vinganca-e-um-mito/>. Acesso em: 21.01.2024.

MATÉRIA, Toda. O que é a Lei Maria da Penha?. **Toda Política**. Disponível em: <https://www.todapolitica.com/lei-maria-da-penha/>. Acesso em: 13.08.2023.

MOURA, J. Femicídio em alta afasta Brasil da igualdade de gênero. **Brasil de Fato**. 27 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/27/femicidio-em-alta-afasta-brasil-da-igualdade-de-genero#:~:text=Em%2013%20de%20novembro%2C%20o,maior%20n%C3%BAmero%20da%20s%C3%A9rie%20hist%C3%B3rica..> Acesso em: 08.01.2024.

MEDRADO, Benedito. **A Masculinidade na Propaganda Televisiva Brasileira**. 1997. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo – SP, 1997.

MENON, I. Todas as formas de violência contra mulher aumentam em 2022, diz pesquisa. **Portal Uol/Folha**. 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/todas-as-formas-de-violencia-contramulher-aumentam-em-2022-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 14.08. 2023.

NETO, Wesley. **Empresa processa 'coach do Campari' e pede que YouTube penhore pagamentos.** 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/11/09/empresa-processa-coach-do-campari-e-pede-que-youtube-bloqueie-pagamentos.htm>. Acesso em: 08 jan. 2024.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.

NORONHA, Heloísa. MGTOW, Red Pill, Incel, Sigma, Alfa: o que significam esses termos? **Portal Terra**, 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/mgtow-red-pill-incel-sigma-alfa-o-que-significam-esses-terminos,54f26d36b87e9beb8599f756abe6370748f0erwp.html>. Acesso em: 15 jan. 2024

O GLOBO. Gisele Pelicot: de sobrevivente de estupro em série a ícone feminista. **O Globo**, 19 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2024/12/19/gisele-pelicot-de-sobrevivente-de-estupro-em-serie-a-icone-feminista.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2025.

O GLOBO. País bate recorde de feminicídios e registra um estupro a cada seis minutos, indica Anuário de Segurança. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 jul. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/07/18/pais-bate-recorde-de-feminicidios-e-registra-um-estupro-a-cada-seis-minutos-indica-anuario-de-seguranca.ghtml>. Acesso em: 29 dez. 2024.

O GLOBO. Trump demite 1ª mulher a liderar uma força armada dos EUA horas depois de tomar posse. **O Globo**, 21 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2025/01/21/trump-demite-1a-mulher-a-liderar-uma-forca-armada-dos-eua-horas-depois-de-tomar-posse.ghtml>. Acesso em: 22 jan. 2025.

OLIVEIRA, Caroline. Brasil não possui dados oficiais sobre falsas denúncias de estupro, mas culpabiliza vítimas. **Diário do Centro do Mundo**, 2021. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/brasil-nao-possui-dados-oficiais-sobre-falsas-denuncias-de-estupro-mas-culpabiliza-vitimas-por-caroline-oliveira/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

OLIVEIRA, R. C. de; SILVA, R. da. Masculinismo e misoginia na sociedade brasileira: uma análise dos discursos dos adeptos ao masculinismo nas redes sociais. **Revista Philologus**, v. 27, n. 81, p. 1609-1625, 2021.

OLIVEIRA, A.L.O. Da histeria à sociedade do espetáculo. **Anais do Intercom Nacional**, 2023.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 9. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

OPINION BOX. Pesquisa Instagram: hábitos e comportamentos dos usuários da rede social. *Opinion Box*, 19 maio 2023. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/>. Acesso em: 1 mar. 2025.

PEREZ, O. C.; RICOLDI, A. Ma. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: Monterrey: **Anais** do X Congresso Latino-Americano de Ciência Política. Monterrey. México: ALACIP. 2019.

PINTO, C. R. J. Feminismo, História e Poder. In: **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, jun.2010.

PITANGA, Artur Vandrê; FREITAS, Darla Corrêa de; SAHIUM, Sara Langsdorff. A Masculinidade como Construção Social: um olhar analítico comportamental. In: V SEMINÁRIO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UNIEVANGÉLICA, 5., 2020, Goiás. **Anais [...]**. Goiás: Unievangélica, 2020.

PILL, The Red. **The Red Pill**. 2012. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/TheRedPill/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

POLO, Rafaela; GRANDIN, Felipe; PINHONI, Marina; FARIAS, Victor. Apenas 12% das cidades brasileiras têm prefeitas mulheres; negras são 4%. **Portal UOL**, 01 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/05/01/apenas-12-das-cidades-brasileiras-tem-prefeitas-mulheres---negras-sao-4.htm>. Acesso em: 15 ago. 2023.

POSTINGUEL, D. A pesquisa sobre as masculinidades no campo da comunicação: estado da arte de teses e dissertações na base Capes entre 1999 e 2018. **Signos do Consumo**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 32-44, 2021. DOI: 10.11606/issn.1984-5057.v13i1p32-44. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/173945>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PRAZERES, Leandro. Frei Gilson: quem é o sacerdote anticomunista criticado pela esquerda e abraçado pelo bolsonarismo. **BBC News Brasil**, 13 mar. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn89295y7jzo>. Acesso em: 15 mar. 2025.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. **Reputação, popularidade e autoridade em redes sociais na internet**. Disponível em: http://www.raquelrecuero.com/arquivos/reputacao_popularidade_e_autoridade_em_redes_sociais_na_internet.html. Acesso em: 9 mar. 2025.

REDAÇÃO. Bolsonaro: “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”. **Revista Fórum**, 08 de abril de 2017. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2017/4/5/bolsonaro-eu-tenho-filhos-foram-homens-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-veio-uma-mulher-19902.html>. Acesso em: 22 fev. 2024.

REDAÇÃO MARIE CLARIE. Livia La Gatto sobre ameaças de coach: 'Fico feliz que pelo humor eu tenha conseguido intimidar um homem'. **Marie Claire**, 2023. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/violencia-de-genero/noticia/2023/02/livia-la-gatto->

sobre-ameacas-de-coach-fico-feliz-que-pelo-humor-eu-tenha-conseguido-intimidar-um-homem.ghml. Acesso em: 22 jul. 2023.

RESISTADOTBLOG. De Lauretis: básico. *Resistadotblog*, 29 mar. 2018. Disponível em: <https://resistadotblog.wordpress.com/2018/03/29/de-lauretis-basico/>. Acesso em: 29 dez. 2024.

REUTERS. Andrew Tate deixa prisão domiciliar e aguardará em liberdade julgamento por suspeita de tráfico humano e estupro. *Portal G1*, 09 de agosto de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/08/04/andrew-tate-deixa-prisao-domiciliar.ghml>. Acesso em: 05 fev. 2024.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Questão comunicacional e formas de sociabilidade: comunicação e espaço público. São Paulo: Paulus, 1990.

SALGADO, Danielle. **Pesquisa TikTok no Brasil:** hábitos e comportamento dos usuários da rede que não para de crescer! 2024. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-tiktok-no-brasil/#:~:text=A%20rede%20social%20j%C3%A1%20ultrapassou,ativos%20em%20janeiro%20de%202022..> Acesso em: 05 fev. 2024.

SANTAELLA, Lucia. **O circuito dos afetos.** Disponível em: https://luciasantaellaoficial.com/f/o-circuito-dos-afetos?blogcategory=Redes+ Sociais&utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 9 mar. 2025.

SCHUTZ, T. **Elite Masculina.** 2023. Disponível em: <https://elitemasculina.com.br/>. Acesso em: 22.07.2023.

SCHUTZ, T. **Pink e Pill** (oficial). Disponível em: <https://www.youtube.com/@pinkpilloficial6428/about>. Acesso em: 15.08.2023.

SHOW, Morning. Thiago Schutz e Rozana Barroso debatem sobre feminismo e relacionamento; confira na íntegra. *Morning Show*, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IC1dfMqUjuo>. Acesso em: 01.10.2023.

SCHUTZ, T. **O livro das Red Flags:** os comportamentos femininos que podem arruinar a vida do homem moderno. 2. ed. – Salto, SP: Expansão Masculina, 2022.

SCHUTZ, T. **Pílulas de realidade:** autoconhecimento, propósito, dinheiro e mulheres. 2. ed. Salto, SP: Expansão Masculina, 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-99, jul. 1995. Semestral.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e. **MASCULINISMO:** misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil. 2023. 242 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais /Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Sobre o g1. Disponível em: <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006

SOESCOLA. Quem é Musônius Rufo na filosofia? Disponível em: https://resumos.soescola.com/glossario/quem-e-musonius-rufus-na-filosofia/#google_vignette. Acesso em: 23 jan. 2025.
Se precisar de outro formato, é só avisar!

SUZUKI, Shin. **Como coaches da 'redpill' atraem adeptos na esteira da crise da masculinidade.** 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2v1y49yp6vo>. Acesso em: 05 fev. 2024.

TAKAHASHI, Luana. Quem é a bispa Mariann Edgar Budde, que enfrentou Trump em celebração. **Portal UOL**, 22 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2025/01/22/quem-e-a-bispa-mariann-edgar-budde.htm>. Acesso em: 22 jan. 2025.

TOMAZ, Kleber. Justiça de SP suspende por dois anos processo contra Thiago Schutz por ameaça e violência psicológica contra atriz e cantora. **Portal G1**, 09 de novembro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/11/09/justica-de-sp-suspende-por-dois-anos-processo-contra-thiago-schutz-por-ameaca-e-violencia-psicologica-contra-atriz-e-cantora.ghtml>. Acesso em: 08 jan. 2024.

THOMPSON, J.B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, J.B. A interação mediada na era digital. **MATRIZES**, v.12, n.3, p.17-44, 2018.

TRABALHO, Tribunal Superior do. **Assédio sexual:** o que é, quais são os seus direitos e como prevenir? 2023. Disponível em: <https://www.tst.jus.br/assedio-sexual>. Acesso em: 15 ago. 2023.

UNITED NATIONS. **According to UN Women, IPU Women in Politics 2023:** Map of Women's Participation in Politics Still Far from Equal. 2023. Disponível em: <https://turkiye.un.org/en/224322-according-un-women-ipu-women-politics-2023-map-womens-participation-politics-still-far>. Acesso em: 19 jan. 2025.

UOL. Livia La Gatto sobre ida à delegacia: 'Volta outro dia'. **Universa/UOL**, São Paulo, 5 nov. 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2024/11/05/livia-la-gatto-sobre-ida-a-delegacia-para-denunciar-ameaca-volta-depois.htm>. Acesso em: 2 abr. 2025.

VALADARES, João. **Andrew Tate foi expulso do Facebook e do Instagram. A causa? Discurso de ódio contra as mulheres.** 2022. Disponível em: <https://magg.sapo.pt/atualidade/atualidade-internacional/artigos/andrew-tate-foi-expulso-do-facebook-e-do-instagram-a-causa-discurso-de-odio-contra-as-mulheres>. Acesso em: 05 fev. 2024.

VARELLA, Drauzio. **Brasil tem aumento nas taxas de suicídio e automutilação.** *Drauzio Varella*. 19 jan. 2025. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/psiquiatria/brasil-tem-aumento-nas-taxas-de-suicidio-e-automutilacao/>. Acesso em: 19 jan. 2025.

VEJA. Adolescência alcança marco histórico de audiência na Netflix. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/adolescencia-alcanca-marco-historico-de-audiencia-na-netflix/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

VELASCO, C.; GRANDIN, F.; PINHONI, M.; FARIAS, V. Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas. *Portal G1*, 08 de março de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>. Acesso em: 15.08.2023.

VELASCO, Clara. Número de assassinatos cai 1% no Brasil em 2022. *Portal G1*, 01 de março de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/01/numero-de-assassinatos-cai-1percent-no-brasil-em-2022.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2023.

VERÓN, Eliseo. **Teoria da Midiatização: Uma Perspectiva Semioantropológica e Algumas de suas Consequências.** Buenos Aires: Editorial Biblos, 2014.

VETTORE, Rebecca. O que é feminicídio e qual é a punição para esse crime? *Portal UOL*, 28 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/08/28/o-que-e-feminicidio-e-qual-e-a-punicao-para-esse-crime.htm>. Acesso em: 15 ago. 2023.

VICKERY, J. R. (2018). This isn't new: Gender, publics, and the internet. In J. R. Vickery & T. Everbach (Eds.), **Mediating misogyny: Gender, technology, & harassment** (pp. 31-49). Palgrave MacMillan.

WHELAN, Bridget. **Why do men feel threatened by women?** 2017. Disponível em: <https://bridgetwhelan.com/2017/11/05/why-do-men-feel-threatened-by-women-asked-margaret-atwood-quotes-for-writers-and-everyone/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

WIKIPEDIA. **Big Brother (reality show).** 2024. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Big_Brother_\(reality_show\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Big_Brother_(reality_show)). Acesso em: 05 fev. 2024.

WIKIPÉDIA. **Campari.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Campari>. Acesso em: 22 jul. 2023.

WIKIPÉDIA. **Facebook**. 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>. Acesso em: 05 fev. 2024.

WIKIPÉDIA. **Leonardo DiCaprio**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Leonardo_DiCaprio. Acesso em: 17 abr. 2025.

WIKIPÉDIA. **Libertação masculina**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Liberta%C3%A7%C3%A3o_masculina. Acesso em: 16 ago. 2023.

WIKIPÉDIA. **Ovídio**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ov%C3%ADdio>. Acesso em: 22 jan. 2025.

WIKIPÉDIA. **Oscar Wilde**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Oscar_Wilde. Acesso em: 17 abr. 2025.

WIKIPÉDIA. **Matrix**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Matrix>. Acesso em: 10 ago. 2023.

WIKIPÉDIA. **Metamorfoses**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metamorfoses#:~:text=A%20Metamorfoses%20de%20Ov%C3%ADdio%20poderia,que%20s%C3%A3o%20transformadas%20em%20sons%2C>. Acesso em: 22 jan. 2025.

WIKIPÉDIA. **Reddit**. 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Reddit>. Acesso em: 22 fev. 2024.

WIKIPÉDIA. **Simone de Beauvoir**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Simone_de_Beauvoir. Acesso em: 17 ago. 2023.

WIKIPÉDIA. **Vanessa de Oliveira**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vanessa_de_Oliveira. Acesso em: 22 jul. 2023.

WIKIPÉDIA. **Top Gun: Maverick**. 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Top_Gun:_Maverick. Acesso em: 10 jan. 2024.

WIKIPEDIA. **Tumblr**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Tumblr>. Acesso em: 19 abr. 2025.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WOLFINGER, Nicholas H. *Counterintuitive Trends in the Link Between Premarital Sex and Marital Stability*. Institute for Family Studies, 6 jun. 2016. Disponível em: <https://ifstudies.org/blog/counterintuitive-trends-in-the-link-between-premarital-sex-and-marital-stability/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor**. Curitiba: Appris, 2022.

ZANELLO, Valeska. **Diferenças dos xingamentos entre homens e mulheres**. YouTube, 15 maio 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6kCoRgdeNNc>. Acesso em: 19 abr. 2025.

ZUCKERBERG, Donna. **Not all dead white men**: classics and misogyny in the digital age. Londres: Harvard University Press, 2018